Organização, notícia biográfica, notas e seleção de textos por Geraldo magela da Silva Araujo

O Memorialista capixaba

Padre-mestre Francisco Antunes de Siqueira: vida e obra

coleção Roberto Almada

O MEMORIALISTA CAPIXABA

PADRE-MESTRE FRANCISCO ANTUNES DE SIQUEIRA: VIDA E OBRA

PREFEITURA DE VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira
(Presidente)

Getúlio Marcos Pereira Neves
(1º Vice-Presidente)

Romulo Felippe
(1º Secretário)

Marcos Tavares
(1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

– PREFEITURA DE VITÓRIA -

Lorenzo Pazolini
(Prefeito Municipal)

Estéfane da Silva Franca Ferreira
(Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada
(Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha
(Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

Organização, notícia biográfica, notas e seleção de textos por Geraldo Magela da Silva Araujo

O MEMORIALISTA CAPIXABA

PADRE-MESTRE FRANCISCO ANTUNES DE SIQUEIRA: VIDA E OBRA

SMC

Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria Municipal de Cultura – Vitória
2023

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2023

CONSELHO EDITORIAL
Adilson Vilaça * Álvaro José Silva * Ester Abreu Vieira de Oliveira
Elizete Terezinha Caser Rocha * Fernando Achiamé
Francisco Aurélio Ribeiro * Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Geraldo Magela da Silva Araújo
REVISÃO: Farrel Kautelly
CAPA E EDITORAÇÃO: Wilbett Oliveira
IMPRESSÃO: Editora Cajuína

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública Municipal Adelpho Poli Monjardim, Vitória/ES)

M533 O memorialista capixaba: padre-mestre Francisco Antunes de Siqueira : vida e obra / organização, notícia biográfica, notas e seleção de textos por Geraldo Magela da Silva Araújo. – Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2023.
132 p. ; 21 cm.— (Coleção Roberto Almada, 36).

ISBN : 978-65-85121-72-9

Publicação em convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Academia Espírito-Santense de Letras.

1.Literatura brasileira – Crítica e interpretação. 2. Poesia brasileira. I. Siqueira, Francisco Antunes de, 1832-1897. II. Araújo, Geraldo Magela da Silva. III. Série.

CDD B869.0952
B869.152
CDU 869.0(81)-09

Distribuição gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória "Adelpho Poli Monjardim"
bmunicipalvitoria@gmail.com
55 27 3381.6926

A fé anima, a esperança consola
e os sofrimentos galardoam!
Profundos arcanos da Providência
quem poderá penetrar?
Padre Francisco Antunes de Siqueira
"Esboço histórico"

Qual é o crítico mais sábio, que se não tenha enganado nos detalhes de suas apreciações históricas, por mais bem empregadas que sejam as regras da crítica e hermenêutica?
Padre Francisco Antunes de Siqueira
"A causa dos nossos erros"

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....9
CRONOLOGIA.....11
NOTÍCIA BIOGRÁFICA
I - NASCIMENTO E INFÂNCIA.....17
II - JUVENTUDE E FORMAÇÃO SACERDOTAL.....21
III - RETORNO AO ESPÍRITO SANTO
MINISTÉRIO SACERDOTAL EM CARAPINA.....24
IV - O TERCEIRO PÁROCO DE ARACRUZ.....26
V - O ADVOGADO PADRE ANTUNES.....40
VI - O POLÍTICO PADRE ANTUNES.....41
VII - SEU MINISTÉRIO EM CONCEIÇÃO DA BARRA.....44
VIII - CAPELANIA DA COMPANHIA
DE APRENDIZES MARINHEIROS.....46
IX - SUSPENSÃO DE ORDENS SACRAS. POLÊMICA.....48
X - MAÇONARIA.....54
XI - MINISTÉRIO SACERDOTAL EM VITÓRIA
ORADOR SACRO.....57
XII - PADRE-MESTRE. MAGISTÉRIO EM VITÓRIA.....63
XIII - O ABOLICIONISTA.....65
XIV - O ESCRITOR E MEMORIALISTA.....69
XV - PADRE ANTUNES E SEUS FILHOS.....74
XVI - INÍCIO DO MINISTÉRIO SACERDOTAL
EM VILA VELHA.....76
XVII - POSSE E VISITA PASTORAL
DO PRIMEIRO BISPO DO ESPÍRITO SANTO.....78
XVIII - FALECIMENTO E SEPULTAMENTO.....83
XIX - HOMENAGENS.....87

ANTOLOGIA - POEMAS.....88
ANTOLOGIA - PROSAS.....100
NOTAS.....116
REFERÊNCIAS.....128

APRESENTAÇÃO

A Academia Espirio-santense de Letras (AEL), desde 1998, com a Coleção Roberto Almada, nome de um acadêmico, poeta, jornalista, professor, e dramaturgo, terceiro ocupante da Cadeira 27, presta homenagem a esse acadêmico e procura dar lume a escritores capixabas. Com a Coleção José Costa, ela oferece um tributo a esse jornalista, cronista, e escritor capixaba, e busca recuperar a memória literária do Estado do Espírito Santo.

Essas duas coleções possuem uma grande abrangência social. Nela já foram publicados, desde 2007, mais de 50 livros com uma boa aceitação do público leitor e da critica especializada.

As obras inseridas nessas coleções são produtos de um trabalho intelectual e voluntário de acadêmicos e ou de convidados que se preocupam não só com a preservação de obras já esquecidas e esgotadas em sua edição, mas, também, com a atualidade de conhecimento da produção literária no Espírito Santo e com a oferta de uma boa leitura a um público em geral.

A realização das publicações se deve à Secretaria Municipal de Cultura da PMV e a AEL, de acordo com as indicações do Conselho Editorial da AEL/PMV que, além dessas coleções, participa de os "Escritos de Vitória", que absorvem escritores diversos que desejam expressar suas emoções com temas relacionados à cultura e à literatura, com base na memória, ou na vida em geral, da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

Na série da coleção Roberto Almada, já foram publicados ensaios sobre escritores do nosso Estado, entre eles Maria Antonieta Tatagiba, Virgínia Tamanini, Haydée Nicolussi, Newton Freitas, Lacy Ribeiro, José Carlos de Oliveira, Alvino Gatti, Achille Viváqua, e Saul Navarro. Neste ano são apresentadas ao público leitor as obras: "Ciro Vieira da Cunha: vida e obra", organizada por Francisco Aurélio Ribeiro, e "Memorialista capixaba Padre mestre Francisco Antunes de Siqueira: vida e obra, organizada por Geraldo Mazela, e as "Lendas Capixabas" de Maria Stella Novaes, via oral, para acessibilidade a aqueles que apresentem vulnerabilidade na visão.

Na série de José Costa a obra apresentada é "Esboço Histórico dos costumes do Povo Espírito-santense" sob a coordenação de Fernando Achiamé, mas entre as já publicadas estão: *Lendas Capixabas*, de Maria Stella Novaes, *Insurreição do Queimado*, *Afonso Cláudio*, Trovas e Cantares Capixabas, *Homens e Cousas Espírito-santenses, O Estado do Espírito Santo e os Espírito-santenses*, e Patronos e Acadêmicos.

O objetivo dessas publicações, que atendem aos projetos da AEL de "Incentivo à Cultura Literária", é promover o acesso democrático à leitura, à literatura e à cultura capixaba.

A AEL, associação cultural sem fins lucrativos, comemorou este ano 102 anos de existência. Ela foi fundada em 04 de setembro de 1921, com vinte membros, e passou, em 1939, para quarenta membros. Sua sede, em Vitória (ES), se encontra na antiga casa do acadêmico Prof. Kosciuszko Barbosa Leão, na Praça João Clímaco, na Cidade Alta, onde se realizam reuniões e se acolhem visitantes e pesquisadores em sua biblioteca Saul Navarro. Ela tem um site que procura estar atualizado

A AEL tem como finalidade incentivar a cultura, divulgar e estimular a criação de bibliotecas, e promover a formação de associações culturais, a organização de concursos literários, a realização de cursos e reuniões de altos estudos, a reedição de obra de seus patronos e membros falecidos, a publicação literárias periódica de obras de literatura, história e cultura do Espírito Santo, a conservação da biblioteca e dos arquivos próprios, o intercâmbio com outras associações, a participação de projetos que visem à integração cultural das nações de língua portuguesa, e a realização de pesquisas com vista ao desenvolvimento literário e cultural do Espírito Santo.

Entre os membros da AEL se encontram representantes no Conselho Estadual de Cultura, e em participação de premiação de concursos, na organização de antologias, na participação de congressos nacionais, e internacionais, e em palestras em escolas. Muitos de seus acadêmicos têm recebidos premiação por sua atividade literária com prêmios nacionais e internacionais e apresentam constantes publicações de livros.

A AEL agradece ao Prefeito Lorenzo Pazzolini e ao Secretário de Cultura Eduardo Henning Louzada o apoio para a publicação destas coleções, mediando a parceria com a PMV, pois sentiram que com a leitura dessas obras que focam nossa terra, com seus homens, sua história e geografia, os leitores conhecerão mais ainda um pouco dos que contribuíram para a permanência da memória literária do Espírito Santo.

Vitória, 11 de dezembro de 2023

Ester Abreu Vieira de Oliveira
Presidente da AEL

CRONOLOGIA

3 de fevereiro de 1832 – Nasceu Francisco Antunes de Siqueira em Vitória, filho de Francisco Antunes de Siqueira e de Maria Luiza do Rosário.

10 de março de 1832 – Foi batizado na matriz de Vitória.

7 de janeiro de 1839 – Entrou para escola do professor Inácio dos Santos Pinto.

12 de fevereiro de 1849 – Entrou para o "Seminário Episcopal São José", da então diocese do Rio de Janeiro, com 17 anos de idade.

12 de setembro de 1849 – Recebeu os quatro graus de ordens menores.

30 de dezembro de 1850 – Perdeu o seu pai, falecido ainda aos 51 anos de idade.

11 de maio de 1851 – Foi convidado por Dom Manuel Joaquim da Silveira para servir como secretário do bispado do Maranhão, recusando a pedido da mãe.

22 de junho de 1853 – Entrou para a Irmandade de São Pedro Apóstolo.

10 de julho de 1853 – Foi ordenado subdiácono.

24 de julho de 1853 – Foi ordenado diácono. Neste ano já lecionava Latim e Português no "Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara" e também no "Colégio Tautphoeus", do Rio de Janeiro.

5 de novembro de 1854 – Foi ordenado presbítero, aos 22 anos de idade, por Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo.

21 de novembro de 1854 – Cantou sua primeira missa na capela de Santa Ifigênia da rua da Alfândega, no Rio de Janeiro.

20 de janeiro de 1855 – Tomou posse como pároco encomendado da freguesia de São João, de Carapina, Serra-ES.

5 de abril de 1856 – Foi nomeado professor da cadeira de primeiras letras da mesma freguesia de Carapina.

8 de novembro de 1856 – Deixou a freguesia de Carapina, sua primeira paróquia. Passou a exercer o magistério no 'Liceu de Vitória' como professor de Retórica.

16 de fevereiro de 1857 – Tomou posse como vigário encomendado da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz (Aracruz-ES).

9 de maio de 1857 – Foi lançada a pedra fundamental da nova matriz de Santa Cruz.

1858 e 1859 – Foi deputado provincial na 12ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo pelo Partido Conservador.

16 de maio de 1859 – Prestou os exames para provimento das freguesias vagas no Espírito Santo.

Junho de 1859 – Foi apresentado como pároco da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz.

25 de maio de 1859 – Nomeado vigário da vara da nova comarca eclesiástica de Santa Cruz, Nova Almeida de Linhares por provisão do bispo diocesano.

12 de agosto de 1859 – Tornou-se pároco colado da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz por carta imperial de Dom Pedro II.

23 de outubro de 1859 – Tomou posse como pároco colado da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz (Aracruz).

26 de janeiro de 1860 – Pregou o sermão de acolhida de Suas Majestades Imperiais na capela de São Tiago do antigo colégio dos jesuítas, em Vitória.

1862 e 1863 – Outra vez exerceu o cargo de deputado provincial na 14ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo. No primeiro ano (1862) exerceu o encargo de segundo secretário da casa.

1863 – Empreendeu viagem ao rio Doce chegando até à região próxima da atual cidade de Colatina, onde teve contato com indígenas mutuns (botocudos) recolhendo um pequeno vocabulário dos indígenas.

1864 – Era diretor e professor do Colégio de Santa Cruz, escola particular de instrução primária e secundária mantida por ele. Este colégio permaneceu em funcionamento até 1867.

Década de 1860 – Mantinha relacionamento amoroso com Josephina Maria da Victoria, que viria a ser mãe de pelo menos dois de seus filhos.

Provavelmente antes de 1867 – Nasceu a sua filha Dalmácia Antunes de Siqueira.

1867 – Atuava como advogado aprovisionado pelo Tribunal da Relação postulando em juízo de primeiro grau diversas causas.

1º de julho de 1867 – Nomeado delegado literário de Santa Cruz. Permaneceu no cargo até 1868.

2 de dezembro de 1868 – Nasceu a sua filha Petronilha Antunes de Siqueira, em Vitória. Filha de Josephina Maria da Victoria.

20 de dezembro de 1868 – Pregou o sermão da primeira missa cantada do padre Manuel Rodrigues Bermude de Oliveira.

15 de fevereiro de 1869 – Anunciou a abertura do "Colégio Particular Nossa Senhora da Vitória", situado na rua das Flores, em Vitória.

24 de fevereiro de 1869 – Escreveu de Santa Cruz o último ofício arquivado no livro de correspondências com o governo. Por este tempo Padre Antunes procurava estabelecer-se como professor em Vitória.

9 de outubro de 1870 – O padre José Gomes de Azambuja Meirelles tomou posse no cargo de vigário encomendado da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz, substituindo o pároco colado. Por esta época sofria de uma "doença crônica, tropical, causada por filaríase dos canais linfáticos" (elefantíase dos árabes).

9 de agosto de 1871 – Foi exonerado do cargo de professor de primeiras letras que ocupava em Vitória.

21 de setembro 1871 – Encontrava-se em São Mateus e pregou sermão na festa do padroeiro.

21 de dezembro de 1871 – O Imperador aceitou a renúncia que fez o Padre Antunes do cargo de pároco de Santa Cruz.

Janeiro de 1872 – Foi nomeado pró-pároco da freguesia de Conceição da Barra, onde já se encontrava servindo.

29 de fevereiro de 1872 – Tomou posse como vigário da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Conceição da Barra por provisão da vigararia-geral do bispado.

Abril de 1872 – Até este período esteve em Conceição da Barra e, em 24 deste mês, o padre José Pereira Duarte Carneiro foi aprovisionado no cargo de pároco do lugar.

Agosto de 1872 – Anunciou estar estabelecido na ladeira de São Diogo, em Vitória, ministrando aulas particulares para meninos do ensino primário, além de Francês, Latim, Geografia, História, Filosofia e Retórica. Fixando-se em Vitória lecionou Geografia e História do Brasil no Instituto Nossa Senhora da Penha e tornou-se também capelão de diversas ordens terceiras e irmandades, além de coadjutor da paróquia de Nossa Senhora da Vitória.

9 de setembro de 1872 – Foi nomeado "capelão extranumerário da Armada com exercício de professor das crianças matriculadas na Companhia de Aprendizes Marinheiros".

Provavelmente antes de 1873 – Nasceu o seu filho Moysés Antunes de Siqueira. Filho de Josephina Maria da Victoria.

25 de outubro de 1873 – Portaria desta data determinou que o Padre Antunes fosse suspenso do exercício de suas ordens sacras.

Janeiro de 1874 – Compareceu ao Rio de Janeiro para tratar da suspensão de suas ordens. Tendo se confessado com sacerdote da corte, como prescrito pelo bispo, obteve provisão de restituição de ordens.

26 de janeiro de 1874 – Foi novamente nomeado capelão da Companhia e, no dia 30 de janeiro retomou as atividades.

29 de julho de 1874 – Por ato desta data foi nomeado para o cargo de lente de Geografia e História do Colégio Nossa Senhora da Penha, de Vitória.

1875 – Foi autorizado pelo presidente da província a lecionar também Aritmética no Instituto Nossa Senhora da Penha, de Vitória.

24 de setembro de 1876 – Data da provável união do padre com a Loja Maçônica União e Progresso, de Vitória.

18 de outubro de 1876 – Por ofício desta data Dom Lacerda comunicou ao presidente da província que o Padre Antunes estava novamente suspenso de ordens. Em 17 de novembro seguinte determinou este o afastamento do padre do cargo de capelão da Companhia Aprendizes Marinheiros.

11 de janeiro de 1877 – Por ato do governo da província foi provido efetivamente na cadeira de Latim do Ateneu Provincial, permanecendo no cargo até 1892.

16 de dezembro de 1878 – Faleceu seu filho Moysés Antunes de Siqueira com menos de seis anos de idade.

6 de janeiro 1879 – Escreveu a ode "Impressões do meu retiro espiritual" no Seminário de São José do Rio de Janeiro, onde estava realizando exercícios espirituais.

18 de janeiro de 1879 – Retornou a Vitória de posse de suas provisões de ordens.

1º de junho 1880 – Chegou a Vitória o bispo Dom Pedro Maria de Lacerda em visita pastoral. No dia 4 de junho pontificou na festividade do Santíssimo Sacramento na matriz de Vitória, quando pregou sermão o Padre Antunes.

1883 – Associou-se à fundação da "Sociedade Libertadora Domingos Martins", grêmio abolicionista da capital.

1884 – Publicou o seu livro "Poemeto descritivo sobre a província do Espírito Santo".

7 de setembro de 1887 – Por ocasião do naufrágio do cruzador "Imperial Marinheiro" compôs e publicou o poemeto em três cantos, onde louva a bravura do indígena Bernardo.

1887 – Publicou seu livro "Tratados sobre a Orthographia e Syntaxe Latinas.

Março de 1888 – Assumiu os cargos de secretário do Ateneu Provincial e de amanuense da secretaria da Instrução Pública.

Abril de 1888 – Publicou em seis artigos o estudo "O Abolicionismo" sobre a abolição da escravatura no Brasil.

21 de junho de 1891 – Faleceu sua mãe Maria Luiza do Rosário, em Viana.

26 de julho de 1891 – Comunicou pela imprensa estar nomeado pároco da paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Vila Velha.

1893 – Publicou seu livro "Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias)".

23 de agosto de 1894 – Chegou a Vitória o primeiro bispo diocesano de Niterói, Dom Francisco do Rego Maia, em visita pastoral, sendo saudado pelo Padre Antunes.

1895 – Nomeado fiscal escolar do município de Vila Velha.

15 de novembro de 1895 – Por meio da bula *Sanctissimo Domino Nostro*, foi criada a Diocese do Espírito Santo.

18 de maio de 1897 – Chegou ao Espírito Santo Dom João Nery, primeiro bispo diocesano. Ao desembarcar, no cais foi recebido pelo Padre Antunes e saudado com um soneto.

23 de maio de 1897 – Ocorreram as cerimônias de posse canônica de Dom João Nery. Na manhã do dia 24 houve missa pontifical em que serviu o Padre Antunes como diácono assistente.

26 de maio de 1897 – Dom Nery foi visitar Vila Velha e o convento da Penha. Na cidade foi recebido em casa pelo Padre Antunes, que saudou o bispo com um poema. Na residência do vigário almoçou com toda a comitiva e diversos outros convidados.

18 de novembro 1897 – Promulgada a lei nº 253/1897 pelo presidente Constante Sodré determinando a contagem de tempo de trabalho do padre para sua aposentadoria.

21 de novembro de 1897 – Teve início em Vila Velha a segunda visitação de Dom Nery em sua visita pastoral empreendida para conhecer a realidade pastoral da nova diocese.

29 de novembro de 1897 – Faleceu em Vila Velha, às 20 horas o notável padre-mestre contando ainda com 65 anos de idade.

30 de novembro de 1897 – A edição deste dia do jornal "Commercio do Espirito Santo" trazia para o Padre Antunes uma boa notícia há dias esperada: a concessão de sua exoneração do ofício de pároco de Vila Velha que havia solicitado ao bispo Dom Nery. Mas, às 17 horas começou a cerimônia do seu sepultamento ocorrido na matriz de Nossa Senhora do Rosário.

I - NASCIMENTO E INFÂNCIA

O menino Francisco, no seio da família "Nhonhô", nasceu na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, no dia 3 de fevereiro de 1832. Era filho de Dona Maria Luiza do Rosário e do reverendo vigário coadjutor da paróquia de Nossa Senhora da Vitória da capital, padre Francisco Antunes de Siqueira.

> *Registro de batismo: Francisco – Aos dez de março de mil oitocentos e trinta e dois, nesta Matriz da Victoria, o reverendo vigario Manoel Alves de Souza baptizou solemnente e pos os sanctos oleos ao innocente Francisco, filho natural de Maria Luiza do Rosario, netto de Francisco Gomes e de Victoria Maria da Conceição. Forão padrinhos o senhor reverendo vigario Domingos Leal e dona Anna Maria da Penha de Jesus e para constar mandei fazer este termo em que me assignei. O coadjutor Francisco Antunes de Siqueira.*[1]

Se ainda hoje, apesar da incúria de muitos administradores do município e do estado, Vitória é uma das mais belas cidades litorâneas do Brasil, com a sua baía, o arquipélago, o verde com que o Criador dotou o torrão de Vasco Fernandes Coutinho, imaginemos o que seria o real aspecto visual da Vitória do século XIX. Como mostram as iconografias e fotografias da época, veríamos a cidade em seu aspecto original, com sua arquitetura característica do estilo colonial português, composta de casas e sobrados, pontuada por oito igrejas e três capelas, encravada na maior ilha e emoldurada por "colossais montanhas negrejantes" de Mata Atlântica ainda preservada; e abaixo, o mar calmo da baía, fonte de renda de muitos pescadores; ponto de chegada e partida de todos.

Cidade da Vitória. Capital da província do Espírito Santo.
Alfred Martinet. *Circa* 1850.

Conforme esclarece Padre Antunes em vários textos de suas memórias, a vida social em Vitória praticamente se reduzia às festividades religiosas, principalmente as de cunhos populares e folclóricos. As apresentações teatrais, muitas de caráter religioso, eram realizadas na praça do antigo Colégio dos Jesuítas, como descreve em seus textos. Teatro, propriamente dito, só veio a existir no final do século XIX.

Foi nesta provinciana cidade que nasceu o memorialista capixaba. Tempos depois diriam dele:

> *O Reverendo Padre Francisco Antunes de Siqueira nasceu n'esta formosa cidade. Emballarão-lhe o berço os poeticos murmurios das auras bemfazejas, e o soluçar longinquo das ondas rumorosas. Abriu os olhos debaixo d'este céo azul, inspirou-se no quadro d'este arvorêdo gigante, e aqueceu-se aos raios d'este sol americano. É mais uma perola engastada no diadema de Victoria. Á riqueza de suas tradições, á opullencia de suas bellezas naturaes e á grandeza de seus monumentos, junta ainda o titulo de mãi de tantos filhos illustres. Glória lhe seja!.*[2]

Colégio e Igreja de São Tiago (como era o edifício até princípio do século XX). Óleo de Álvaro Conde. 1956. Acervo do Palácio Anchieta, governo do estado do Espírito Santo.

Chiquinho, como era chamado pelos amigos e vizinhos, residia nas proximidades da "*ponte do Reguinho, que dá passagem para a rua da Várzea*". Hoje, nas proximidades das atuais ruas Sete de Setembro e Graciano Neves.[3]

O pequeno corria e brincava participando de muitas peraltices com o grupo de meninos da mesma idade nas ruas de Vitória pelos idos da década de 1840. Também frequentava escola na cidade e já mostrava ser inteligente e dedicado estudante.[4]

Em 7 de janeiro de 1839, entrou para a famosa escola do major Inácio dos Santos Pinto, reconhecido latinista e poliglota de Vitória, que foi poeta e "mestre de muitíssimos moços" da capital. Seguia o modelo tradicional de ensino, como também lecionara seu pai, José das Neves Xavier (filho).[5]

Estudante de invejável memória, frequentou ainda os bancos de outros mestres do passado, como Manuel Ferreira das Neves, professor e deputado provincial, residente em Vitória[6], com quem aprendeu a língua francesa; com o notável professor cônego Inácio Félix de Alvarenga Sales estudou a então chamada "língua do conhecimento": Latim.

Seu pai, Francisco Antunes de Siqueira, nasceu em Vitória, onde foi batizado a 1º de julho de 1799, sendo filho de João Antunes de Siqueira, natural de Vila Velha, e de Maria da Penha de Jesus, natural de Vitória. Era neto paterno de Domingos Antunes Santiago e de Ana Bernarda Pereira, natural de Vitória, e materno de Antônio José Álvares Maciel, natural de Viana do Castelo, Portugal, e Maria da Penha de Jesus, também natural de Vitória.[7]

Cidade da Vitória. Foto Joaquim Ayres. 1870.
Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na juventude frequentou o seminário abraçando a carreira sacerdotal, tendo sido ordenado subdiácono em Linhares pelo bispo Dom José Caetano da Silva Coutinho aos 30 de novembro de 1819.[8]

Ordenado presbítero, tornou-se coadjutor da freguesia[9] de Nossa Senhora da Vitória em 1827. A partir de 1832 tornou-se vigário da mesma e também vigário da vara eclesiástica de Vitória e depois arcipreste da capital. Por carta imperial de 2 de dezembro de 1844 e provisão do Sr. bispo diocesano Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, datada de 8 de janeiro de 1845, recebeu as honras de cônego o já vigário da vara e da matriz de Vitória.[10]

Foi deputado provincial na terceira legislatura 1840/41 da Assembleia Legislativa Provincial, sendo eleito presidente na primeira sessão. Foi reeleito deputado provincial na quinta, sexta e sétima legislaturas no período de 1844 a 1849.[11]

Aos 51 anos, estando atacado havia vários dias com febre amarela, no dia 30 de dezembro de 1850 julgou-se melhor e dirigiu-se à matriz de Vitória para celebrar missa pelo sétimo dia de falecimento de seu amigo "João Ligeiro", durante a qual teve uma crise, vindo a falecer às 21 horas, vítima de uma apoplexia, deixando saudade entre os seus amigos, eis que era "*muito estimado por sua lhaneza, caridade e pontualidade nos deveres de seu ministério*".[12]

Sua mãe era Maria Luiza do Rosário, nascida também em Vitória, onde foi batizada a 1º de outubro de 1810, filha de Francisco Gomes Rodrigues e de Vitória Maria da Conceição. Era neta paterna de Joaquim Manuel de Almeida e de Ana do Espírito Santo e materna de José Ribeiro Maciel e de Catarina Maria da Conceição.[13] Dona Maria Luiza era costureira e, vivendo em Vitória, manteve um relacionamento com o padre, do qual nasceram os filhos Francisco Antunes de Siqueira, Adelaide Antunes de Siqueira, João Antunes de Siqueira e Domingos Antunes de Siqueira.

De sua infância, Francisco guardou a lembrança de algumas dificuldades passadas pela família, a mãe sem muitos recursos financeiros, concubina do padre de uma pequena cidade, impedido pelos votos de ordem de viver plenamente com a família, mas que, ainda assim, ajudou-a a criar os filhos e ao lado deles sempre esteve. Dos seus pais diria, em sua maturidade, o Padre Antunes, respondendo a uma provocação: *"A memória de meu pai, e a presença de minha mãe me são ainda gratas, e honrosas. Não fui engeitado, nem criado por cabrita; todos felizmente aqui me conhecem. Meus defeitos, ou antes a deformidade de minha perna são o resultado de uma molestia, endemica no Brasil; ... Muitos meninos de então tem reminiscência viva dos quadros de sua miséria, da* única *calça de ganga amarella, da casaquinha azul-ferrete"*[14].

Sua mãe foi sexagenária, tendo vivido, após a morte do companheiro, em companhia do filho Francisco por muitos anos, vindo a falecer aos 21 de junho de 1891 em Viana, onde residia.[15]

II - JUVENTUDE E FORMAÇÃO SACERDOTAL

No tempo da juventude de Chiquinho, o futuro dos rapazes das famílias espírito-santenses girava entre dois grupos: o daqueles "*que pela espontaneidade da inteligência revelavam-se capazes de traduzir Horácio e Virgílio, de modo a repetir os versos como se seus fossem*"[16] e aquele dos "*moços sem aspirações definidas, de estudantes cuja revelação mental, longe de ser espontânea, era provocada pelo estudo incessante e contínuo*". Os do primeiro grupo teriam direito ao Seminário São José, na corte, e os demais deviam se contentar com o estudo existente na província, com um emprego público mal remunerado ou outra profissão com remuneração ainda pior, na pequena cidade ou nas vilas do Espírito Santo. Somente os ricos iam estudar em Coimbra, Portugal. E esse direcionamento era dado pelo professor de Latim de Vitória e acatado conforme as posses das famílias. Porém, muitas vezes, a carreira eclesiástica era seguida com desgosto, como ocorreu a diversos jovens daquele tempo.

Chiquinho, logicamente, fazia parte do primeiro grupo, cujo valor intelectual vinha demonstrando desde a infância. A sua dicção clara e clássica da língua latina e outras, a forma garbosa com que se apresentava ao mestre de então, denunciava o seu talento para o aprendizado.

Naquele tempo "*os rapazes, enlevados pela grandeza do culto, pelo sentimento religioso, pelo ardor da fé implantada no coração, olhando as vantagens, que lhes oferecia o estado eclesiástico, embevecidos pelo amor da glória, foram se inclinando para a vida, e pobres, sem recursos para outra carreira, começaram a seguir para os seminários do Rio de Janeiro*".[17]

Destinado pelo pai à vida sacerdotal como ele, aos 12 de fevereiro de 1849, com 17 anos de idade, Antunes entrou para o "Seminário Episcopal São José", da então diocese do Rio de Janeiro, o mais antigo seminário do Brasil, situado no Morro do Castelo. Em Vitória, era geral a regra de que ser teólogo era demonstração de inteligência e sagacidade, sendo aspiração de muitos que, infelizmente, não tinham condições financeiras de trilhar este caminho.

Afonso Cláudio afirma que aparecendo esta oportunidade, "*Antunes na primavera da vida e obedecendo aos rogos da família, aceitou talvez sem longa meditação a escolha da vida sacerdotal*".[18]

Fernando Achiamé, autor do trabalho "Estudo sobre a autoria da obra *Memórias do passado: a Vitória através de meio século*", inserto na obra memorialística do Padre Antunes "Memórias do passado: a Vitória através de meio século", publicada no ano de 1999, nos informa que aos 12 de setembro

de 1849 o seminarista recebeu os quatro graus de ordens menores[19], que consistem nos cargos de hostiário, leitor, exorcista e acólito, das mãos do bispo Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo.

No dia 14 de dezembro 1850, sendo o fim do período letivo no seminário, embarcou na lancha "Boa Sorte" no porto do Rio de Janeiro com destino à terra natal[20]. Veio para passar férias com a família. Mas aquele final de ano seria trágico para os Antunes, pois a doença do pai se agravou e no dia 30 de dezembro, contando ainda 19 anos, perdeu o pai.

Devido ao seu bom aproveitamento no seminário e grande estima do reitor monsenhor Manuel Joaquim da Silveira,[21] ao ser este nomeado bispo da recém criada diocese do Maranhão,[22] convidou Antunes, em 11 de maio de 1851 a servir como secretário interino do bispado, o que recusou a pedido de sua mãe que, ficando viúva, tinha ainda a saúde debilitada.[23]

Entrou para a Irmandade de São Pedro Apóstolo em 22 de junho de 1853, quando seminarista. As ordens maiores, como de praxe, ele as recebeu nos anos finais dos estudos, sendo ordenado subdiácono aos 10 de julho de 1853 e, aos 24 do mesmo mês, diácono,[24] ainda sem a idade necessária.[25]

Conta-nos Amâncio Pereira que foi na capela de Nossa Senhora da Conceição de Niterói que pela primeira vez o jovem clérigo subiu ao púlpito para pregar um sermão sendo, após isso, autorizado por Dom Manuel do Monte a pregar em toda a diocese do Rio de Janeiro.[26]

Neste tempo já se esmerava em compor e proferir ricos e emocionantes sermões e discursos que contagiavam os ouvintes, adquirindo desde jovem a fama de bom orador. Aos 21 de agosto de 1853 cantou "Te Deum" e pregou o sermão da festa do patriarca São Joaquim na igreja de Santa Rita.[27]

Foi escolhido orador e proferiu brilhante discurso na cerimônia de ordenação sacerdotal de vinte e nove diáconos seus colegas, aos 7 de agosto de 1853. Ainda aos 21 anos, numa "das mais notáveis e brilhantes ordenações de que temos notícia", conforme jornal da época. Na presença de reputados sacerdotes[28] e do Sr. bispo Dom Manuel, na capela episcopal de Nossa Senhora da Conceição *"o Revmo. Diácono, o Sr. Francisco Antunes de Siqueira, ao terminar a ordenação, subiu ao púlpito e recitou uma bem deduzida oração, em que, descrevendo com talento e graça os importantes deveres do sacerdócio, rendia graças ao Eterno pela feliz aquisição de seus novos ministros"*.[29]

Deste período diria anos depois o Padre Antunes:

> *Já tive a satisfacção, a gloria, a honra de prégar sobre esse assumpto em um sumptuoso Te-Deum, assistido pelo exm. e revd. bispo d. Manoel do Monte Ro-*

drigues de Araujo, de saudosa memoria, em 1854, no grande jubileu da 'Porciuncula'[30]. Revivo esses dias, em que meu enthusiasmo de moço de 22 annos, prendia a attenção de tantos varões, celebres por suas virtudes e saber.[31]

Sua dedicação aos estudos lhe rendeu brilhante aprendizado. Desde os tempos de seminarista já lecionava Latim e Português no colégio dos conceituados padres Joaquim e José Mendes de Paiva, chamado "Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara", àquele tempo localizado na rua Nova do Livramento e que no ano de 1855 era transferido para a residência episcopal do Rio Comprido[32] e também no "Colégio Tautphoeus" da rua do Lavradio, pertencente ao conceituado e erudito professor alemão Jakob Joseph Hermann von Tautphoeus, o Barão de Tautphoeus.[33'34]

No tempo de seminarista servia em diversas capelas e igrejas das paróquias da corte e cidades vizinhas. Com muita competência proferiu o sermão da primeira dominga da Quaresma de 1854 na capela imperial, a antiga Sé da corte, pelo que "*foi-lhe concedido o uso do annel, solidéo e banda*",[35] privilégio dos párocos colados.[36] Pregou sucessivamente em várias igrejas do Rio de Janeiro: na Semana Santa pregou sermão no dia 11 de abril de 1854 a pedido da Ordem Terceira e também na igreja de Nossa Senhora das Mercês durante o jubileu do Sagrado Lausperene.[37]

Também servia na Ordem Terceira de São Domingos em cuja capela pregou sermão aos 27 de agosto de 1854 após o "Te Deum" na festa do patriarca da ordem.[38]

E daí sucessivamente nas igrejas da Cruz, Lampadosa, Parto, São Domingos, Paquetá, etc., sempre apreciado.[39]

Aplicado nos estudos, foi sempre aprovado com louvor, distinção ou plenamente, sempre dando provas de boa educação moral e bons costumes. Tendo concluído os estudos teológicos, foi ordenado presbítero aos 22 anos de idade, no dia 5 de novembro de 1854[40] por Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo.[41]

E no dia 21 de novembro seguinte cantou sua primeira missa na capela de Santa Ifigênia da rua da Alfândega[42], no centro do Rio de Janeiro.[43]

Procurava assim exercer, desde a mocidade, a sua disposição para o ofício de padre-mestre[44] que continuou sendo por toda a vida.

III - RETORNO AO ESPÍRITO SANTO. MINISTÉRIO SACERDOTAL EM CARAPINA

O tempo de estudo no conceituado seminário do Rio de Janeiro completou a lapidação deste diamante capixaba. Afonso Cláudio assinala que Antunes aproveitou bem o tempo e seus mestres ao dizer: *"Antunes desprendeu-se do berço – foi sem dúvida esta a causa de certa dose de conhecimentos que o ilustrou"*.[45]

Porto dos Padres visto da Santa Casa. Foto de Eutychio d'Oliver.
Acervo do IPHAN, Vitória. 1907.

Mas, terminados os estudos,

> *depois de ter figurado como poeta, latinista, pilhérico e bom cantor, veio com as ordens definitivas para a terra natal. Voltava cheio de aspirações; tinha conseguido vencer esse escolho que para o espírito-santense era a única razão de suas desditas: falta de dedicação aos estudos sérios, um pouco mais de línguas e artes, do que latim e música.*[46]

Logo a seguir o jovem padre teve a sua primeira nomeação como pároco encomendado[47] da freguesia de São João, de Carapina, no Espírito Santo, iniciando o seu paroquiato ali aos 20 de janeiro de 1855, sucedendo ao padre-mestre João Luiz da Fraga Loureiro como segundo pároco do local, que à época pertencia ao município de Vitória.[48]

Aos 5 de abril de 1856 foi nomeado professor da cadeira de primeiras letras da mesma freguesia de Carapina em substituição do professor Joaquim Ribeiro Lima, que faleceu de cólera-morbo, em 23 de janeiro desse ano[49]. Encontrou uma

paróquia onde faltava tudo: *"grandes são as privações, que soffre esta freguezia em rasão* não só do *máo estado da igreja, como da falta de ornamentos e alfaias, como me informa o Rev. Vigário"*[50]. Principiou a trabalhar para reverter aquele quadro naquela freguesia onde "faltava tudo"...

Exterior e interior da Igreja de São João Batista de Carapina. 2023. Acervo do autor.

Porém, Afonso Cláudio, analisando o famoso "Poemeto Descritivo"[51] do Padre Antunes sobre a província do Espírito Santo, quando ele cita Carapina, esclarece que ali, foi contra o padre arremessada "uma seta" que o deixou "ferido":

Aí principiei minha carreira,
Tão cheia de virentes esperanças!
Vida tive doce e prazenteira,
No convívio das aves e crianças.
Súbito m'aterrou atra viseira,
Fugi para evitar suas vinganças...
Por uma providência ou cego fado,
Quiz antes dos meus ser maltratado.
(Canto vi, Est. 35).

Houve fatos que impossibilitaram a permanência do padre ali: "Já nessa época não se ligava apreço aos bons e honrados talentos. Já entre os moços havia...."[52]

E assim, em 8 de novembro deste mesmo ano, por motivos políticos, [53] deixou a freguesia de Carapina, a sua primeira paróquia.[54]

Após isso passou a exercer o magistério no 'Liceu de Vitória' como professor de Retórica.

IV - O TERCEIRO PÁROCO DE ARACRUZ

Para continuar seu ministério sacerdotal, necessitava o Padre Antunes de outra freguesia. Em carta endereçada ao vice-presidente da província,[55] Sr. Barão de Itapemirim, comunicou: "*Não me sendo possível continuar no exercício da cadeira de Retórica do Liceu desta cidade, requeri e obtive provisão para paroquiar a freguesia de Santa Cruz o que levo ao conhecimento de V.Exa.*". E terminou pedindo exoneração do cargo no liceu para assumir a paróquia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz, que estava vaga com a saída do vigário frei André de Santa Maria.[56]

Por carta de 17 de março de 1857 para o mesmo Barão de Itapemirim escreveu:

> *Cumpre-me significar a V. Excia que no dia 16 de fevereiro próximo passado entrei em exercício de vigário da vila de Santa Cruz, e que estou sempre disposto a coadjuvar com meu fraco contingente os negócios da pública administração.*[57]

Porto de Sta. Cruz - Vista da cidade;
in "Estado do Espírito Santo Obra de Propaganda Geral; 1924[?]

Foi assim que, neste dia, quando contava ainda 25 anos de idade, a história desse grande homem se uniu à história de Aracruz, tomando posse como pároco encomendado, o terceiro pároco da paróquia de Nossa Senhora da Penha de Santa Cruz, à época, sede do município hoje denominado Aracruz.

Em 25 de fevereiro de 1857, o presidente da província, Barão de Itapemirim, mandou o administrador de rendas entregar ao vigário de Santa Cruz a quantia de 200 réis para o conserto da respectiva matriz.[58]

No mês seguinte outra vez escreveu ao Barão de Itapemirim[59] falando da tosca e pobre matriz, desprovida de alfaias, paramentos e demais objetos de culto, que encontrou na vila de Santa Cruz:

> *A igreja, ou antes o armazem, assim permitta VEx.ª que denomine á Igreja, que serve de matriz, (pois não tem ao menos exteriormente caracter algum de templo,) é levantada sobre esteios, os quaes pela mór parte corrompidos pelo cupim, não podem por muito resistir á acção do tempo, e sustentar o infame pavimento, que chamão telhado. É um verdadeiro castello, firmado sobre columnas de ar!* [60]

Nessa mesma carta falou da necessidade de se construir uma nova igreja e passou a se empenhar com todas as suas forças para tal. A pedra fundamental da nova matriz foi solenemente lançada aos 9 de maio de 1857, menos de três meses após sua chegada, como constou de convite enviado pelo padre à Câmara Municipal:

> *Illms. Srs. _ Tendo amanhã pelas 11 horas de lançar a pedra fundamental da nova matriz desta villa, e desejando que nesse acto se praticassem as ceremonias do estylo, convido a V. Sªs para que em corporação se dignem assistil-o, mandando o Secretario lavrar a acta respectiva. Scientifico a V. Sª que áquellas horas marcadas mandarei avisal-os com precedencia. Deus Guarde a V. Sªs. Santa-Cruz, 8 de Maio de 1857. _ Illms. Srs. Vereadores da Camara Municipal desta villa. O Vigario Francisco Antunes de Siqueira.*[61]

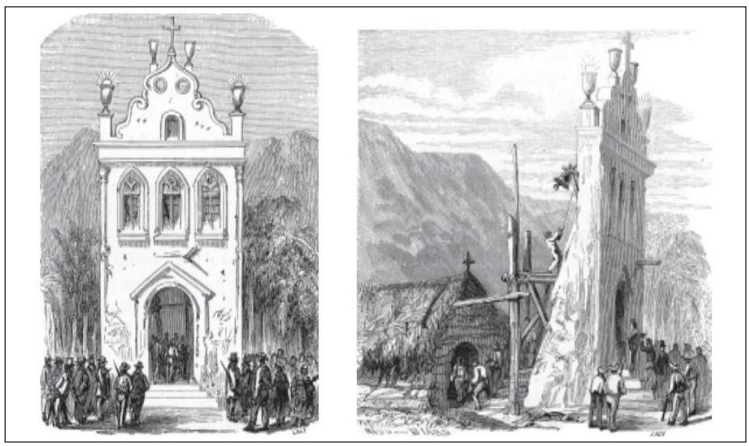
Padre Antunes fez parte da "comissão de obras" da nova matriz de Santa Cruz, conforme determinou o Barão de Itapemirim:

> *Communico a Vmcs que nomeei uma commissão composta do Revdº Vigario Francisco Antunes de Siqueira, Tenente-Coronel José Martins da Silva Paixão e José Barbosa Ribeiro Pereira para fiscalisar e dirigir as obras da igreja matriz dessa villa.*[62]

Em poucos meses estava pronta a fachada da nova matriz e parte das paredes da mesma, edificadas ao redor da antiga igreja, incluindo a parede dos fundos do que seria a nova nave (hoje ainda existente ao fundo do terreno, como atualmente demarcado, junto a um muro ultimamente construído).

Mas, por falta de recursos a obra não pôde ter o mesmo andamento dos primeiros tempos, estando parada quando, em 1858, ali chegou François-Auguste Biard[63], que permaneceu no município por seis meses. O francês se espantou ao avistar de longe o frontispício, surpreso de imaginar que naquele tempo pudesse haver tão grandiosa obra na pequena vila:

Fiquei muito feliz quando, da praia, percebi ao longe um campanário que se desenhava contra o céu; [...] Não foi sem surpresa que vi uma igreja de aparência imponente. Foi preciso atravessar a mata para chegar à vila, e, quando desembocamos na planície, vi muitas choças cobertas com folhas de palmeiras e casinhas caiadas [...]. O campanário, porém, desaparecera e, no entanto, como poderia ter-me enganado? [...] tendo-nos aproximado mais, um poema inteiro se desenrolou diante dos meus olhos, revelando-se a mais completa obra-prima do orgulho, na sua mais ingênua expressão. Essa parede era efetivamente a igreja destinada a causar efeito sobre o povo, porque se, de perfil, só tinha três pés de largura, de frente tinha a forma de uma fachada.[64]



A igreja de Santa Cruz vista de frente e de perfil. Desenhos de Edouard Riou;
in Viagem à Província do Espírito Santo, de Auguste-François Biard; pp. 24-25.

Durante sua estadia em Santa Cruz, Biard conheceu o jovem Padre Antunes, de quem escreveu:

Travei então conhecimento com o padre, um jovem sem preconceito, que não recuava diante de uma garrafa de porto ou de aguardente, nem diante de muitas outras coisas. Mas como, após alguns dias, ele tivesse declarado aos que não davam nada por mim que eu parecia ter alguns conhecimentos a respeito de diversos assuntos, embora francês, restringirei a isso as minhas observações. Esse padre me emprestou um fuzil e, munidos de pólvora e chumbo, partimos um dia bem cedinho numa caçada em que rivalizamos em imperícia.[65]

Ainda em 1860 a comissão lutava para a conclusão da obra solicitando à Câmara Municipal que o fato fosse comunicado ao Imperador:

Cumpre-nos significar a V. Sª para que o faça presente a S. M. o Imperador, que é assaz deploravel o estado da velha matriz, proxima a desabar, pelo que tanto mais urgente se faz a continuação da nova, paralysada até agora por falta de numerario, na Fasenda Provincial.

Esclarecia que a obra em andamento já estava sofrendo estragos devido à exposição ao tempo:

pela demora dada nessa obra, alguns estragos tem ella já soffrido, além da perda de parte de materiaes.

E finalizava:
A commissão confiada no zelo e solicitude que devem distinguir a V. Sª como chefe de uma corporação a quem forão confiados os melhoramentos moraes e materiaes deste municipio, espera que represente a S. M. o Imperador sobre a necessidade de um templo que preste-se satisfactoriamente aos exercicios da Religião de que S. M. o Imperador é o Soberano Padroeiro, lembrando-lhe a fraqueza de nossos recursos. Deus Guarde a V. Sª _ Santa-Cruz, 14 de Março de 1860. [...] Vigario Francisco Antunes de Siqueira, José Barbosa Ribeiro Pereira, Miguel Pinto Ribeiro.[66]

Em 1867 Padre Antunes ainda batalhava por verbas para o cuidado com a matriz de Santa Cruz que, segundo ele, estava em estado de ruína. O presidente Francisco Leite Bittencourt Sampaio oficiou ao Padre Antunes em 30 de dezembro:

Tendo V. Rvdm. trasido ao meo conhecimento o estado de ruina em que se acha igreja matriz dessa villa, resolvi nesta data encarregar a obra que a mesma matriz precisa a uma comissão composta de V. Rvdm. do capitão Luiz da Roza Loureiro e do engenheiro Leopoldo Augusto Diocleciano de Mello e Cunha, que previamente orçará a mencionada a obra. Espero que seo reconhecido zelo pelo serviço público que, acceitando semelhante encargo, auxilie com o seo prestigio e conhecimentos os cidadãos nomeados, afim de levar-se a effeito a obra projectada.[67]

Não conseguindo as reformas necessárias na igreja novamente oficiou ao presidente da província, em 17 de setembro de 1868, esclarecendo sobre "o estado de ruína em que se encontra a matriz". O presidente Luiz Antônio Fernandes Pinheiro determinou, então, que o inspetor geral de obras públicas se dirigisse a Santa Cruz para orçar a obra necessária para manutenção da igreja.[68]

Vista interna da matriz de Nossa Senhora da Penha com destaque para os altares existentes até a década de 1960.
Acervo da família Tabacchi.

Afirmam os historiadores, e a visita ao local nos convence de que é verdade, que a matriz de Santa Cruz nunca foi terminada. Teve sim um período em que foi ornamentada com algum requinte, como se vê de fotografias existentes da metade do século XX, porém, é fácil constatar que a nave da igreja é desproporcional à sua fachada tanto em tamanho como em altura.

Analisando o livro "Poemeto Descritivo" de autoria do Padre Antunes, Afonso Cláudio afirma que *"os homens de então regatearam-lhe o aplauso e por cúmulo de desdita foi levado a aceitar a vigararia de Santa Cruz"*. Ou seja, que negaram ao jovem padre uma freguesia maior e melhor.[69]

Diz ainda sobre a vida do Padre Antunes em Santa Cruz: "*Aí o desalento empolgou o espírito de Antunes. Na pequena Aldeia Velha como se chamava aquele lugar, o moço Antunes sentiu-se ferido em suas ridentes esperanças*".[70]

Parece-nos isso, um exagero da parte do grande Afonso Cláudio, pois, depois de dois anos paroquiando a freguesia de Santa Cruz Padre Antunes se apresenta em concurso para provisão de pároco colado da mesma. Provavelmente não o faria se estivesse insatisfeito naqueles primeiros anos.

Foram colocadas a concurso diversas freguesias da então diocese do Rio de Janeiro, algumas na província do Espírito Santo, incluindo a de Santa Cruz paroquiada por ele.[71]

Neste mesmo período foi criada por Dom Manuel do Monte uma nova comarca eclesiástica no norte do Espírito Santo, abrangendo as antigas freguesias de Nova Almeida, Santa Cruz e Linhares, e que deveria ser provida por um sacerdote da diocese.

Parece que naquele período teria o Padre Antunes duas aspirações: tornar-se pároco colado de Santa Cruz e vigário da nova comarca eclesiástica. Com este intuito, saiu de Santa Cruz embarcando na sumaca "Perpétua" com destino à corte, onde chegou no dia 24 de março de 1859.[72]

Foi acolhido por amigos naquela cidade, pelos quais também foi ajudado. No período que se seguiu, na certa tirou tempo para os estudos e negociação acerca do seu fito. Realizou sua inscrição ao concurso e no dia 16 de maio de 1859, prestou os exames para provimento das freguesias vagas no Espírito Santo.[73]

Ainda permaneceu mais dias no Rio de Janeiro, quando esteve na diocese tratando do assunto e, por fim, obteve sucesso em suas aspirações, foi aprovado no concurso para pároco colado do município de Aracruz[74], conforme noticiou o jornal "O Globo", do Rio de Janeiro: "*por decretos de 22, 23 e 27 de junho ano foram apresentados [...] o padre Francisco Antunes de Siqueira, na freguesia de Nossa Senhora da Penha em Santa Cruz, na província do Espírito Santo*".[75]

E também conseguiu se tornar vigário da vara da nova comarca:

> *foi alli creado um fôro eclesiastico, sendo Vigario da vara o mui illustrado Padre Mestre Francisco Antunes de Siqueira, e Escrivão o intelligente espirito santense Climerio Fernandes Vieira, que hoje jaz entre os mortos.*[76]

Sua nomeação[77] foi noticiada pelo "Correio da Victoria", de Vitória:

> *Por provisão do exmº sr. bispo diocesano de 25 de maio último foi nomeado vigário da vara da nova comarca eclesiástica de Santa Cruz, Nova Almeida de Linhares o rev. vigário de Santa Cruz padre Francisco Antunes de Siqueira.*[78]

Por anos o Padre Antunes esteve efetivamente à frente da paróquia de Santa Cruz e permaneceu como vigário da vara daquela comarca eclesiástica.[79'80]

E em 12 de agosto de 1859, por carta imperial de Dom Pedro II, tornou-se pároco colado de Aracruz, eleito após concurso que seguia as normas do Concílio de Tridentino, escolhido entre os candidatos mais dignos, por idade, costume, doutrina e prudência.[81]

Como pároco colado do município de Aracruz tomou posse aos 23 de outubro de 1859, conforme comunicação que fez ao então presidente da província, Pedro Leão Veloso.

> *Tendo tomado posse do cargo de Vigario collado d'esta Villa no dia 23 do corrente, assim communico á V. Ex.cia para sua intelligencia, contando que em seo*

exercicio serei sempre prompto em prestar á V. Ex.cia todos os serviços, que estiverem na orbita de minha possibilidade.[82]

Não deixou agradecer aos amigos que o auxiliaram a conquistar seus objetivos, agradecendo nominalmente a cada um, como constatamos de publicação do "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro.

O padre Francisco Antunes de Siqueira tendo de retirar-se brevemente para o Espirito Santo, não póde, como é seu dever, despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos e affeiçoados, por isso pede-lhes desculpa dessa falta involuntaria. Aproveitando o ensejo agradece sinceramente á Exma. Sra. D. Joanna Nabuco de Araujo, Exm. conselheiro José Thomas Nabuco de Araujo, Dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite, Antonio Rodrigues dos Santos França Leite, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Faro, Rvms. Srs. Domingos da Silva Braga, Evaristo Gabriel de Oliveira Freitas, João Pinto Carneiro, Dr. José de Souza Pereira da Cruz o interesse que tomárão em sua pretensão, a franqueza e amabilidade com que o obsequiárão, protestando-lhes eterna gratidão, e offerecendo seus diminutos serviços na villa de Santa Cruz, da provincia do Espirito Santo.[83]

Continuando em Santa Cruz, chegou o ano de 1860 e com ele a prometida visita do Imperador à província do Espírito Santo. Chegaram o Imperador Dom Pedro II, a Imperatriz Dona Teresa Cristina e comitiva a Vitória no dia 26 de janeiro de 1860. Do cais do porto seguiram Suas Majestades para a capela de São Tiago do antigo colégio dos jesuítas. Padre Antunes teve a honra de participar do evento: *"No colégio, Suas Majestades sentaram-se debaixo de um rico dossel, e daí assistiram ao Te Deum, mandado cantar pela câmara municipal. Orou o vigário de Santa Cruz, padre Francisco Antunes de Siqueira. O discurso foi conciso, porém brilhante e eloquente. Agradou a todos pela sublimidade de seus pensamentos, elegância e colorido de seu estilo*".[84'85]

Mereceu ser agraciado por Sua Majestade com o hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo.[86]

Padre Francisco Antunes de Siqueira fez parte da comissão encarregada da recepção ao Imperador na Câmara Municipal de Aracruz, nomeada pelo então presidente da província Pedro Leão Veloso, que em 2 de janeiro de 1860 escreveu ao presidente da câmara:

Sendo provável que S. M. o Imperador de viagem para o Rio-Dôce, visite a essa villa, onde almoce e jante, tenho por muito conveniente reiterar a Vmcs. as ordens já expedidas para preparativo do Paço desta Camara, ou de outra qualquer casa que offereça melhores commodidades a Elle e sua comitiva, nunca menos de dez pessôas, a fóra creados; espero que essa Municipalidade será solicita em mostrar o respeito que tributa ao Chefe Supremo da Nação. Para coadjuvar a

Vmc[s.] nesta data tenho nomeado a commissão constante dos cidadãos da lista junta que espero não recuzar a tão subida honra. Commissão nomeada para a recepção de S. M. o Imperador. Tenente Coronel José Martins da Silva Paixão _ Padre Francisco Antunes de Siqueira _ José Joaquim da Silva Vianna _ Pedro Tabachi _ José Barbosa Ribeiro Pereira _ José Alves da Cunha Bastos.[87]

Dom Pedro II por Léon Noël. 1858.
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Ligado à monarquia, escreveu entre outros textos, diversos poemas e o hino "Ao dia 7 de setembro, aniversário da emancipação política do Império do Brasil", em 1877; a ode "Ao aniversário da independência e do Império do Brasil", em 1882; o poema em versos livres "Independência ou morte", de 1884. Ao Imperador dedicou ainda o hino "A Sua Majestade o Imperador, salvo do cruel atentado de mão regicida", de 1889.

Celebrou em Vitória missa de exéquias da Princesa Dona Leopoldina de Bragança, filha do Imperador Dom Pedro II, falecida em 1871. Inúmeras vezes celebrou missas fúnebres pelo aniversário de morte do Imperador Dom Pedro I;[88] ofício fúnebre por alma de sua esposa, a Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg.[89]

Em 1875, missa cantada em honra de São Pedro e da alma do Imperador Dom Pedro I com a presença do presidente da província, Domingos Monteiro Peixoto, que visitava a fortaleza de São Francisco Xavier, além de outras autoridades e povo, com eloquente discurso ao monarca.[90]

Em 1885 juntamente com o cônego José Gomes de Azambuja Meirelles e padre capelão Bermude celebrou na capela de São Tiago "missa e *requiem*" pela alma do Rei Dom Fernando de Portugal mandada celebrar pelos cidadãos portugueses residentes em Vitória.[91]

Em 1887, missa e "Te Deum" em ação de graças na matriz da capital pelo restabelecimento da saúde de Sua Majestade o Imperador, quando pronunciou discurso congratulatório.[92]

Exéquias em honra do finado Dom Luiz I, Rei de Portugal com discurso fúnebre.[93]

Missa em sufrágio da alma de Dona Teresa Cristina Maria finada Imperatriz do Brasil, em 4 de janeiro de 1890 na igreja da Misericórdia;[94] e na capela da Ordem Terceira do Carmo celebrou as exéquias do Imperador Dom Pedro II, falecido aos 5 de dezembro de 1891.

Em 7 de março de 1890 dissertou na capela do Carmo sobre a "*inconveniência dos decretos que separou a Igreja do Estado e estabeleceu o casamento civil no solo brasileiro*".[95]

Enquanto foi pároco de Santa Cruz e vigário da vara, responsável pelo território daquela comarca eclesiástica, serviu aos fiéis do município de Aracruz e conheceu toda a região incluindo a região de Riacho, que em 1864 foi elevada a freguesia com a divisão do território da antiga freguesia de Nossa Senhora da Penha[96] e, não sendo logo provida canonicamente, continuou ele servindo ao município inteiro, onde havia, naquele tempo, entre seus moradores, muitos remanescentes indígenas da região.

Conheceu também a região de Linhares, onde vivia o indígena Bernardo José dos Santos, nascido ali perto, em Regência, e que veio a se tornar o herói no salvamento dos náufragos quando do naufrágio do cruzador "Imperial Marinheiro", na foz do rio Doce. Eis que, como cita em seu livro "Esboço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-Santense", no ano de 1863 empreendeu uma viagem ao rio Doce, chegando até à região onde teve contato com indígenas mutuns (comumente chamados botocudos). Foi dos primeiros escritores a descrever as "bandas de índios" como a que ali viu, gênese das atuais "bandas de congo". Nessa visita recolheu um pequeno vocabulário dos indígenas, citado no seu livro.[97]

Na ocasião do naufrágio do cruzador "Imperial Marinheiro", ocorrido em 1887, Padre Antunes,

> *ouvindo os relatos da coragem demonstrada por Bernardo que, com risco até da própria vida, mas altruísta, salvou a muitos com seu feito de bravura, logo iniciou a composição de um poema enaltecendo os atos heroicos do herói indígena de Regência.*[98]

No poema, composto de três cantos, ele louva a bravura do indígena Bernardo, sendo o mais belo texto dedicado à memória deste herói capixaba.

Ele compôs ainda importante e sentimental discurso fúnebre pelas vítimas do naufrágio proferido nas exéquias celebradas em Vitória.

Em Santa Cruz foi contemporâneo e amigo de Pietro Tabacchi, natural da Itália, e que chegou a Santa Cruz em 1851, tornando-se fazendeiro, exportador de jacarandá e pioneiro da imigração italiana no nosso estado e no Brasil.[99]

Certa ocasião o italiano presenciou o momento em que o padre recebeu a visita do "velho índio prognóstico", chamado por ele que simulou estar doente pedindo-lhe que o benzesse. Incrédulo da situação que presenciava, Tabacchi não conseguiu conter o riso, ao que foi ameaçado pelo indígena de que retiraria do padre a "doença" e que iria lançá-la nele. Este burlesco acontecimento é descrito no livro "Memórias do Passado. A Vitória através de meio século".[100]

Em 1864 Padre Antunes solicitou ao governo a sua provisão como professor público na escola primária de Santa Cruz, intento que não alcançou, visto que já estava provida a vaga.[101]

Neste mesmo ano encontramos o Padre Antunes como diretor e professor do Colégio de Santa Cruz, a escola particular de instrução primária e secundária mantida por ele. Recebeu do presidente da província vários exemplares de glossários de diversas línguas e dialetos que falam os indígenas do Brasil compostos pelo Dr. Martins, recebidos do Governo Imperial para uso nas escolas.[102]

O Colégio de meninos de Santa Cruz contava em 1867 com dezoito alunos. Foi a primeira escola particular existente em Aracruz.[103]

Este colégio permaneceu em funcionamento até que, por ofício de 24 de maio de 1867, Padre Antunes comunicava ao governo que nesse mesmo dia fechou o colégio que se achava a seu cargo em Santa Cruz[104]. Este colégio seria depois transferido para Vitória recebendo o nome de Colégio Particular Nossa Senhora da Vitória.

Nesta época assumiu o cargo de delegado literário (inspetor das aulas ou inspetor escolar)[105] de Santa Cruz, nomeado a 1º de julho de 1867[106]. Em 1868 pediu e obteve exoneração, sendo nomeado para substituí-lo o cidadão José Alves da Cunha Bastos.[107]

Mesmo permanecendo como pároco colado de Santa Cruz — ele não se ligou a outra paróquia — pediu diversas vezes licença, como em 1866, quando requereu e "foi concedido ao vigário de Santa Cruz "*15 dias de licença com vencimentos, para tratar da sua saude onde lhe convier*".[108]

Outra vez solicitou e foi-lhe concedida licença a partir de 4 de abril de 1868 para tratar de sua saúde.[109]

Seguindo para Vitória, ali serviu celebrando os ritos da Semana Santa na matriz da capital juntamente com o arcipreste padre Joaquim de Santa Maria Madalena Duarte, sendo muito elogiados:

> *Estes dois oradores sagrados em seus importantes sermões sustentaram a justa consideração de que gozam como pregadores de mérito.*[110]

Em 13 de abril retornou para Santa Cruz. Aos poucos o Padre Antunes procurava se firmar na capital. Celebra em diversas oportunidades em festas do catolicismo em Vitória, arquitetando a sua saída da freguesia de Santa Cruz. Em 24 de fevereiro de 1869 escreve de Santa Cruz o último ofício arquivado no livro de correspondências do governo com as autoridades da freguesia.[111] Por este tempo ele procurava estabelecer-se como professor em Vitória.[112]

Lecionando[113], mesmo tendo terminado a licença a ele concedida naquele ano, não havia retornado à freguesia de Santa Cruz, como vemos num comunicado datado de 27 de abril de 1869 da Tesouraria da Fazenda Estadual ao presidente da província Luís Antônio Fernandes.[114]

Em agosto apresentou à Câmara dos Deputados um requerimento de licença do cargo de pároco de Santa Cruz por tempo indefinido, com seus vencimentos, para tratar de sua saúde, cujo pedido foi encaminhado à "Comissão de Pensões e Ordenados" da Câmara para análise.[115]

Padre Antunes ia deixando a freguesia de Santa Cruz, após doze anos de seu ministério no município.

Em julho do ano seguinte, novo pedido de licença é por ele apresentado.[116]

Em agosto de 1870 encontramos comunicação de que foi concedida licença de três meses ao padre para tratar de sua saúde fora da freguesia de Santa Cruz, percebendo durante a licença o valor de dois terços da côngrua vigente.[117]

Devido a isso, com a ausência do padre na freguesia de Santa Cruz, foi nomeado para substituí-lo, o padre José Gomes de Azambuja Meirelles

que tomou posse no cargo de vigário encomendado da freguesia em 9 de outubro de 1870.[118]

Na sessão de 3 de julho de 1871 da câmara dos deputados volta o assunto do tratamento de saúde e licença do Padre Antunes:

> *Foi presente á commissão e pensões e ordenados o requerimento documentado em que o padre Francisco Antunes de Siqueira, vigario collado da freguezia de Nossa Senhora da Penha, provincia do Espirito-Santo pede uma licença por tempo indeterminado para tratar de sua saude onde lhe convier.*
> *O suplicante prova com attestado medico estar soffrendo de elephantiasis dos Arabes; mas a commissão, considerando que uma licença nos termos requeridos não é senão uma aposentadoria, pois dispensa-se o funccionario do exercicio do emprego, percebendo, todavia, os respectivos vencimentos, e não sendo a concessão de aposentadoria da competencia do poder legislativo, é de parecer que seja o requerimento indeferido.*[119,120]

Não foi possível permanecer sendo pároco colado de Santa Cruz, mas residir em Vitória, afastado daquela freguesia. Em dezembro de 1871, o Imperador aceitou a renúncia que fez o Padre Antunes do cargo de pároco:

> *Por decreto de 21 do corrente foi aceita e confirmada a renuncia que o Padre Francisco Antunes de Siqueira fez da egreja parochial de Nossa Senhora da Penha da villa de Santa Cruz província do Espirito-Santo, diocese do Rio de Janeiro.*[121]

A paróquia continuou a ser atendida pelo padre José Gomes de Azambuja Meirelles, como vigário encomendado, até 12 de maio de 1873, quando também renunciou.[122]

Afonso Cláudio afirma que vivendo em Santa Cruz, Padre Antunes assimilou defeitos e inclinações que antes julgava e "*sitiado pelas paixões, ora iracundo, ora compassivo, volúvel nos actos e nos gestos*"[123], passou por "tão rudes provações" e, não tendo forte inclinação para suportar ultrajes, o jovem sacerdote deixou a antiga Aldeia Velha. Em seus textos sobre o assunto, Afonso Cláudio não desfia com todas as palavras que provações seriam essas por que tenha passado o nosso biografado. Nem o próprio Padre Antunes as assinala claramente em seus textos.

Tempos depois de sua saída de Santa Cruz, escreveu sobre o lugar em seu poemeto, publicado em 1884:

> *Tem paço de Câmara e igreja,*
> *Que não pôde jamais ser concluída,*
> *Cujo frontispício ao longe alveja;*

O magnata dali fez preferida
Câmara e cadeia que sobeja
Bom castigo à gente fratricida!
Não pude conseguir, como vigário,
Mudar a triste sorte, seu fadário![124]

Teve sim, o padre, algumas desavenças com pessoas de Santa Cruz, mas parece-nos serem elas de natureza política ou politiqueira, como constatamos, por exemplo, em publicação do ano de 1864:

> *Eleições e escommunhão. Na villa de Santa Cruz o digno vigario Francisco Antunes de Siqueira, cabalista e chefe de partido naquela villa, não querendo de modo algum que a eleição municipal tivesse lugar no dia 7, mandou arrancar o soalho da egreja, deixando descobertas todas as sepulturas. O delegado de policia sciente desse facto, procedeu ao respectivo corpo de delicto, mandou arrumar as taboas novamente, e tudo deu parte ao Exm. Vice-Presidente.*
> *Porem o "santo" padre ferido em seu orgulho de vigario e de cabalista, entendeu que devia desafrontar-se de um modo digno de si, e assim decidido procurou dar a sua phisionimia a eloquencia de inspirado, e lançou a pena de escommunhão sobre o delegado e sobre todos os que se achavam presentes, declarando-os ao mesmo tempo interdictos e privado dos officios divinos, dos Sacramentos da Egreja e de sepultura eclesiástica!!!*
> *É um caso de exclamar-se como poeta mantuano: 'tantæne animis cœlestibus iræ!'.*[125]

Outro acontecimento a ilustrar desavenças com o padre foi o ocorrido em 1867: sob o pretexto de que o vigário Antunes de Siqueira negara-se a batizar o filho do tabelião público José Antônio de Oliveira e Silva, e estando aquele ausente da vila, fizeram o "batizado" no dia 18 de agosto de 1867 por conta própria "*com assistencia dos padrinhos, e appresentante ou 'padrinho preto', estando o innocente devidamente preparado com tanga, etc.*"[126] Isso no tempo em que o batismo e seu registro geravam efeito civil de nascimento para os cidadãos brasileiros.

Enquanto esteve em Santa Cruz a sua irmã Adelaide Antunes de Siqueira foi professora na vila, tendo sido nomeada em 18 de janeiro de 1864, efetivada em 1867, e em agosto de 1868 foi transferida para Viana.[127]

Mas sabemos que o Padre Antunes retornou a Santa Cruz, sendo bem acolhido pelos moradores no dia 21 de abril de 1879, para a celebração da festa dos Prazeres de Nossa Senhora. Ele foi recebido no cais pelas pessoas gradas do lugar e grande massa do povo que seguiram acompanhando o reverendo padre até a casa de sua hospedagem precedidos de uma banda de música da cidade de Serra, ao estrugir de foguetes em manifestação de apreço, respeito

e consideração que ainda merecia o ex-pároco colado. Neste dia *"as funções do culto divino correram com acento e gravidade, havendo uma concorrência numerosíssima para todas elas, a ponto de não se conter na acanhada matriz, estendendo-se o povo pela praça"*. Parece que os moradores do município ainda gostavam muito do antigo pároco, que ali permaneceu até o dia 24 de abril.[128]

O povo de Aracruz ainda hoje é grato ao Padre Antunes, o pároco que iniciou a obra da matriz *"que não pôde jamais ser concluída"*, que faz parte do folclore e da história de Santa Cruz, hoje tombada como patrimônio histórico do estado do Espírito Santo, sendo um dos únicos remanescentes do histórico casario de rica arquitetura outrora existente naquela vila.

Igreja matriz - frente e lateral; in Processo de Tombamento.
Vitória, Conselho Estadual de Cultura, Secretaria de Estado da Cultura; 1985.

V - O ADVOGADO PADRE ANTUNES

O advogado aprovisionado pelo Tribunal da Relação[129] podia postular em juízo de primeiro grau as diversas causas. Padre Antunes era aprovisionado pelo tribunal do Rio de Janeiro, ao qual estava subordinada a Justiça da então província do Espírito Santo. Com a provisão tornava-se rábula, ou seja, o advogado prático, naquele tempo em que no Brasil faltavam profissionais de diversas áreas.

O padre atuou principalmente na defesa de pessoas desvalidas, para quem trabalhava sem cobrança de honorários. Em Santa Cruz, encontramo-lo advogando a causa do escravo Ciríaco na sessão do júri da comarca no mês de maio de 1867.

> *Foram julgados: no dia 14 do corrente o réo Cyriaco, escravo de D. Luiza Vieira de Faria, accusado pelo crime de roubo. Teve por defensor o Rm Padre Antunes de Siqueira._ Foi condemnado á pena de açoites (150) e a trazer um ferro ao pescoço. Em 15 entrou em julgamento o réo José da Rocha, indio, accusado pelo crime de homicidio casual, tendo por defensor o mesmo Rm. Sr. _ Foi absolvido. [...] No dia 17, José das Neves Coutinho Timbeba, accusado pelo crime de castração. Ainda foi defensor deste o Rm. Padre Antunes. Foi absolvido por faltas de provas. [...] A accusação deste ultimo réo foi movida por uma denuncia anonyma posta por baixo da porta do expromotor J. Delgado F. de Carvalho.*[130]

Certamente, ainda que dura, diante da legislação da época, a pena imposta ao escravo Ciríaco, terá sido abrandada por ação do Padre Antunes. No ano de 1874, já estabelecido na capital, continuava advogando na área criminal, em geral na defesa dos menos favorecidos. É deste ano o anúncio seguinte:

> *O Padre Francisco Antunes de Siqueira, advogado provisionado pela Relação do Destricto offerece-se para defender em qualquer juizo, e especialmente no Tribunal do Jury. Para os pobres seus serviços serão sempre gratuitos.*[131]

Atuando nas sessões do júri da capital em 1877, recebeu elogio por seu trabalho:

> *O Rvm.º Padre Antunes de Siqueira, que tem por sua sympathia merecido geral estima, e a popularidade de todos os seus concidadãos.*[132]

Em 1886 atuava também na justiça eclesiástica, em ação de nulidade de matrimônio intentada junto ao bispo diocesano, na vara da comarca eclesiástica de Vitória, da então diocese do Rio de Janeiro.[133]

O "advogado dos desvalidos" muito colaborou para atenuar um pouco das adversidades e injustiças sofridas por pessoas carentes da então província do Espírito Santo.

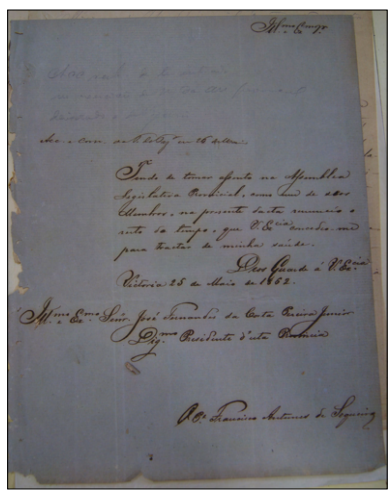
VI - O POLÍTICO PADRE ANTUNES

Como já citado, a política estava nas veias do Padre Antunes. Membro do Partido Conservador, a exemplo do pai, entre os anos de 1858 e 1859, ele também foi deputado provincial[134], enquanto pároco de Aracruz, na 12ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo.

Legislou a favor da educação no estado. Muito fez pela população de Aracruz, não somente para seus fregueses, como pároco, mas, pela sociedade como um todo, por seu cargo político.

Como pároco já pleiteava as melhorias dos serviços públicos em Santa Cruz e certamente trabalhou em prol e participou da inauguração do novo "chafariz do Tanque" inaugurado em 1858.[135]

E outra vez exerceu o mesmo cargo na 14ª legislatura 1862/63, exercendo no primeiro ano desta (1862) o cargo de segundo secretário da casa.[136]



Ofício do Padre Antunes para o presidente da província comunicando estar eleito deputado provincial.
APEES Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311.

Continuou o trabalho em prol da educação, batalhando pela criação de escolas femininas nas vilas da província.

No ano de 1869 ocorreu uma polêmica, fruto de uma possível jogada política, como se depreende de notícias dos jornais da época. Aos 8 de junho toma posse como presidente da província o então primeiro vice-presidente Dionísio Álvaro Resendo, também do Partido Conservador. Estando o Padre Antunes, de certa forma, insatisfeito com atitudes de alguns chefes e com a sua condição nos planos do partido, usou ele de um blefe para conseguir sua nomeação como professor de Geografia e História do "Colégio Espírito Santo", imediatamente após a demissão do professor Ernesto Mendo de Andrade e Oliveira.

Lê-se no "Jornal da Victoria", ligado ao partido Liberal, do dia 11 de setembro, escrito pelo redator oposicionista Delecarliense Drumond de Alencar Araripe:

> *Cançado de esperar o seu formal de partilha o sr. Antunes em um momento de desespero, resolveu suicidar-se na politica, e então mandou para a nossa typographia um artigo para ser publicado, onde alguma couza era dito sobre a moralidade do partido conservador com aquellas frases com as quaes só elle sabe enfeitar o seu pensamento.*
> *Treme a terra, os homens da situação ocorrem pressurosos a saber a razão pela qual retirava-se o pregador que dera o expressivo abraço no actual vice-presidente. Compareceu o padre Antunes perante o concilio presidido pelo sr. Dionysio, e depois de interrogado, elle com as faces banhadas em lagrimas estende a mão pedindo pão.*
> *Então para satisfaser-se e aquietar este estomago é demittido o lente proprietario da cadeira de história, e nomeado o descontente partidario com a condicção de retirar o artigo da imprensa.*[137]

Na sessão da Assembleia Legislativa Provincial de 30 de outubro de 1869 o deputado oposicionista José Correia de Jesus apresentou uma transcrição do tal "artigo" do padre para a imprensa da oposição, que só continha a primeira frase:

> *Senhor redactor. Não posso mais sustentar o 'dominio da ignorancia!' O procedimento 'desleal' de meu partido me força a assim me pronunciar... ... ... Collegio – Victoria – 25 de Agosto de 1869 – O Pe. Antunes.*[138]

Correia de Jesus comprou uma guerra contra o Partido Conservador e o Padre Antunes, mostrando o jogo político da demissão do professor.

O conflito que envolveu essa demissão acabou por expor, no período, o problema das habilitações necessárias ao ofício de professor de História, uma vez que as interferências do poder civil e religioso indicam o caráter eminentemente político da disciplina, que se constituía no nível secundário, destinada à preparação das elites locais.[139]

O Padre Antunes empenhou-se em retomar o "artigo", retirando-o do prelo. Apenas aconteceu isso, no dia seguinte, 31 de agosto, foi exonerado do cargo de professor efetivo o médico Dr. Ernesto Mendo, considerado não habilitado para o cargo, sendo nomeado em seu lugar o padre.

Correia de Jesus atacou os personagens dos fatos, Dionísio Resendo e Padre Antunes, assinalando a incompatibilidade do cargo público eclesiástico que este já detinha, por ser pároco colado da freguesia de Santa Cruz. O jogo político, ainda que mal explicado, aconteceu. O Dr. Ernesto Mendo certamente se ofendeu com o seu desligamento e o julgamento de que não seria habilitado para as aulas de História e Geografia

em um momento no qual não havia exigência de qualquer formação específica para o ensino de História, senão aquela oportunizada pelas academias do Império, como atacar a habilitação de um médico reconhecidamente hábil para grande parte da população da província? Tocamos aqui, então, em um ponto limítrofe daquilo que não era da ordem da possibilidade para esse momento histórico em questão. É o que dá o tom da finalização de Correa, na citação anterior, quando argumenta 'que a província, que o conhecia [Ernesto Mendo], havia de rir-se quando elle [Dionysio Resendo] promulgou a sua resolução.[140]

Nas eleições havidas para deputados provinciais no ano de 1875, Padre Antunes foi novamente candidato, porém foi pouco votado, não sendo eleito[141]. O mesmo se repetiu nas eleições de 1877.[142]

Em 1884 Padre Antunes concorreu a uma vaga de deputado geral (hoje deputado federal). Não foi eleito, mesmo havendo se apresentado através de carta publicada em jornais da capital, na qual dizia de si próprio:

Sigo a politica do verdadeiro interesse pelo bem publico, bem como a religião do dever. Embora conservador de coração, todavia não sou fanatico por ferrenhos princípios, applaudindo assim as grandes idéas dos partidos, as legitimas aspirações dos governos, e as reformas liberaes, reflectidas e prudentes, que assegurem o publico engrandecimento na arêna gloriosa de nossa autonomia politica, bussola, que deve dirigir a integridade nacional.[143]

Admirava Muniz Freire e, tendo sido convidado, proferiu eloquente discurso na cerimônia de posse deste presidente da província em 3 de maio de 1892[144]. Durante toda a vida perseguiu a política; em dezembro 1896 foi novamente candidato a deputado provincial nas eleições de 30 de dezembro, mas outra vez não logrou êxito.[145]

VII - SEU MINISTÉRIO EM CONCEIÇÃO DA BARRA

Acreditamos que ao conseguir sua exoneração do cargo de pároco colado de Santa Cruz planejasse o Padre Antunes permanecer em sua terra natal coadjuvando o pároco da capital e lecionando ali. Mas, ao que parece, seus planos não deram certo logo no início, pois, em 9 de agosto de 1871 foi exonerado do cargo de professor de primeiras letras em Vitória, sendo nomeado para substituí-lo Aristides Brasiliano de Barcelos Freire[146].

Não temos absoluta certeza de como foi tratado com o bispo o seu desligamento de Santa Cruz, mas sabemos que em 21 de setembro seguinte Padre Antunes encontrava-se em São Mateus e pregou sermão na festa do padroeiro[147]. Em 4 de outubro, estando no município de Conceição da Barra, celebrou missa de sétimo dia pelo falecimento de Roque José Gomes, fazendeiro em Itaúnas.[148]

Conceição da Barra. Foto de Eutychio d'Oliver. Acervo do IPHAN, Vitória. 1907.

Certo é que, por determinação do bispado, foi nomeado pró-pároco da freguesia de Conceição da Barra, onde já se encontrava servindo em janeiro de 1872[149]. Foi nomeado vigário do lugar por provisão de 17 de fevereiro seguinte[150] tomando posse aos 29 de do mesmo mês "por provisão da Vigararia-geral do Bispado".[151]

Interessante ao estudo do folclore capixaba é a descrição que o memorialista faz da festa do Alardo que presenciou no ano de 1872 em Conceição da Barra.[152]

> *Em 1872 presenciei na vila da Barra de São Mateus uma cerimônia sacro-profana que relembrava as lutas entre os cristãos e mouros em honra de São Sebastião, o invicto mártir do cristianismo nos lutuosos dias do imperador Diocleciano". E segu narrando as belezas desse rico evento do folclore barrense.*[153]

Praça da Matriz. Conceição da Barra. Foto de Eutychio d'Oliver.
Acervo do IPHAN, Vitória. 1907.

Pouco antes desta ocasião havia sido promulgada a lei do Ventre Livre[154]. Em artigo publicado em jornal da capital tempos depois, o memorialista conta sobre fato ocorrido na localidade:

> *Inda depois da lei do ventre livre, um ricasso, insultou-me, porque declarei que o recemnascido ia ser inscripto no numero dos livres!*
> *Como é lá isso, sô padre, perguntou-me o bruto feróz, entonsi vossocê fórra escravos? O imperador não me mandou dizer nada! Esforcei-me por esclarecel-o, mas á nada se movia. Falei-lhe do Rio Branco, e ele me disse em ar de zombaria: eu só conhêxo o Quaxindiba e o Itaúnas. Para acalmal-o, chamei o dr. juiz de direito, senão o meu homem ia-me ás ventas!* [155]

Mas, pouco permaneceu em Conceição da Barra o nosso personagem. Possivelmente muito contrariado foi que serviu na paróquia da cidade. É de se pensar que esta mudança tenha sido uma espécie de "castigo" imposto pelo bispo de então, Dom Pedro Maria de Lacerda, que também suspendeu as ordens sacras do Padre Antunes algumas vezes como segue adiante tratado.

É certo que lá esteve somente até abril de 1872, pois, em 24 deste mês o padre José Pereira Duarte Carneiro é aprovisionado no cargo de pároco da paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Em agosto seguinte Padre Antunes anunciou estar estabelecido na ladeira de São Diogo, em Vitória, ministrando aulas particulares para meninos do ensino primário, além de Francês, Latim, Geografia, História, Filosofia e Retórica.[156]

VIII - CAPELANIA DA COMPANHIA DE APRENDIZES MARINHEIROS

De volta à terra natal, estava disposto a permanecer ali exercendo seu ministério sacerdotal, além de também ser educador da mocidade capixaba. Requereu e conseguiu a sua nomeação em 9 de setembro de 1872 como "capelão extranumerário da Armada com exercício de professor"[157] dos menores matriculadas na Companhia de Aprendizes Marinheiros, que ficava aquartelada no Forte de São Francisco Xavier, cuja "*escola de 1as letras, dirigida pelo Capellão, o Revd. Francisco Antunes de Siqueira, funcciona com regularidade, sendo notavel o aproveitamento da maior parte dos Aprendizes*"[158]

Por aviso do Ministério da Marinha de 5 de março de 1873 receberam moções de louvor o capelão Padre Antunes e o comandante da Companhia de Aprendizes Marinheiros capitão-tenente Pedro Cordeiro de Araújo Feio

> *pelo interesse e zelo com que tem desempenhado seus deveres, dando disso provas evidentes o como se apresentarão no Quartel Central, os dez Aprendizes ultimamente d'ahi enviados, limpos, bem uniformisados, e acompanhados das provas escriptas da instrucção ali recebida.*[159]

Em maio seguinte, a escola da Companhia de Aprendizes Marinheiros, dirigida pelo padre foi visitada pelo Dr. João Tomé da Silva, presidente da província, que ficou muito bem impressionado com o asseio e ordem que encontrou e também com o resultado da avaliação de um dos alunos.[160]

Porém, uma portaria de 25 de outubro deste mesmo ano[161] determinou que o Padre Antunes fosse suspenso do exercício de suas ordens sacras[162]. Isso desencadeou desavenças do padre com o capitão do porto e o comandante da Companhia de Aprendizes Marinheiros.

Por ofício de 3 de dezembro de 1873 o ministro e secretário de estado dos negócios da Marinha determinou que fosse dispensado o Padre Antunes do emprego de capelão da Companhia de Aprendizes Marinheiros. E o capitão do porto tomou as providências enviando ao comandante ordens para cumprir o que fora determinado.[163]

Com recurso junto ao bispo, posteriormente retomou o exercício de ordens e foi novamente nomeado capelão da companhia, aos 26 de janeiro de 1874[164] e, no dia 30 de janeiro retornou às atividades.[165]

Padre Antunes teve o exercício de suas ordens sacras suspenso por várias vezes e a polêmica por essa razão gerada é tratada no próximo capítulo analisando os pontos de que temos notícias relativas a este fato.

No dia 2 de dezembro de 1881 ocorreu a bênção e lançamento da pedra fundamental do novo edifício para quartel da Companhia de Aprendizes Marinheiros e para a Capitania do Porto, com a presença do presidente da província Marcelino de Assis Tostes, do então capitão do porto e comandante dos aprendizes, capitão-tenente da Armada Teotônio Coelho Cerqueira de Carvalho e muitas outras autoridades sendo o ato oficiado pelo vigário de Vitória, padre Mieceslau Ferreira Lopes Wanzeller coadjuvado por outros inclusive o capelão Padre Antunes que proferiu, ao final do ato, um discurso oficial.[166]

Em 1884 encontramos nos jornais notícias de que o capitão do porto pedira a demissão do padre do cargo de capelão da Companhia de Aprendizes Marinheiros. Mas ele continuou.[167]

No ano de 1885 faleceu na Companhia um dos menores, o indígena Venâncio de Carvalho. "O finado Aprendiz Marinheiro era índio descendente dos botocudos do rio Doce, contava de 8 para 9 anos e era muito estimado naquela Companhia".

Padre Antunes celebrou no dia 27 de março a missa de sétimo dia do aprendiz, dizendo algumas palavras sobre seu discípulo botocudo.[168]

Por muitos anos continuou ainda como capelão e professor dos jovens aprendizes marinheiros do Espírito Santo.

IX - SUSPENSÃO DE ORDENS SACRAS. POLÊMICA.

No século XIX, em todo o Espírito Santo, afastados da presença e ativa coerção do bispo, viviam muitos padres com mulheres de portas adentro, das quais tinham filhos, não sendo isso segredo para os fiéis, que, por sua vez, também viviam amancebados e, com isso, tinha que haver uma tolerância recíproca condenada pelos bispos. Diversas vezes estes tentaram corrigir esse procedimento, mas sem sucesso na maioria das vezes. Viviam esses padres como sacerdotes por profissão, participando de diversas outras instituições, tratando de assuntos alheios à religião, não relacionados com seus deveres do ofício sacerdotal; sendo até políticos, negociantes, fazendeiros, tudo em dissonância com os ensinamentos católicos. Vivendo, enfim, como homens leigos do seu tempo.

Mesmo em Vitória, o padre não conseguiu viver sempre tranquilo. Teve algumas desavenças, sendo a pior delas, com Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro na época, ao qual estava sujeito o território do Espírito Santo, que por diversas vezes negou as suas provisões de ordens.[169]

Em janeiro de 1874 compareceu ao Rio de Janeiro, sede diocesana, para tratar do assunto de suas ordens suspensas. Apresentou-se a Dom Lacerda e justificou a sua inocência com um dossiê composto de suas habilitações e 120 atestados de bons costumes *"das pessôas, mais gradas, que fazem a nata da população d'esta Capital, d'esde o Exm.º Sr. Presidente d'esta provincia, o seu mais alto funccionario, até o empregado publico da ultima classe, além de todo o corpo commercial, nacional e estrangeiro"*[170] acerca de sua conduta. O prelado o ouviu, avaliou a documentação apresentada e, em resposta, assegurou-lhe a absolvição da censura e a provisão de ordens mediante a confissão sacramental. Tendo se confessado com sacerdote da corte, como prescrito, obteve provisão de restituição de ordens.[171]

Ele agradeceu depois aos amigos, suplicando: "*Deus me proporcione sempre occasiões de honral-o, de glorificar minha Patria, e distinguir minha clas-*

se"[172]. Em 23 de janeiro do ano seguinte teve renovada sua provisão de ordens para celebrar, confessar e pregar.[173]

Porém, em 22 de setembro de 1876 o presidente da província oficiava ao Padre Antunes tratando das suas provisões, por haver recebido ofício do vigário da vara eclesiástica, padre Azambuja Meirelles, no qual dizia este que o padre não havia apresentado à vara as provisões exigidas pelo bispado.[174]

Por carta de 18 de outubro seguinte o bispo comunicava ao padre que suas provisões de ordens seriam negadas novamente: "*Não lhe posso conceder novas provisões para exercer suas ordens; por isso V. Rvdm.ª não celebre, não confesse, e nem pregue*".[175] A seguir o Padre Antunes peticionou à Princesa Regente "*interpondo recurso pela oppressão que soffre do Exm.º e Rvdm.º Bispo d'esta Diocese*"[176] não lhe concedendo provisão de ordens. O seu recurso à Coroa foi rejeitado por não se enquadrar perfeitamente às "formalidades legais".[177]'[178]

Havendo Dom Lacerda comunicado ao presidente da província, por ofício da mesma data, que o Padre Antunes estava suspenso de ordens, o presidente, no dia 17 de novembro, determinou o seu afastamento do cargo de capelão da Companhia Aprendizes Marinheiros até determinação do Ministério da Marinha, a quem o presidente comunicou acerca do conteúdo do ofício do bispo.[179]

A 5 de dezembro foi desligado da Companhia por aviso do Ministério da Marinha datado de 24 de novembro, após comunicação à Capitania do Porto.[180]

> *A Escola de Primeiras Letras [da Companhia de Aprendizes Marinheiros] funccionou sempre com regularidade; até o dia 20 de Novembro foi ella dirigida pelo intelligente e illustrado ex-Capelão da Companhia Padre Francisco Antunes de Siqueira, com a exoneração do qual muito perderão os menores, por ficarem privados de suas lições.*[181]

No final do ano de 1876 encontramos nos jornais algumas polêmicas acerca do exercício do ministério sacerdotal pelo Padre Antunes. Há diversas publicações que, apesar de não esclarecerem com todas as palavras os reais motivos de não ser aprovisionado do uso de ordens, oferece algumas luzes acerca dos personagens envolvidos. Frei João do Amor Divino Costa, franciscano, guardião do convento da Penha e o pároco e vigário da vara eclesiástica de Vitória, padre José Gomes de Azambuja Meirelles são citados nominalmente ou veladamente pelo Padre Antu-

nes e, numa edição de dezembro deste ano o padre esclarece acerca de diversas picuinhas entre os religiosos da época, numa província sem um prelado para administrar de perto os sacerdotes:

> *Ha n'esta capital, e em toda a provincia, muitas pessôas gradas, que pódem dar testemunhos de minha conducta. A muita susceptibilidade, offensa gratuita do amôr próprio, desconfiança de si mesmo, são os moveis d'essa vingança infrene e miserável. Em todas as classes ha um espirito peculiar, que as preside e dirige; nos lugares, mais adiantados, todos chegão combustiveis para atear a chamma do gênio, e do talento, e os applausos são outros tantos estimulos para novas e gigantescas empresas; na classe sacerdotal, porém, e na minha provincia, ha de annos, e muito mais agora, um desamor, uma descaridade, um egoismo que desapiedadamente prostra tudo ao carro de seus ephemeros triumphos. Ha um grito de morte a quem tem a liberdade de pensar! Cem bôcas soprão a fraca luz do phosphoro, para apagal-a, temendo não venha a verdade dissipar as trevas do erro! E sempre a mentira a atraiçoar as bellas intenções!... Espirito-Santo, 2 de janeiro de 1877.*[182]

Outros episódios narrados nessas publicações citam o fato de haver sido o Padre Antunes acusado até de "ter avançado heresias e heterodoxias em um sermão do SS. Sacramento"[183]. O sermão foi publicado neste mesmo número do "O Espirito-Santense" para conhecimento de todos, por alegar o Padre Antunes nada nele haver de herético. Outro sermão do mesmo assunto é publicado na edição de 13 de janeiro.[184]

Em 2 de janeiro de 1877 esperava ele ser reintegrado nas provisões de ordens e escrevia:

> *Felizmente a luz se vai fasendo _ 'lux in tenebris, et tenebræ eam nom comprehenderunt' (*). Tenho companheiros, e bem illustres, d'esses caprichos e antagonismo: Pinto de Campos, Arêas, Guilherme Dias, Almeida Martins, e outros... Sou o ultimo soldado d'essa phalange; hade me tocar algum dia um 'raminho de oliveira', e minha fraca voz enthoará o hymno da victoria. (*) A luz brilhou nas trevas, e as trevas não a comprehenderão. (S. João, Cap. 1º v. 5).*[185]

Em maio de 1877 Padre Antunes afirmava: "tenho sido por duas vezes suspenso do exercício de minhas ordens"[186]. Ele se alegrava com a sua provisão de ordens anunciada pelo arcipreste Meirelles e pedia a sua reintegração como capelão e professor da Companhia de Aprendizes Marinheiros[187]. Em resposta, foi comunicado que a sua reintegração como capelão não seria possível à vista de determinação legal, por ter a Companhia menos de cem praças[188] naquele momento.

Confiante, em 12 de dezembro deste ano publicou na imprensa uma carta de agradecimento a todos que com ele colaboraram para a sua reintegração de ordens:

> *Do intimo d'alma, confundido em minha obscuridade, no meio da humiliações, que me hão tanto abatido, acreditei ainda viver para a sociedade, quando o povo, d'onde nasci, quando os amigos e patricios vieram me saudar pela graça, que o Revdm.º Sr. Arcypreste me acaba de conceder, para anunciar a palavra divina.*
> *Deus me dará forças para não desmentir essa confiança, cercando-me de anjos bemfazejos, para me livrarem das garras da penuria, que tantas vezes ameaçou-me com suas horriveis fauces.*
> *Um abraço a todos justifica o meu agradecimento, e o de minha mãi, que tanto partilha os meus pezares, quanto se exalta em minhas venturas!... Essa corôa alimentou seu maternal coração, e prolongou mais dias a sua existencia, que é tãobem a minha.*[189]

Assim, naquele mês havia celebrado a festa de Nossa Senhora da Conceição da Prainha e, com toda pompa, para a irmandade dos peroás, celebrou ainda a festa de São Benedito da igreja do Rosário.[190]

Em 1878, por carta a Basílio Daemon pedindo esclarecimentos acerca de não ser ele o autor de escritos políticos publicados no "O Espirito-Santense", esclarecia acerca dos sofrimentos e penúrias pelos quais passava suspenso de ordens:

> *As decepções e privações, que tenho soffrido, hão apenas me abalado; não me abaterão porém de todo... Quando me faltarem todos os recursos, pedirei; roubar, nunca. Eu só pareço o que sou. Victoria, 23 de Fevereiro de 1878.*[191]

No dia 4 de abril do ano seguinte o Padre Antunes recebeu resposta de que o Sr. bispo havia se negado a aprovar o ato do arcipreste Meirelles de sua reintegração no exercício de suas ordens. Por este motivo ele ainda se considerava suspenso e deveria abster-se de funcionar em atos religiosos como sacerdote, pedindo desculpas aos amigos por atos com os quais já havia se comprometido.[192]

Na imprensa encontramos algumas publicações de apoio ao padre. Neste mesmo mês um seu amigo publicou no "O Espirito-Santense" um poema animando-o na dura espera pelo provimento de ordens, que na penúltima estrofe diz:

Hade chegar, meu Padre, a tua gloria
Na religião do dever;
Hai hasde cantar tua victoria,
E eu serei quem hade vêr!.[193]

Dias depois encontramos outro poema de acerca da suspensão de ordens, que diz na primeira estrofe:

Deixa os altares de furor acezo,
De odio e de maldade!
Vai no direito conquistar triumphos!
Esamaga a crueldade![194]

Recebeu apoio de muitos amigos e da população de Vitória, que ressentia de suas prédicas nas igrejas da capital. A imprensa publicou também uma carta endereçada ao bispo intercedendo pelo padre, pedindo a retirada da suspensão de ordens: "*Examine bem S. Ex.ª Revd. essa causa e reconhecerá que o Padre Mestre Antunes é, talvez, depois de S. Ex.ª Revd. o Sacerdote mais moralisado da Diocese, accrescento que é também um dos mais ilustrados*".[195]

No dia 31 de agosto de 1878 Padre Antunes escreveu um poema de despedida das pessoas de seu convívio em Vitória, agradecendo a ajuda que obteve para a sua próxima viagem ao Rio e pedindo orações pela sua empreitada de reintegração no pleno exercício de ordens.[196]

O lente de Latim do Ateneu Provincial pediu um mês de licença para ir ao Rio de Janeiro tratar de sua saúde. Licenciado, no dia 31 de agosto de 1878 saiu.[197] Na realidade, ele necessitava ir ao Rio para tratar das suas provisões.

Foi ao Rio de Janeiro na primeira semana de setembro e, no dia 9 retomou o trabalho no magistério[198]. Logo a seguir ele publicou no jornal um soneto, que assinou como "O Padre suspenso", agradecendo o apoio recebido na corte da parte do padre Luiz Antônio Escobar de Araújo, seu amigo de longa data.[199]

Na corte protocolou pedido de reintegração nas suas ordens, com uma retratação "de erros doutrinais e protestos de emendar a vida". Seu pedido foi indeferido pelo bispo que determinou que o mesmo realizasse os exercícios espirituais para lhe conceder as provisões.[200]

O Padre Antunes não quis mais medir forças com o prelado. Era um sacerdote da Igreja e desejava permanecer unido a ela e submisso ao bispo. Certamente já tinha conhecimento também da futura visita pastoral de Dom Pedro Maria ao Espírito Santo, ocasião em que deveria estar de bem com o bispo e com a Igreja e demonstrar esta proximidade. Assim, em 25 de de-

zembro deste mesmo ano escreveu despedindo-se novamente dos amigos do Espírito Santo, ao partir "às pressas" para o Rio de Janeiro.[201]

No Seminário de São José do Rio de Janeiro fez dez dias de exercícios espirituais. No dia 6 de janeiro de 1879 escreveu a ode "Impressões do meu retiro espiritual" em que descreve fatos do seu ministério, sua vida e do momento do retiro.[202]

Ao finalizar os exercícios espirituais, apresentou-se a Dom Lacerda, sendo recebido paternal e amorosamente. Padre Antunes fez uma retratação ao bispo que, em resposta declarou "que ia mandar-lhe passar as provisões do estilo, concedendo-lhe desde logo licença para celebrar"[203]'[204]. Após isso, finalmente, recebeu as provisões para "celebrar, confessar e pregar por um ano".[205]

No dia 18 de janeiro, no vapor "Alice", ele retornou a Vitória de posse de suas provisões de ordens[206]. Retomou suas atividades sacerdotais na paróquia de Vitória, pregando sermões da Quaresma, da Semana Santa e celebrando em diversas festividades das Irmandades e Ordens Terceiras, como de costume. Grande número de amigos e muitas pessoas do povo estavam muito felizes com o serviço pastoral que ele prestava em Vitória. Suas provisões são renovadas no final do ano de 1879.[207]

No ano de 1880 aconteceu a tão esperada visita pastoral de Dom Pedro Maria de Lacerda ao Espírito Santo, após décadas sem a presença de um bispo na província. No dia 1º de junho, a bordo do paquete "Pernambuco", chegou a Vitória o prelado, aqui permanecendo até abril do ano seguinte[208]. No dia 4 de junho o prelado pontificou na festividade do Santíssimo Sacramento na matriz de Vitória, pregando sermão o Padre Antunes.[209]

O padre participou de diversos atos da visita pastoral, aproximando-se de Dom Lacerda. Representando a Ordem Terceira da Penitência pronunciou a 5 de julho uma felicitação ao bispo: *"A presença de V. Ex.ª Reverendissima n'esta provincia, em sua visita episcopal, é um monumento vivo da historia, das conquistas, dos beneficios, com que soube ella desthronisar o vicio, confundir o erro, e instruir a ignorância! Com a palavra, e com a efficacia dos Sacramentos que scenas grandiosas e arrebatadoras não tem presenciado esta capital?"*. Dom Lacerda *"ouvio com religiosa attenção a leitura da felicitação, dignando-se a responder: _ Muito me penhora esta prova de benevolencia, com que a Ordem Terceira me vem felicitar; e tomo-a em particular consideração"*.[210]

De certa forma, adulando o prelado, compôs o Padre Antunes uma sextilha oferecida ao bispo em 10 de julho, na qual diz que fala ao seu pai espiritual com a "voz do coração". Ao recebê-la, Dom Lacerda respondeu com outra graciosa[211]. Animado por esta resposta o padre dedicou ao bispo três décimas enaltecendo-o.

Padre Antunes seguiu participando das celebrações da visita, sempre próximo do bispo. Nos primeiros dias de dezembro de 1880 recebeu ele novas provisões de suas ordens.

Na antevéspera da partida de Dom Lacerda para a corte foi cantado na matriz de Vitória um "Te Deum" em agradecimento e despedida com sermão do Padre Antunes[212]. Na presença do prelado "*agradeceu a benevolencia com que o tratou, quando elle desviou-se do caminho traçado pela Egreja*".[213]

E no dia 2 de abril de 1881 embarcou Dom Lacerda no paquete "Espírito Santo" retornando ao Rio de Janeiro[214]. Ele veio a falecer aos 12 de novembro de 1890. Celebrações de exéquias foram realizadas em Vitória com a participação do Padre Antunes.[215]

Em dezembro de 1881 recebeu novamente provisão de ordens de Dom Lacerda[216]. E seguia a vida como sacerdote e professor. Mas sabemos que ele outras vezes teve problemas com as suas provisões.

X - MAÇONARIA

No século XIX surgiu no seio da Igreja Católica o movimento denominado "Ultramanismo" que significa "além das montanhas", ou seja, em Roma, sede papal além dos Alpes em relação a quem está na França (onde o movimento teve início) ou na Alemanha (onde se solidificou). Defendia e reforçava o poder e as prerrogativas papais em matéria de disciplina e fé. Dom Pedro Maria de Lacerda, um dos bispos do movimento ultramontano, foi um dos defensores da pregação do Vaticano contra a Maçonaria naquele momento. Ao suspender o uso de ordens sacras pelo padre José Luís de Almeida Martins em razão de seu discurso de saudação à lei do Ventre Livre, em que usou termos da linguagem maçônica, no dia 3 de março de 1872, deu início no Brasil à chamada "Questão Religiosa", embate entre a Igreja Católica e a Maçonaria, tornando-se uma questão de Estado devido ao sistema do padroado adotado na relação com a Santa Sé.

Ações de outros bispos ultramontanos como as atitudes de enfrentamento à Maçonaria tomadas pelos bispos de Olinda e de Belém levaram ao prosseguimento do movimento até 17 de setembro de 1875 no Brasil.

Um "Velho Capixaba", como se identificou o autor de uma carta publicada no "O Espirito-Santense", nela se referia ao fato de haver sido negado ao Padre Antunes sua habilitação para uso de ordens:

O Padre Antunes não foi privado da honra de anunciar a palavra divina pelo Rvdm.º Sr. Arcypreste d'esta comarca de ordem de S. Exm.ª, Rvd.ª, não. O despeito e a vingança o arredarão d'essa funcção, para realisarem-se os fins sinistros, que ensina a reacção ultramontana em todos os pontos do nosso infeliz Brasil. _ Pobre povo, dormes o somno da indolencia e do indifferentismo, e elles te amarrão de pés e mãos!... Empenha-te em tua obra grandiosa, ó Maçoneria, escudo do fraco, e como o Anjo da meia noite, salva os filhos Deos.[217]

As palavras do "Velho Capixaba" nos dão fortes indícios de uma ligação do Padre Antunes com a Maçonaria. Fernando Achiamé no seu já citado estudo introdutório para a obra "Memórias do Passado. A Vitória Através de Meio Século" esclarece pontos da relação do Padre Antunes com a instituição:

Compulsando o livro Maçonaria no Espírito Santo de Christiano Woelffel Fraga localiza-se a transcrição de documentos da época e relatos de fatos desagradáveis ocorridos entre seguidores das duas instituições, a Igreja e a Maçonaria. [...] Mas, para o que interessa na biografia do padre Antunes, existe uma referência na obra acima citada de que na sessão de 24 de setembro de 1876 foi aprovada sua admissão na Loja União e Progresso, a mais antiga até hoje em funcionamento em nosso Estado. Na ocasião o venerável Tito da Silva Machado recomenda completo sigilo a respeito, "visto como sofrendo a nossa instituição encarniçada guerra do jesuitismo, necessariamente este profano proposto, quando iniciado, sofrerá grande perseguição, por ser Padre". O professor Christiano Woelffel Fraga acrescenta que nos arquivos maçônicos "não consta sua iniciação". Muitos amigos do padre e de seu pai pertenciam ao quadro da Loja União e Progresso. Dois maçons nela muito atuantes, Cleto Nunes Pereira e José de Melo Carvalho Muniz Freire, são os redatores do jornal A Província do Espírito Santo no qual estão estampados os artigos que compõem as Memórias do passado.[218]

Advogado e político, nascido em 8 de julho de 1835. Cavaleiro da Ordem da Rosa e um dos grandes maçons capixabas do século XIX[219], o citado venerável Tito da Silva Machado, em 1860 já residia em Santa Cruz, onde viveu por muitos anos. Foi juiz municipal e inspetor escolar, sendo contemporâneo do Padre Antunes ali.[220'221]

Também as ideias e autores citados pelo padre indicam possíveis atritos que, por certo, desagradava ao bispo ultramontano.

No citado estudo introdutório, Fernando Achiamé refere-se à análise de Afonso Cláudio, que vê nos escritos de Padre Antunes uma "filosofia à Cousin", um dos filósofos franceses inconciliáveis com o Ultramontanismo.

Fez referências a Emílio Castelar, escritor político espanhol republicano de ideologia liberal; Eugène Sue, escritor francês, e ao historiador e escritor italiano Cesare Cantù. Certamente ao bispo Dom Lacerda, romanista, desagradava a simpatia com que Padre Antunes via estes autores, a Maçonaria e também sua grande amizade com líderes maçons capixabas, além de personalidades políticas liberais.

Não encontrando nos arquivos da Loja Maçônica União e Progresso dossiê para nos dar certeza absoluta da sua intenção de tornar-se maçom, ficamos com os indícios e a incerteza.

A retratação que fez em 1878 para Dom Lacerda tem início com referência a "erros doutrinais condenado pelos cânones da Igreja", o que anteriormente fora negado pelo padre. Ele não citou explicitamente a Maçonaria. Na realidade, não encontramos artigos em que defenda ou rechace a instituição. Mas ele também não citou o fato de não viver a castidade no voto de celibato, tendo amásia e filhos, o que era público em Vitória e que, certamente, estava entre as razões de suas suspensões de ordens. Isso nos leva a crer que, apenas no confessionário, podem haver sido ditas verdades não esclarecidas publicamente acerca dos motivos das suspensões.

Certo é que, ainda que simpatizasse com a causa maçônica, com o liberalismo e o positivismo, bandeiras de vários amigos seus, o Padre Antunes não as defendeu abertamente. Anos depois das reprimendas, esteve novamente em risco de não ser aprovisionado em janeiro de 1889:

> *Está ameaçado d'essa pena o Padre Francisco Antunes de Siqueira, segundo nos informão, até que o Revd. Vigario Conego Azambuja informe: 1º Se aquelle Revd. uza de habito talar; tonsura; se habita com mulher suspeita; se é turbulento; se celebra em casas particulares!!! etc. etc. Foi-lhe apenas concedido uzo de Ordens até o fim do corrente mez...*
> *É na verdade o cumulo de disparates, e a consequência da inveja.*[222]

Mas, em julho seguinte recebeu provisão de ordens, sendo comemorado o fato por populares que, acompanhados pela banda de música dos caramurus, se dirigiram à casa do padre e também pelos seus alunos do Ateneu.[223]

Fiel à Igreja, ainda que ao seu modo, permaneceu sempre vivendo o seu sacerdócio, defendeu-a publicamente em seus sermões, como no sermão quaresmal de 7 de março de 1890, tratando dos malefícios da separação entre Igreja e Estado, sobre o que depois escreveu na imprensa. Dirigiu-se ao redator Aristides Freire nestes termos:

> *Folgo por vel-o na vanguarda dos nobres lidadores da fé catholica, preferindo para as publicações do seu jornal artigos, convenientes aos grandes assumptos*

da actualidade, que hão de glorificar seus escriptores, dando testemunho da união de todos os catholicos, que não renegam a crença de seus maiores, nem atraiçoam suas convicções por meros respeitos humanos.

Sofframos com resignação, coragem e perseverança esses males que abriram bréchas á indifferença religiosa, que conduz em sua chammejante cauda o presago da justiça divina! Após ella virão o positivismo, o scepticismo e o materialismo abalar a própria sociedade em seus fundamentos, e a soberania do povo, tão preconizada, ha de pela religião, elemento poderoso de sua vida moral, entoar os hymnos da victoria.[224,225,226,227]

Em outro artigo, escrito no dia 20 de março, defendia a ligação da Igreja com o Estado dizendo: "magoa-me a alma, e se me confrange o coração, ao ver arruinadas as tradições nacionais, que homologavam as instituições civis, consolidadas pelo elemento religioso, que, influindo na paz universal dos povos, garantia a união, alavanca poderosa do equilíbrio de todas as funções orgânicas da vida moral da sociedade e da família"[228]. A ligação da Igreja com o Estado era, ao seu ver, necessário, por ser assim possível.

XI - MINISTÉRIO SACERDOTAL EM VITÓRIA ORADOR SACRO

Afonso Cláudio é quem nos dá testemunho de que, no Espírito Santo, o Padre-mestre Antunes "foi em seu tempo o sacerdote que maior número de sermões proferiu"[229], mas devido ao fato de viver na Vitória daquele tempo, "pequeno centro de vida intelectual", pelas dificuldades em se publicar livros naquela ocasião, poucos sermões chegaram ao nosso tempo, sendo basicamente aqueles que saíram pela imprensa capixaba.

Como já dito, desde agosto de 1872 estava de volta à capital. Já não mais pároco colado de Aracruz, suas provisões permitiam celebrarem toda a diocese do Rio de Janeiro. Fixando-se em Vitória iniciou um período muito rico de seu ministério sacerdotal como orador sacro, servindo aos mais variados seguimentos do catolicismo na capital. Celebrava em diversas capelas e na matriz de Vitória, da qual ficou como uma espécie de adjutor[230,231]; também celebrava nas paróquias de Carapina e Vila Velha, onde sempre pregava na concorrida festa anual de Nossa Senhora da Penha, padroeira do convento, além de celebrar no interior do estado em diversas localidades.

Participou da celebração do lançamento da pedra fundamental da obra de aumento da capela do Senhor do Passos da igreja do convento do Carmo em Vitória, ainda em 1869. No dia 8 de setembro, presentes os membros da Irmandade do Senhor dos Passos, da Ordem Terceira do Carmo e da Irmandade da Misericórdia, além de diversas autoridades civis, o prior do convento frei Antônio de Nossa Senhora das Neves após a missa procedeu ao lançamento da pedra fundamental da obra. Após a cerimônia, em comemoração da piedosa festa, o Padre Antunes recitou o "Soneto aos piedosos irmãos do Senhor Bom Jesus dos Passos por ocasião do lançamento da primeira pedra da capela consagrada ao seu culto".[232]

Por muitos anos o Padre Antunes participou das cerimônias da Irmandade do Senhor dos Passos.[233]

Além de assumir a capelania da Companhia de Aprendizes Marinheiros tornou-se também capelão de diversas ordens terceiras e irmandades. Era irmão e foi diversas vezes eleito prior da Ordem Terceira do Carmo ligada ao convento dos Carmelitas de Vitória[234'235]. Esta Ordem Terceira promovia em Vitória as festividades de Santa Teresa de Jesus em sua capela.[236]

Igreja e convento do Carmo com a capela da Ordem Terceira. Cartão postal de Vitória. 1904.
In: *O Álbum de Vitória*, de Carlos Benevides Lima Júnior. 2012.

Em 1890 já era prior jubilado da Ordem Terceira do Carmo.[237] Foi diplomado aos 16 de julho de 1891 em reunião da mesa administrativa da Ordem.[238] Foi também comissário da mesma Ordem Terceira[239].

Era capelão da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia[240]. Era irmão da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, cuja capela lo-

calizava-se na lateral do antigo convento de São Francisco, tendo exercido cargos na diretoria da mesma.[241]

Padre Antunes em suas memórias, como que através de um véu, pela descrição que faz das duas irmandades de São Benedito àquele tempo existentes, ligadas a partidos políticos distintos, deixa transparecer que é membro dos "caramurus" do convento de São Francisco, isto é, pertencia à antiga Irmandade de São Benedito do referido Convento. Tanto é verdade que era também membro do Partido Conservador.[242]'[243]

O ano de 1883 foi marcado pela notável pregação de sermão pelo Padre Antunes na festa de São Benedito dos caramurus:

> *Teve lugar no Domingo, Segunda e Terça-feira, como noticiamos e estava anunciado, as festividades ao Divino Espirito-Santo, Menino Deus e S. Benedicto, havendo Vesperas, Missas Cantadas, Sermões, Procissão e Te-Deum. A igreja do Convento de S. Francisco esteve ornamentada com muito gosto, o frontespicio da igreja e um arco feito por particulares á entrada da rua de S. Francisco illuminados a gaz, assim como bem decorado do salão para leilão dos brindes offerecidos pelos devotos.*
> *Pregou na festividade de S. Benedicto o Rvd.º Padre-mestre Antunes de Siqueira, que em seus arroubos de eloquencia elevou-se até onde póde elevar-se um orador, que sabe e conhece os recursos da oratória.*
> *Ha instantes na vida em que as faculdades mentaes, talvez pelo estado de quietação do espirito em que se achão, se accumulão de fôrças e em occasião propicia derramão effluvios taes, que enebrião àquelles que os aspirão.*
> *Foi o que aconteceu ao Rvd.º Padre Antunes, dissertando na tribuna sagrada, na festividade de S. Benedito.*
> *Como a catadupa que se despenha de grande altura, assim foi os rasgos de eloquencia de sua oração. Entremeiou a de philosophia e poetica o seu discurso, captou a attenção publica, que soube ainda uma vez avaliar os recursos intellectuaes de que dispõe o Revd.º Padre Antunes de Siqueira.*
> *Em seu exordio no púlpito, ao annunciar o orador a festa do Thaumaturgo da Sicília, e memorando actos passados, e enthusiasmas de á trinta annos, nessa mesma tradiccional festa, recitou um soneto que, n'aquella época produsira.*

O soneto a que alude essa matéria jornalística é o mais antigo texto poético escrito pelo padre de que temos notícia: "Entre colossais montanhas grejantes" diz a primeira estrofe do soneto.[244]

Convento de São Francisco. Cartão postal de Vitória. 1904.
In *O Álbum de Vitória*, de Carlos Benevides Lima Júnior. 2012.

Padre Antunes transitava também entre os peroás, como eram chamados os membros da nova irmandade sediada na igreja do Rosário, da qual também era irmão, e que era ligada ao Partido Liberal, e sempre celebrava na capela do Rosário dos Pretos, inclusive nas festas de São Benedito.

Era ainda membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos[245'246]. Também foi capelão da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Vitória, sediada na antiga matriz, ainda hoje existente na catedral de Nossa Senhora da Vitória.[247]

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Cartão postal de Vitória,1902.
In: *O Álbum de Vitória*, de Carlos Benevides Lima Júnior. 2012.

Em 1881 era também capelão da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios ereta na capela de Santa Luzia, em Vitória, onde serviu durante muitos anos nas celebrações. Na festa da padroeira deste ano pregou um sermão do qual noticiou um jornal da época: "Talvez seja esse sermão um dos melhores que da tribuna tenha o Sr. Padre Antunes recitado".[248]

Era tido pela população de Vitória como o padre "*que todos os annos predica, sermonisa, confessa-se e communga, prestando-se a muitos actos religiosos gratuitamente*".[249]

Notícias encontradas nos jornais da época nos dão provas de que era pregador profícuo. Os elogios ao orador sacro encontrados nos levam a crer que era mesmo reconhecido orador desde a juventude, apurando a erudição ao longo da vida.

Em 20 de dezembro de 1868 pregou sermão da primeira missa cantada do padre Manuel Rodrigues Bermude de Oliveira, sendo elogiado pelo "talento com que na tribuna sagrada se tem sempre distinguido este orador"[250]. Sua eloquência também foi reconhecida ao pregar no convento, na festa da Penha.[251]

Sempre participava das celebrações da Confraria de Nossa Senhora da Assunção e Boa Morte da igreja de São Gonçalo, cuja maior solenidade ocorre no dia 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assunção. Em reportagem sobre a festa da Assunção do ano de 1874, o redator Basílio Daemon escreveu sobre o que viu:

> *Pregou ao Evangelho o distincto Padre-Mestre Francisco Antunes de Siqueira, a quem o povo não ouvia á mais de um anno. A concurrencia era immensa no dia da festividade da Assumpção, todos querião ouvir e ver na tribuna sagrada o seu predilecto pregador, e na verdade, o distincto orador correspondeu por mais uma vez á publica expectativa: como que aureolado pelo sagrado fogo divino, o Padre-Mestre Antunes elevou-se até onde puderão elevar-se os Bossuets, Massillons, Bourdaloues, Fénelons e Monte Alvernes[252] e outros. Dispondo de recursos de intelligencia, talento, leitura de livros canonicos, dos mestres e doutores da Igreja com S. Athanazio, S. Agostinho, S. Thomaz, S. Gregorio, S. Bazilio, S. Jeronymo e outros, de uma dicção pura e castigada, de uma vocalisação doce e agradável, de accionado correspondente ao lugar que ocupava, tocou o grande orador ao sublime da oratoria sacra. E não somos nós que o dizemos, por sermos o menos competente, são todos aquelles que o presenciarão e ouvirão nessa torrente de pensamentos e comparações philosophicas, no liado da historia e da tradicção, no jogo da palavra e arroubos de poesia.[253]*

Outra vez referindo-se ao tempo da privação de ordens sacras do Padre Antunes e sobre a sua oratória, diz o mesmo redator:

Honro-me sim de ter algumas vezes obtido escriptos de S. Revdm.ª, um dos bellos talentos que honra esta provincia, já por seus vastos conhecimentos scientificos e litterarios, por como por ser reconhecido um dos melhores oradores sagrados deste seculo, nós que ouvimos Monte-Alverne, Barbosa França, Santa Candida, Escobar de Araujo, Coração de Maria, e outros. Sou amigo de S. Revdm.ª e onde estiver achar-me-ha a seu lado, pois que para nós a inveja a seus talentos tem sido a causa da perseguição que ha sofrido, para nós é isto caso julgado.[254]

Outro exemplo de rasgados elogios à sua eloquência encontramos em 1875:

O Padre Antunes tem as qualidades perfeitas de um grande oradôr: _ Presença sympathica, voz clara e expressiva, propriedade de gestos, extrema facilidade em descrever, coparar e argumentar, e _ o que é tudo _ a philosophia sã, correcta, discutida, incontroversa, que é a mais plena manifestação o espirito culto da geração moderna.[255,256]

Junto com outros sacerdotes deu a bênção na inauguração do gasômetro para iluminação particular, a gás, de Vitória. Na festa de inauguração ocorrida aos 16 de novembro Padre Antunes "cuja eloquência é sempre aplaudida e festejada pelo povo" tomou parte fazendo um "brilhante discurso",[257] que foi publicado na imprensa.[258,259]

No ano de 1881 com toda solenidade realizou as celebrações alusivas à Quaresma e à Semana Santa na igreja da Misericórdia, de cuja irmandade era capelão. Em agradecimento, seus amigos e a população em geral, formaram um verdadeiro cordão humano com duas bandas de música em passeata pela cidade em direção à sua casa, onde o saudaram pela sua dedicação à religião, sendo efusivamente aclamado por todos. Houve discursos e muitas comemorações. Godofredo da Silveira fez um emocionante discurso de agradecimento ao Padre Antunes e este respondeu à saudação com um discurso também emocionado.[260]

Ao se aproximar o Natal do ano de 1883, o padre percorreu as ruas de Vitória esmolando com um pequeno presépio em prol dos pequenos e pobres, cujo valor recolhido foi distribuído para 109 pessoas necessitadas da capital.[261]

Dirigi-me á parte dos habitantes generosos da nossa patria, e fui accolhido com vivas expanções de generosidade e delicados tratos. Obtive 65$240, que juntarei á

maior colheita, para ser distribuida pelos orphãos, viuvas, e outros infelizes, á quem faltam os recursos ordinarios da sua vida, tão cheia de privações e de lagrimas!...[262]

Em maio de 1886 Padre Antunes realizou a cerimônia de bênção e lançamento da pedra fundamental do "Asilo de Alienados" anexo à Santa Casa de Misericórdia. O "asilo" foi inaugurado exatamente um ano depois presidindo ele a cerimônia religiosa.[263,264,265]

Por ocasião das exéquias celebradas em Vitória em memória do poeta capixaba Manuel Jorge Rodrigues, falecido a 16 de agosto de 1886, o Padre Antunes escreveu e recitou uma necrologia exaltando a intelectualidade do finado. Rodrigues era diretor do Externato Santa Emília em São João Del Rei, Minas Gerais, e amigo do padre.[266]

XII - PADRE-MESTRE. MAGISTÉRIO EM VITÓRIA

Em 15 de fevereiro de 1869 encontramos propaganda do "Colégio Particular Nossa Senhora da Vitória", dirigido pelo Padre Antunes, situado na rua das Flores, nº 10, na capital: *"Sob a valiosa protecção da SS. Virgem, Padroeira d'esta capital, abrem-se as aulas d'este collegio. Alem dos alumnos externos, admittem-se meio-pensionistas, e logo [...] crear-se-ha um internato"*[267]. O colégio era de instrução primária e secundária. Chegou a ter mais de 60 alunos matriculados.[268,269]

COLLEGIO PARTICULAR,

NOSSA SENHORA DA VICTORIA

Nº 10 RUA DAS FLORES Nº 10

O director communica aos srs. pais de familias, que acaba de obter um predio com accomodações para internato, e com as condições hygienicas. As pensões são as seguintes:

Para pensionistas, que frequentarem as aulas de ensino-primario—20$000.

Idem, idem as de secundario—25$000

O Collegio se encarrega de lavagem e engommadura de roupas; o enxoval será fornecido pelos pais, e constará dos seguintes objectos: —além do vestuario, indispensavel, e conveniente ás circumstancias de cada um, marquesa, colxão, travesseiro, fronhas, escova de fato, de sapatos, de dentes, thezourinha, espelho, sabonete, bacia, ourinol, toalhas para rôsto, dita para pés, pente grosso, dito-fino, banheira.

A despesa de medico e botica fica a cargo dos pais; o director se offerece para as funcções de enfermeiro, e conservará os doentes no collegio, quando as molestias não forem contagiosas.

Admittem-se alumnos externos pobres para o ensino primario.

Em breve se publicarão os estatutos por extenso; antes porem de se o fazer, os interessados podem se dirigir ao annunciante.

Victoria, 15 de março de 1869.

O Director

Padre *Francisco Antunes de Siqueira.*

(4—4)

Colégio Particular Nossa Senhora da Vitória.
Jornal da Victoria, 31 de março de 1869, nº 506.

Ele permaneceu lecionando em Vitória. A partir de 1872, como dito, também professor primário na escola da Companhia de Aprendizes Marinheiros. Por ato de 29 de julho de 1874 foi nomeado para o cargo de lente de Geografia e História do Colégio Nossa Senhora da Penha, de Vitória.[270]

No ano de 1872, em propaganda acerca de seu curso particular em Vitória confirmava sua dedicação ao magistério desde 1853:

> *Instrucção - Ladeira de S. Diogo.*
> *O abaixo assignado n'algumas horas vagas, de que dispõe, offerece-se para aperfeiçoar os meninos, já adiantados no triplo exercicio do ensino-primario, e leccionar francez, latim, geographia, historia, philosophia e rethorica.*
> *No intuito de ser util á seos patricios, garante, alem do zelo e assiduidade no ensino e melhor systema, a modicidade nas pensões.*
> *Encanecido n'essa laboriosa tarefa, tão depreciada, e experimentado d'esde 1853, em que principiou-a nos mais acreditados Collegios do Rio de Janeiro, S. Pedro d'Alcantara, e Barão Tautphoeus, espera merecer a confiança dos srs paes de familia. O professor*
> *Pe. Francisco Antunes de Siqueira.*[271]

Lecionou de 1870 a 1875 Português, Geografia e História do Brasil no Instituto Nossa Senhora da Penha, de Vitória. Em 1875 é autorizado pelo presidente da província a lecionar também Aritmética no mesmo colégio[272], pedindo exoneração do cargo, foi aceita em 14 de julho de 1875.[273]

Por ato do governo da província de 11 de janeiro de 1877 foi provido efetivamente na cadeira de Latim do Ateneu Provincial[274], visto sua competência, do que deu exuberantes provas[275], permanecendo no cargo até 1892.[276]

Em 26 e 27 de março de 1883 recebeu elogios do Dr. Zeferino Cândido e do presidente da província Martim de Andrada Júnior por ser o Padre-mestre Antunes, lente de Latim,

> *uma intelligencia, plena de recursos, dirigindo aquella cadeira. S. Ex.ª, com um aperto significativo de mãos, deu-lhes os devidos parabens.*[277]

Tendo caído doente em 1877, não pôde participar dos exames de Língua Latina de alunos do Ateneu Provincial[278]. Outras vezes seu estado de saúde novamente o impediu de participar dos exames finais de seus alunos, como em dezembro de 1885.[279]

Em fevereiro do ano seguinte Padre Antunes estava enfermo:

> *em consequencia da erysipela superveniente ás queimaduras, ocasionadas pelo ligeiro incêndio, que manifestara-se em sua residencia.*[280]

Em abril, ainda adoentado, ficou impedido de participar de cerimônias religiosas da Ordem Terceira do Carmo.[281]

Os revezes na saúde de Padre Antunes reaparecem no início de 1886, quando ficou quarenta dias de cama, sendo tratado pelo Dr. Goulart.[282]. Em 1888 impedem-no de celebrar missas em algumas oportunidades[283]. Em janeiro de 1893 novamente não pôde participar da banca examinadora dos alunos do primeiro ano do curso normal devido ao seu estado de saúde[284]. E em 1894 a saúde debilitada o impedia de celebrar em Vila Velha a festa de São José nos dias 28 e 29 de abril.[285]

Em março de 1888 assumiu os cargos de secretário do Ateneu Provincial e de amanuense da Secretaria da Instrução Pública[286'287'288]. Consta que em março de 1890 Padre Antunes já pretendia solicitar aposentadoria por tempo de serviço público[289]. Em 1896 já contava mais de 25 anos de serviço público.[290]

Foi também professor de Retórica e de Pedagogia, tendo sido nomeado em 1892 para esta cadeira do Ateneu Provincial por impedimento do titular Dr. Henrique Alves de Cerqueira Lima.[291]

Quando faleceu ainda lecionava Português nas Escolas Normais.

XIII - O ABOLICIONISTA

Padre Antunes declarou-se desde jovem um abolicionista convicto. Em seus escritos encontramos o grito contra a escravidão que proferiu em sermões, palestras e discursos:

> *Centenares de vidas foram expostas à mercê das ondas, além do Atlântico, sujeitas aos maus tratos; mergulhadas no fundo dos porões dos navios; privadas de luz e ar, respirando auras infectas, para satisfazer o egoísmo de homens que pelo ouro sacrificavam seus irmãos!*
> *Os portugueses, perdidas as esperanças de escravizar os aborígenes, que se achavam sobre a influência imediata dos jesuítas, lançaram mão desse meio, tão reprovado, para manter a sua negociação e sustentar a lavoura de nosso país. Erro grave, que comprometeu o nosso presente e complica o futuro da sociedade brasileira.*[292]

Na festa de São Benedito da capela do Rosário, em 27 de dezembro de 1874 pregou sermão narrando os prodígios da vida de São Benedito concluindo com a narrativa da heroica salvação de um filho de Manuel Pinto

Netto por ocasião da regata de Santa Catarina na baía de Vitória, pela sua escrava Catarina, feito com grande risco de sua própria vida.

> *Classificou esse facto na ordem das maravilhas, e attribuio-o á intercessão do Santo, de que é aquella escrava devotissima, e em paga de tanto heroismo em nome do mesmo Santo atirou-lhe do pulpito a carta de liberdade, acompanhando-a de palavras, que arroubárão o auditorio, e fizerão borbulhar lagrimas de enthusiasmo em todos os olhos. Mostrou o orador quanto é preciosa a liberdade, e como a religião premía o merito, sem attender senão ao merecimento proprio do individuo.*[293]

Sempre inconformado com a escravidão, em 1875 Padre Antunes publicou, sob o pseudônimo de "Capixaba", uma nota no jornal "O Espirito-santense" criticando e denunciando, como lhe impunha a consciência, de forma incisiva, a manutenção de escravos no convento do Carmo de Vitória e no convento da Penha de Vila Velha:

> *Á Assembléa Geral.*
> *Se providenciardes, como o deveis, sobre a representação, relativa aos escravos do Convento do Carmo, tende compaixão dos miseros desvalidos do Convento de Nossa Senhora da Penha, cujo trabalho só aproveita para o luxo ostensivo de dois parasytas.*
> *Arrancai da pressão da descaridade esses infelizes, e essas miseraveis raparigas, que concebem de quem não devião, o cunho da prostituição!*
> *O Capixaba.*[294]

Questionado, prestou informações explicando o "real sentido" em que empregou as palavras "tidas por injuriosas" pelo franciscano frei João do Amor Divino Costa.[295]

Ainda assim, na sequência destes fatos, Padre Antunes recebeu ordens para comparecer, no dia 13 de maio de 1876, em audiência do juízo municipal no paço da Câmara Municipal de Vitória, para assistir ao processo instaurado contra ele pelo frei João.[296]

Em carta-resposta intitulada "Defeza" e publicada no "O Espirito-santense" de 23 de maio, o padre esclareceu que escreveu a denúncia "movido pelo mais nobre dos sentimentos, — a caridade — que deve caracterizar por excellencia os Ministros do Evangelho"[297] e deixou público as explicações que deu no processo, esclarecendo:

> *ninguem duvidará que a escravidão é a condição, mais abjecta e desnaturada. Quantas vezes para obter-se a liberdade, que é tão almejada em todos os sen-*

tidos, e em todos os casos, não se fará um sacrifício da honra e reputação? A liberdade é um bem inestimavel! Assim a escravidão, authorisada, ou 'cunhada' pelos Ministros de Deus, author da liberdade, abre as portas á impudicícia.[298]

É claro que o Padre Antunes usou de palavras fortes, ocultado em um pseudônimo, e que certamente queria que sua nota gerasse uma providência enérgica da então Assembleia Geral que culminasse com a extinção da escravidão nas ordens religiosas. Não surtiu o efeito esperado, mas conseguindo se explicar e não sendo preso, continuou lutando pela liberdade dos escravos.

Disse o padre sobre os abolicionistas da capital capixaba daquele tempo:

A cidade da Vitória não ficou estacionária diante do movimento emancipador. Uma plêiade de cavalheiros filantrópicos põe-se a postos na vanguarda dessa luta gloriosa pela liberdade de seus irmãos. A propaganda caminha, faz prosélitos, e a grande idéia está implantada em todos os corações.[299]

Padre Antunes associou-se à fundação da "Sociedade Libertadora Domingos Martins", grêmio abolicionista da capital, muito atuante na propaganda em prol da erradicação da escravidão desde 1883, quando foi iniciada, contando com sócios de renome como Cleto Nunes, Muniz Freire, Cândido Costa, Afonso Cláudio, Aleixo Neto e muitos outros até 1888. Admiráveis conferências foram realizadas pela "Libertadora"[300'301] na Câmara Municipal de Vitória, durante as quais recolhiam-se valores ofertados para o fundo emancipador da "Libertadora", que os utilizava para a compra de alforrias e entregavam-se as cartas de liberdade àqueles ajudados pela dita sociedade.

Ele proferiu algumas destas palestras contra a escravidão pela "Sociedade Libertadora Domingos Martins". As conferências eram realizadas "*em noites de dias santificados, concorrendo a elas escravos e o que a sociedade tinha de escolhido em artes, ciências e filantropia*".[302]

Em abril de 1888 o Padre Antunes publicou no jornal "A Provincia do Espirito Santo" sob o título "O Abolicionismo" o seu estudo sobre a abolição da escravatura em seis artigos[303], nos quais trata de vários aspectos da abolição.[304]

Firmes na possibilidade de promulgação de lei abolindo definitivamente a escravidão no Brasil, nas reuniões da "Libertadora" já eram programadas festividades em comemoração ao evento, e ali estava presente o Padre Antunes. Na reunião do dia 10 de maio:

deliberou-se festejar solemnemente o dia da promulgação da Lei, declarando extincta a escravidão no Brazil, devendo ter lugar no dia subsequente a esse facto glorioso um 'Te Deum Laudamus' no Convento de S. Francisco.
O revd. padre Antunes de Siqueira, sócio da 'Domingos Martins', fará da tribuna sagrada a apologia do faustoso acontecimento, por occasião do referido 'Te Deum'.[305]

E assim aconteceu. A fausta notícia da assinatura pela Princesa Isabel da lei Áurea, chegou a Vitória no mesmo dia 13 sendo de pronto iniciadas as comemorações:

Ao saber-se nesta capital ter passado no Senado, em 3ª discussão e ter sido sanccionado no mesmo dia, 13 do corrente, a lei que emancipava o Brazil da escravidão que por seculos existia, foi nesta capital soldada a noticia com o maior jubilo, subindo ao ar muitissimas girandolas e innumeros foguetes de todos os pontos da cidade, repicando os sinos de todas as igrejas e dando o povo vivas enthusiasticos.
As ruas nas noites de 13 e 14 do corrente forão percorridas pela sociedades libertadoras, tendo á frente as bandas de musica Phil'Orpheonica e de S. Benedito de S. Francisco sendo as passeiatas em 'marche aux flambeaux', recitando-se das casas, repartições e redacções de jornaes discursos e diversos vivas, tendo sido todas as casas illuminadas a giorno, lampadas e globos.
As ruas da Assembléa, S. Francisco e outras estiverão primorosamente ornamentadas, acompanhando as passeiatas os escravos libertos e povo.
Parecia um phrenezi de que o povo tinha sido acommettido, tal foi o enthusiasmo.
Em S. Francisco entoou-se um 'Te Deum', orando nessa occasião o Rvd. Padre mestre Antunes de Siqueira.[306]

Os jornais dos dias seguintes ao 13 de maio trazem inúmeras notícias acerca das festividades havidas em Vitória e em toda a província pela abolição da escravatura no Brasil, mostrando a participação dos abolicionistas capixabas, como Cleto Nunes, Muniz Freire, Afonso Cláudio, Aleixo Neto, Aristides Freire, entre outros. Padre Antunes participou ativamente. Cantou "Te Deum" no convento de São Francisco e pronunciou um patriótico e eloquente discurso de sua lavra sobre o tema.[307]

Na festa de São José em Vila Velha neste mesmo ano também dissertou sobre o assunto.[308]

As comemorações se estenderam até o dia 29 de julho, aniversário da Princesa Isabel com celebrações religiosas, passeatas e discursos diversos.

XIV - O ESCRITOR E MEMORIALISTA

Padre-mestre Antunes foi uma grande figura das Letras do seu século! A sua farsa "D. Minhoca" que trata dos costumes da população vitoriense daquele tempo foi encenada na capital na sua juventude.

Elogiando o memorialista capixaba, disse Pessanha Póvoa: *"o padre mestre Antunes, esse celta na pertinacia, e infatigavel no apresentar tudo quanto foi grande e distincto nesta terra"*[309]. E é o que realmente constatamos. Durante toda a sua vida ele jamais deixou de escrever. Mesmo diante da dificuldade em publicar livros e, maior ainda, em vendê-los, Padre Antunes não se quedava, escrevia constantemente e, para o bem da história capixaba e dos pesquisadores do Oitocentos, encontramos dispersas nos jornais da época muitas de suas publicações.

Em seus escritos diversas vezes revela o seu patriotismo em hinos e poemas dedicados ao Brasil, ao Governo Imperial, à vitória na Guerra do Paraguai. Escreveu, entre outros, os hinos "Ao dia 7 de setembro, aniversário da Emancipação Política do Império do Brasil", em 1877; "A Sua Majestade o Imperador, salvo do cruel atentado de mão regicida", de 1889, dedicado ao Imperador; a ode "Ao aniversário da Independência e do Império do Brasil", em 1882 e o poema em versos livres "Independência ou Morte", de 1884.

Ao término do maior conflito armado ocorrido na América Latina, a Guerra do Paraguai, em 1870, a notícia de que os aliados da chamada 'Tríplice Aliança' haviam vencido logo espalhou-se, mas, na pequena Vitória, chegou tarde da noite, de maneira que o desfile comemorativo organizado pela mocidade aconteceu ao raiar do dia seguinte. O préstito foi acompanhado pelas bandas de música da cidade que, ao chegar "à porta do poeta" parou e, sendo por todos chamado, à janela chegou o padre saudando os populares. Sob aplausos e pedidos de que algo dissesse acerca da vitória que comemoravam, pronunciou palavras relativas ao feito do Exército Brasileiro e, de improviso, declamou um soneto. Anos depois, em sua "Historia da Litteratura", Afonso Cláudio transcreveu o soneto da forma como disse ter ouvido o Padre Antunes "de improviso" declamar.[310]

Sobre a boa recepção do soneto pelos manifestantes, diz ainda Afonso Cláudio:

> *Nota vibrante de patriotismo, hymno de amor de um coração accessivel a sentimentos elevados, fundio-se nas acclamações populares, que guardaram-n'o com o mes-*

mo desvelo que eu, para o recordar em parciaes audições, em nossos dias, áquelles que desesperaram de assistir a manifestações viris de nossa nacionalidade.[311]

O soneto, com alguns versos modificados e, sob o título de "Pelo êxito triunfal de nossas armas no Paraguai", foi, dias depois do evento aqui citado, publicado na imprensa com dedicatória para o então presidente da província, Antônio Dias Paes Leme.[312]'[313]

Possivelmente é este o mais conhecido poema do Padre Antunes, diversas vezes publicado na imprensa (uma versão e outra) e sobre o qual sempre correu pela boca do povo muitas pilhérias, visto que populares asseguraram depois que o padre estava, na realidade, na casa de sua companheira e ainda de camisolão de dormir. Seria isso apenas parte do folclore urbano em torno dos personagens da nossa história?[314]

Padre Antunes compôs crônicas, cartas, discursos, alocuções, necrológios, hinos, congratulações, poemas diversos incluindo sonetos, odes e sextilhas, pronunciados em variados eventos, quer políticos, civis ou religiosos, como a bênção do gasômetro, lançamento da pedra fundamental do quartel de Aprendizes Marinheiros e inúmeros outros. Alguns trabalhos foram dedicados a governantes do Espírito Santo e outros políticos, como Marcelino de Assis Tostes, Afonso Cláudio, Muniz Freire e a Pedro Leão Veloso, a quem dedicou o livro "Explicações da Doutrina Cristã".[315]

No dia 2 de julho de 1890 tomou parte no préstito que seguiu da praça da Alfândega até o palácio do governo aclamando Afonso Cláudio.

A convite do illustre Governador subiram os manifestantes, pronunciando o orador acclamado pelo povo, o illustrado sacerdote padre Antunes, um brilhante discurso patenteando os sentimentos de apreço e estima da população ao preclaro cidadão Affonso Claudio, pelo modo intelligente e sensato por que tem dirigido os negocios publicos.[316]

Do palácio seguiram todos, levando até às suas residências Afonso Cláudio e o orador Padre Antunes. A seguir, aproximando-se o aniversário de 31 anos de Afonso Cláudio, o padre compôs um soneto dedicado ao seu amigo, que segue transcrito na seção "Antologia – Poemas" da presente obra.[317]

Dedicou trabalhos também aos bispos de seu tempo, como a Dom Pedro Maria de Lacerda, a quem dedicou uma sextilha; a Dom Francisco do Rego Maia, bispo da diocese de Niterói, a quem dedicou uma congratulação em 1894 e a Dom João Batista Corrêa Nery, primeiro bispo da diocese do Espírito Santo, quando de sua chegada e de sua visita a Vila Velha.

Como memorialista nato, era grande observador dos acontecimentos à sua volta, em sua pequena Vitória e nos demais municípios onde morou e por onde viajou,

> *sendo uma das figuras de maior relevo na vida intelectual do Espírito Santo, no último quartel do século XIX, encheu os derradeiros anos de sua existência nos estudos e observações pacientes em torno da história, dos usos e costumes do nosso povo.*[318]

Vitória. Uma parte da cidade (vista da Igreja do Rosário). Cartão postal de Vitória. 1904; in O Álbum de Vitória, de Carlos Benevides Lima Júnior. 2012.

Escreveu diversos textos em que evoca suas lembranças do passado, tendo publicado em livro[319] "e nos jornais da época.

Além dos municípios onde exerceu seu ministério sacerdotal, Padre Antunes visitou diversas outras localidades do Espírito Santo. Essas viagens o abonaram a escrever a sua famosa obra "Poemeto descritivo sobre a província do Espírito Santo".

Visitou diversas vezes Itapemirim, onde celebrou, por exemplo, a festa do Divino Espírito Santo e do Mês de Maria[320,321]. Visitou muitas vezes Anchieta[322], Marataízes, onde celebrou a festa de São João com pompa pouco comum, havendo "missa cantada e sermão".[323]

Esteve na Serra, onde pregou na cerimônia de benzimento da matriz de Nossa Senhora da Conceição, após as reformas empreendidas pelo vigário João André Casella[324,325]. Muitas vezes visitou também Cachoeiro de Itapemirim para celebrações da Semana Santa e Guarapari, onde esteve pregando na festa do Divino Espírito Santo.[326]

Visitou Holanda, no município de Santa Leopoldina, para cuja localidade, em 1892, o *"padre Francisco Antunes de Siqueira requereu ao exm. revd. sr. bispo Diocesano, em nome de uma multidão de catholicos, residentes em Mangarahy permissão para se construir uma capella no lugar denominado Hollanda, em terrenos pertencentes ao negociante José Alves do Nascimento"*[327]. No dia 7 de junho de 1892 foi concedida a permissão com a condição de constituir-se o patrimônio da capela antes da provisão para a benção da mesma.

Em 1884 já havia terminado o seu "Poemeto descritivo sobre a província do Espírito Santo" e contrata a tipografia do jornal "A Provincia do Espirito-Santo" para impressão da obra que foi lançada neste mesmo ano. Canta no poemeto todos os recantos da então província. Sobre este poema encontramos no "A Provincia do Espirito-Santo":

> *Tem estancias energicas, e ás veses ouvindo-o lêr, ou lendo-se o manuscripto, chega-se a agradavel illusão de estar a creatura subindo por uma soberba columna do céu; outras veses, provoca a gargalhada, porque ha pinturas ou descripções satyricas e sarcasticas que hão de causar febre aos que o poéta ridiculariza.*
> *Não é um poema original; o auctor, é, ás veses diffuso; porém, seremos os primeiros a diser aos collegas da imprensa, aos litteratos, o seguinte: - é producção do padre Antunes, talento digno de figurar n'uma assembléa de homens de lettras.*[328]

Afonso Cláudio em sua "Historia da Litteratura Espirito-Santense" tece elogios ao livro "Poemeto descritivo sobre a província do Espírito Santo" dedicado ao nosso estado, dizendo que nele há um tríplice aspecto: "*descrições históricas, concepções filosóficas e de longe em longe, alguns traços humorísticos*", porém, em geral, sua crítica é dura, pois acrescenta que o texto às vezes "*parece denunciar um vício de expressão*", que o poema traz "*um verso forçado*" ou "*uma frase desnaturada*".

No entanto, como o próprio Afonso Cláudio reconhece em sua obra, infelizmente, o Espírito Santo teve uma parca produção de livros no século XIX devido ao fato de não figurar como grande centro de irradiação da cultura, em razão das condições financeiras da província. Contamos com o famoso poemeto entre as obras que tratam do nosso estado naquele período e que são poucas. Antes tivéssemos muito mais obras, da qualidade desta ou inferior, mas que lançassem luzes sobre fatos ocorridos e a vida da população da província naquele tempo! Os versos em que o autor trata das crendices dos indígenas da então província em relação ao eclipse da lua agradaram tanto a Afonso Cláudio que deles escreveu "*depois de ter lido versos assim, perde-se da lembrança um ou outro mal feito*".[329]

Padre Antunes era sócio honorário do "Grêmio Literário Vitoriense", agremiação literária que existiu em Vitória no Oitocentos.[330]

Matéria publicada no "Estado do Espírito Santo" traz referência a dois autores capixabas, um deles o Padre Antunes, que cantaram as belezas e riquezas do Espírito Santo em suas obras:

> *A profusão das nossas riquesas naturaes, testemunhadas pelos Padres Nobrega e Anchieta, e confirmadas por naturalistas, que posteriormente estudaram a uberdade do nosso sólo, sem esquecermos D'Alencourt, Saint Hilaire, e Hermilo Alves, tiveram nova consagração em livros de dois sacerdotes: Antunes e Pedrinha.*[331]

Seu livro "Esboço histórico" é citado por vários autores brasileiros, entre eles, o grande escritor e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre em seu clássico "Casa Grande e Senzala", quando o autor trata do ensino nas escolas do século XIX, de acordo com o que narra o Padre Antunes sobre as aulas de Latim, soletração, caligrafia, sobre as cartilhas daquele tempo e os castigos impostos aos alunos do Espírito Santo [332]

É de sua autoria, entre outras, as seguintes obras:

— Explicações da Doutrina Cristã. 1859.[333]
— Discurso por ocasião do Te Deum em ação de graças pela gloriosa terminação da guerra. 1870[334][335]
— A família da roça e as astúcias de um seminarista. 1874.
— Estudo sobre a ortografia da lingua luzo-brazileira. 1877.[336]
— Memórias do passado: a Vitória através de meio século. Folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1885[337]
— A Provincia do Espirito Santo. Poeméto descriptivo em oito cantos. Victoria. 1884.
— Breve Memoria sobre a Independencia do Brasil. 1884.[338]
— Monumento de patriótica gratidão em honra do Caboclo Bernardo o salvador das vidas no naufrágio do cruzador "Imperial Marinheiro". 1887.[339]
— Tratados sobre a Orthographia e Syntaxe Latinas. 1887.
— Allocução commemorativa da extincção da escravidão no Brasil. 1888.
— Esboço Historico dos costumes do povo espirito-santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias). 1893.[340]
— Allocução dirigida Bispo D. João Nery. 1897.

Diversos outros trabalhos, alguns deles mais robustos, de cunho religioso, sobre educação dos jovens e de memórias, tendo sido vários deles publicados sob a forma de artigos nos jornais da época, como:

— Os frutos da palavra divina (sermão pregado na primeira dominga da Quaresma na catedral do Rio de Janeiro). 1854.
— Realeza de Jesus - em que consiste. 1876.
— Vantagens da immortalidade d'alma. 1876.
— Da devoção do mez de Maria. 1876.
— Deveres dos pais e mãis para seus filhos. 1876.
— Ecce Homo. 1876.
— Jesus Cristo antes de seu aparecimento sobre a Terra. 1882.
— Ad quos attingere possit. Pensamentos philosophicos e christãos. 1882.
— Tempora mutantur et nos mutamur in illis. Os tempos mudam-se. 1886.
— O Abolicionismo. 1888.
— Congratulação ao exmo. e rvdmo. sr. d. Francisco do Rego Maia, d. bispo diocesano. 1894.
— O Bispado do Espirito Santo. 1897.

Padre Antunes foi colaborador de diversos jornais, como: A Provincia do Espirito-Santo, A Folha da Victoria, Correio da Victoria, O Tempo, A União, A Regeneração, A Semana, O Espirito-Santense, A Idéa, Gazeta da Victoria, O Estado do Espirito Santo, entre outros. Foi correspondente do O Monarquista, do Jornal do Commercio e do O Cruzeiro, do Rio de Janeiro. E foi redator do O Marimbondo.[341]

XV - PADRE ANTUNES E SEUS FILHOS

Assim como o pai, o segundo Antunes também teve filhos, mesmo permanecendo sempre celibatário e exercendo seu sacerdócio na Igreja Católica. Na verdade, encontramos nas crônicas de viajantes e bispos do século XIX, que estiveram na província do Espírito Santo, relatos de escândalos vividos pela quase totalidade dos padres que infringiam as leis canônicas e seus votos.

Em meados da década de 1860 já mantinha um relacionamento amoroso com Josephina Maria da Victoria, que viria a ser mãe de pelo menos dois de seus filhos. Sem dizer de que fonte bebeu, o notável escritor Elmo Elton assegura que o Padre Antunes teve "*mais de uma companheira*", com quem teve filhos, "*disso não fazendo o menor segredo*".[342]

São os seguintes os filhos de que temos notícias:

1 - Dalmácia Antunes de Siqueira

Nasceu provavelmente antes de 1867[343]. Casou-se com Pedro de Alvarenga Carneiro, desta união tiveram ao menos duas filhas.[344]

No ano de 1874 o padre requer ao presidente da província que seja admitida no "Colégio Nossa Senhora da Penha" de Vitória (como pensionista, isto é, com bolsa de estudo) sua "afilhada" Dalmácia Antunes de Siqueira.[345]

Determinou o vice-presidente da província em 10 de junho de 1874 que Dalmácia fosse admitida no colégio.[346] No dia 16 de junho de 1874 foi efetivamente admitida no colégio a menina.[347]

2 - Petronilha Antunes de Siqueira

Filha de Josephina Maria da Victoria, nasceu aos 2 de dezembro de 1868 em Vitória-ES. Foi batizada aos 17 de abril do ano seguinte em Vitória. Formou-se professora e casou-se com Virgílio Rodrigues da Costa Vidigal aos 20 de agosto de 1887 em Vitória. Desta união tiveram ao menos quatro filhos.[348]

Na sessão do governo do dia 17 de junho de 1875 foi lido ofício do Padre Antunes em que se pedia ao presidente da província que fosse admitida no "Colégio Nossa Senhora da Penha", de Vitória como pensionista, a menina Petronilha Antunes de Siqueira.[349]

Por despacho do presidente da província de 25 de junho de 1875 foi a mesma admitida, como requerido.[350]

3 - Moysés Antunes de Siqueira

Também filho de Josephina Maria da Victoria, nasceu provavelmente em 1873. Este, tendo ficado doente, foi tratado pelos médicos Drs. Azambuja e Cerqueira Lima, mas, ainda assim, faleceu com menos de seis anos de idade, aos 16 de dezembro de 1878.[351]

Padre Antunes chorou muito a morte deste seu filho. É certamente de sua autoria a carta de agradecimento aos amigos que partilharam com a família os últimos momentos da doença e tratamento do menor, publicada na imprensa da capital no dia 18 de dezembro de 1878:

> *D. Josephina Maria da Victoria, D. Dalmacia Antunes de Siqueira, D. Pethronilha Antunes de Siqueira, Domingos Antunes de Siqueira, D. Maria Luiza do Rosario, D. Adelaide Antunes de Siqueira Pádua, mãi, irmãs, tios, padrinhos*

e avó do innocente Moyses Antunes de Siqueira, pungidos pela mais cruciante saudade, vem do fundo de seu coração extremecido agradecer a todas as pessôas, que partilharão suas angustias n'esse lance de acerba desventura, e muito especialmente aos Rvdms. Srs. Vigario Wanzeller e Padre Duarte, ás Irmandades de S. Benedicto e do Rozario, aos moços cantôres do côro do Professor Azevedo, ao Capitão Dæmon, Edgardo, seu filho, Antonio Wanzeller da Victoria pelos serviços caridosos, que particularmente eles prestarão; aos dignos Medicos Drs. Azambuja e Cerqueira Lima a solicitude e desvellos em seu tratamento generoso. Essa menção honrosa de seus nomes assignala o merito elevado dos sentimentos de sua benevolência.[352]

As suas filhas Dalmácia e Petronilha deixaram geração, havendo hoje um grande número de descendentes do Padre Antunes, principalmente no Espírito Santo.

XVI - INÍCIO DO MINISTÉRIO SACERDOTAL EM VILA VELHA

Desde o princípio de seu ministério o Padre Antunes sempre manteve ligação com o convento da Penha, com o município de Vila Velha e sua paróquia. No ano de 1867 um raio causou estrago no convento, patrimônio capixaba. Foi ele nomeado membro da comissão formada para recolher donativos e tratar da reforma da obra monumental de frei Pedro Palácios.[353]

Em 1872 estreitou sua ligação com o município devido aos cargos de professor e capelão da Companhia de Aprendizes Marinheiros. No dia 26 de julho de 1891, pela imprensa, comunicou estar nomeado pároco da paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Vila Velha.[354]

No início de 1892 a imensa diocese do Rio de Janeiro foi dividida com a criação da nova diocese de Niterói, à qual ficou pertencendo o território do estado do Espírito Santo por um curto período de tempo. Neste mesmo ano a "Comissão Eclesiástica Central" em nosso estado já angariava recursos para a compra de um palacete em Vitória para servir de residência ao futuro bispo da nova diocese a ser criada no Espírito Santo. Padre Antunes era secretário desta comissão que muito se empenhou para a criação da nova diocese.[355]

Em 23 de agosto de 1894 chegou ao Espírito Santo, em visita pastoral o primeiro bispo diocesano de Niterói, Dom Francisco do Rego Maia. Ao chegar em Vitória foi saudado pelo padre em nome das escolas normais, discursando:

A estabilidade da Egreja nestes tempos, em que todas as instituições estão estremecidas por opiniões subversivas da ordem social, é um facto maravilhoso. Cada vez creio mais na sua missão divina. A falta da educação religiosa tem produzido todos os males que minam a ruina dos povos.
Venha, exmo. e revdm. sr., venha inflamar os sentimentos deste povo, o zelo dos sacerdotes, com a sua uncção episcopal. Sirva o exemplo de vossa exa. revdm. de incentivo para os encarregados do munus pastoral.[356,357]

Aos 15 de novembro de 1895, por meio da bula *Sanctissimo Domino Nostro*, foi criada a diocese do Espírito Santo[358] composta do território do estado desmembrado da então diocese de Niterói. Durante os seus dois primeiros anos ficou sob a direção de um administrador apostólico, Dom João Fernando Tiago Esberard, arcebispo do Rio de Janeiro.

Desde 1892 Padre Antunes já solicitava ao presidente da província e havia obtido, inspeções de sua saúde por médicos competentes[359]. Isso se repetiu em 1895[360,361] e, provavelmente, tem relação com a aposentadoria já desejada por ele.

Em 1895 foi nomeado fiscal escolar do município do Espírito Santo (Vila Velha)[362]. Mesmo com a saúde alquebrada continuava servindo em Vila Velha. Em abril deste ano encontramos publicado

um voto de louvor ao revd padre Antunes que não obstante achar-se adoentado, funcionou em todos os atos da Semana Santa em Vila Velha.[363]

Um ano depois encontramos notícia de que experimentava sensíveis melhoras em seu estado de saúde e que "*bem significativas provas de estima lhe tem testemunhado seus amigos e admiradores*".[364]

No dia 3 de maio de 1896 proferiu o sermão em celebração de ação de graças a Nossa Senhora da Penha no convento, presidida por frei João do Amor Divino, por haver passado incólume Vila Velha da epidemia de varíola que grassou a capital no ano de 1895.[365]

A seguir celebrou, em 25 e 26 do mesmo mês, as missas da festa que tocava o seu coração, a de São Benedito dos caramurus no convento de São Francisco de Vitória:

ocupou a tribuna sagrada em três das solenidades havidas o revd. Antunes de Siqueira. Apesar de seu estado de saúde - combatido por moléstia recente – o estimado orador sacro desempenhou-se com galhardia e fulgor da sua missão.[366]

Em agosto celebrou com pompa a festa do Divino nos dias 22 e 23 na matriz de Vila Velha.[367]

Chegou o ano de 1897 e Padre Antunes continuava servindo em Vila Velha. Na festa da Penha deste ano foi chamado para celebrar no dia 10 de maio:

> *missa solene de musica a que se prestarão graciosamente distinctos amadores, estimados cavalheiros da capital deste Estado, e ao Evangelho fará o Pannegyrico da Santissima Virgem Senhora da Penha o dato, eloquente e mellifluo orador Reverendissimo Vigario Sr. Padre Francisco Antunes de Siqueira.*[368]

XVII - POSSE E VISITA PASTORAL DO PRIMEIRO BISPO DO ESPÍRITO SANTO

Em 1897 os capixabas aguardavam a chegada do seu primeiro pastor. Padre Antunes escreveu o texto "O Bispado do Espírito Santo", publicado em três artigos no jornal "Estado do Espírito Santo". No primeiro artigo, datado de 28 março ele fala da Igreja e da criação do bispado:

> *A criação do bispado do Espírito Santo, é consequência daquelas palavras do Divino Mestre: ite, docete omnes gentes.*
> *Aumentada a população do nosso estado, invadida a sociedade por crenças diversas, propagado o ensino livre, a liberdade de pensamento e de consciência, era uma medida acertada colocar-se nesta capital o centro das operações religiosas, presididas por um pastor, que sustente a disciplina da Igreja. Este comando superior é indispensável nas circunstâncias atuais.*
> *Há muitas dificuldades a vencer; o jovem bispo, animado de esperanças, inteligente, ornado de virtudes as saberá remover.*[369]

No segundo artigo fala da separação Igreja e o Estado, quando todos constatavam a dura realidade da Igreja apartada do padroado, mas, confiante na caminhada da Igreja, escreve:

> *Proclamada no Brasil a Republica, a Religião, que sempre vivera pelos seus proprios elementos, como uma sociedade perfeita, tendo seus Chefes, suas leis, sua disciplina, seu rito, emfim tudo, que constitue sua autonomia, deixou a tutella do Estado, emancipou-se, não tendo a sua liberdade presa á vontade de Ministros, que deviam ser extranhos á sua economia. Gire cada qual na esphera, que lhe fora traçada por poderes differentes.*[370]

Escolhido para ser o primeiro bispo do Espírito Santo, o padre João Batista Corrêa Nery, natural de Campinas, São Paulo, foi sagrado bispo em Roma no ano de 1896. Aproximando-se do novo prelado dizia o Padre Antunes:

> *Deve S. Exc. Revma. extranhar a mudança do clima, expondo-se além d'isso à privação e incommodos; a religião do dever impõe sacrificios e o bom Pastor deve expor-se a elles para felicidade de seu rebanho.*
> *O povo do Espirito-Santo é pobre; seu coração é rico de affectos... Aquelles, que se acolherem sob sua sombra protectora, aprenderão a gozar da sua suavidade.*[371]

Nesta altura da vida, já pensando em se aposentar, paroquiando a então pequena Vila Velha, calejado com as suspensões de ordens e outros percalços, o padre parecia mais simpático à causa ultramontana e aberto ao novo bispo. Não encontramos nos jornais desse período referências à Maçonaria ou a contendas com os demais padres, mas encontramos escritos de um tal "Ovelhinha", como se intitulou o autor, criticando duramente os artigos do estudo "O Bispado do Espírito Santo".

Dom João Batista Corrêa Nery, primeiro bispo do Espírito Santo. Disponível em www.atom.cmu.unicamp.br.

Padre Antunes também não conseguiu agradar a todos. O "Ovelhinha" criticava até o conhecimento histórico e teológico do padre e notava como ele parecia mudado:

> *"Quantas vezes as bananas de nosso mercado se irritaram, as caldeiras do vaporzinho de Vila Velha se gelaram e as proprias meninas da Escola Normal tremeram*

apavoradas, com os discursos fogosos de s. revdm. contra bispos, contra os jesuitas que hoje elogia, contra os proprios sacramentos da egreja! Quantas vezes!"

Dizia ainda:

Não é só para... o bispo ver, é assim uma profissão de fé, uma retractação religiosa, uma especie de dito por não dito.[372,373]

O bispo Dom João Nery chegou ao estado pelo porto de Vitória, no dia 18 de maio de 1897. Ao desembarcar no cais do Jardim Municipal foi recebido pelo Padre Antunes e saudado com o soneto: "Ao Exmo. e Revmo. Sr. bispo diocesano Dr. D. João Nery, Príncipe da Igreja espírito-santense por ocasião de sua posse".[374]

As cerimônias de posse canônica de Dom João Nery tiveram início com "Te Deum" realizado na antiga matriz, elevada à dignidade de catedral, na tarde do dia 23 de maio de 1897. E na manhã do dia 24 teve lugar, com toda solenidade possível, a missa pontifical em que serviu o Padre Antunes como diácono assistente juntamente com vários outros padres da recém-criada diocese.[375]

Logo no dia 26 quis Dom Nery visitar Vila Velha e o seu monumental convento da Penha *"chegando ali às 7 ½ da manhã com toda sua comitiva. O Exmo. D. João Nery foi recebido no cais pelo Revmo. Padre Antunes, por diversos cavalheiros e grande concorrência de povo...".*[376]

Porto de desembarque Vila Velha. Foto de Eutychio d'Oliver. Acervo do IPHAN, Vitória. 1907.

A Prainha e o Convento da Penha em Vila Velha. Cartão-postal.

Dom Nery galgou a montanha, acompanhado de sua comitiva. Conheceu o convento e suas dependências e na capela celebrou a santa missa. De volta à cidade, foi recebido em casa pelo padre, que o saudou com um poema declamado com muita eloquência e, na residência deste, almoçou com toda a comitiva e diversos outros convidados. [377]

Nos meses seguintes, Padre Antunes continuou celebrando em diversas festas religiosas de Vitória, como a festa do Santíssimo Sacramento da Catedral, em junho; festa do Divino Espírito Santo de Vila Velha, em julho; Festa da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, de Vitória, e também festa do Divino da Ordem Terceira dos caramurus do convento de São Francisco, ambas em agosto.

No dia 27 de agosto visitou Constante Sodré, que dias antes havia tomado posse como governante no Espírito Santo.[378,379]

Naquele tempo Padre Antunes se mostrava mesmo diferente. Em consonância com os ensinamentos de Dom Nery, ele iniciou uma aula de catecismo em sua paróquia:

> *Cumprindo as ordens do exmo. e revdmo. sr. Bispo Diocesano, nosso preclaro e amado Prelado, resolvi abrir na matriz uma aula de Doutrina christã para os meninos e meninas, preparando-lhes o coração no santo temor de Deus, origem de paz na familia, na sociedade e na patria, e ensinando-lhes os destinos da nossa vida christã.*[380]

O novo bispo também era seguidor do Ultramontanismo e desde os primeiros momentos após sua chegada foi implantando o seu modo de governar a Santa Igreja em nosso estado. Deu posse a um novo prior da Ordem Terceira do Carmo, ocasião em que o Padre Antunes, pró-comissário da Or-

dem, pregou o sermão acerca do canto de Nossa Senhora, o *Magnificat*[381]. O prelado buscava valorizar a figura do pároco na vida religiosa das paróquias, criando em diversas delas as devoções ao Sagrado Coração de Jesus, com o Apostolado da Oração, e a Nossa Senhora Auxiliadora, em detrimento das muitas irmandades daquele tempo, de existência independente do pároco e voltadas a festejos populares.

Para conhecer a realidade pastoral da nova diocese, Dom Nery ainda no primeiro ano de seu governo eclesiástico anunciou que teria início a sua primeira (e única) visita pastoral pelo Espírito Santo. Na matriz de Nossa Senhora do Rosário de Vila Velha, no dia 5 de setembro, o Padre Antunes

> *á estação da missa Conventual, fez a leitura da Carta-Pastoral do exmo. e revdmo. sr. Bispo, anunciando sua proxima e auspiciosa visita por toda a Diocese.* [382]

A primeira visitação teve início por Itapemirim, onde o bispo chegou no dia 16 de setembro. A segunda visitação teve início em Vila Velha, da qual escreveu Dom Nery:

> *Espirito Santo. 5ª parochia visitada. No dia 21 de novembro de 1897, chegámos a esta cidade, antiga capital, fundada em 1535 pelo primeiro donatario da Capitania, Vasco Fernandes Coutinho.*[383]

Praça da Matriz (lado sul) Vila Velha.
Foto de Eutychio d'Oliver. Acervo do IPHAN, Vitória. 1907.

XVIII - FALECIMENTO E SEPULTAMENTO

Em 18 de novembro de 1897 havia sido promulgada a lei nº 253/1897 pelo presidente Constante Sodré determinando:

> *fica o presidente do Estado auctorisado a mandar contar metade do tempo, em que o lente de portuguez das Escolas Normaes, Padre Francisco Antunes de Siqueira exerceu as funcções de parocho nas diversas freguezias do mesmo Estado.*[384]

Estava encaminhada a esperada aposentadoria do Padre Antunes. A edição do dia 30 de novembro do jornal "Commercio do Espirito Santo" trazia para ele uma boa e muito esperada notícia: a concessão de sua exoneração do ofício de pároco de Vila Velha que havia solicitado ao bispo Dom Nery. [385]

Fachada da matriz de Nossa Senhora do Rosário. Foto de Rosane Zanotti, in
A Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Prainha do Espírito Santo. 2018, p. 58.

Pretendia ele permanecer como o pároco emérito de Vila Velha e capelão das ordens terceiras e irmandades ainda servindo à sua Igreja? Certamente sim, mas enquanto fechavam a edição o reverendo padre sofreu uma congestão que pôs fim à vida deste grande capixaba.

Já estando no prelo a citada edição do "Commercio", o editor inseriu ainda uma nota com a notícia:

> *A adiantada hora da noite, tivemos a infausta noticia do fallecimento do talentoso sacerdote espirito santense padre Francisco Antunes de Siqueira, que durante a visita pastoral do sr. Bispo Diocesano ainda exerceu o cargo de vigario da freguezia de N. S. do Rozario da cidade do Espirito Santo, onde prestou relevantes serviços ao culto catholico.*

O padre Antunes falleceu hontem na cidade do Espirito-Santo as 8 horas da noite victima de uma congestão.
Hoje as 8 horas da manhã na egreja Matriz d'aquella cidade será rezada por s. exa. o sr. bispo deocesano, missa de corpo presente.
Paz a sua alma.[386]

Também na edição do dia 30 do jornal "Estado do Espírito Santo", o editor inseriu uma nota de última hora:

Falleceu hontem, ás 8 horas da noite, na visinha cidade do Espirito Santo, o illustre e venerando padre Antunes de Siqueira.
O benemerito educador da mocidade espirito-santense, que ultimamente regia com muita distinção as cadeiras de portuguez das Escolas Normaes, foi victimado por uma congestão cerebral.
A hora adiantada que nos chega esta desoladora noticia só nos permitte patentear aqui o nosso profundo pezar por tão sensivel perda de [sic] envolta com os nossos sinceros pezames ao Estado do Espirito Santo.[387]

Nos relatos da visita pastoral escreveu ainda Dom Nery sobre a paróquia:

Era vigário, por occasião da visita, o Rev. Pe. Francisco Antunes de Siqueira, que falleceu mesmo no ultimo dia de nossa estada na freguesia.[388]

Em Vila Velha veio a falecer aos 29 de novembro de 1897, contando ainda 65 anos de idade, o notável padre-mestre, grande orador sacro, escritor, poeta, teatrólogo, educador, filólogo e latinista, que aqui viveu no século XIX. Deixou seu legado na Igreja Católica, na política, na oratória, no teatro, no magistério, fruto de sua aptidão nata para atividades intelectuais. Foi, talvez, o primeiro escritor a descrever as "bandas de índios" do Espírito Santo, gênese das atuais "bandas de congo". Contudo, é mormente como memorialista que ele é reconhecido, pois deixou um rico acervo de textos inolvidáveis sobre a sociedade de seu tempo.

Desde o momento em que se soube de seu passamento, muitos acorreram à sua residência. No dia seguinte, dia 30 de novembro, depois que foi de todos conhecida *"a triste nova do fallecimento do estimado padre Antunes de Siqueira, houve uma verdadeira e continua procissão* á *casa do venerando extincto"*[389]. De Vitória e de diversas outras localidades muitos partiram para a cidade de Vila Velha, na intenção de prestar ao sacerdote sua última homenagem.

O seu corpo foi logo cedo depositado na matriz de Nossa Senhora do Rosário, que ficou repleta de pessoas. Teve então, início o ofício de "Requiem" seguido do santo sacrifício da missa celebrado pelo bispo Dom João Nery acompanhado do monsenhor João André Casella.[390]

Compareceram ao funeral representantes de todas as classes sociais como deputados, magistrados, advogados, funcionários públicos estaduais e municipais, comerciantes, engenheiros, médicos, alunos e alunas das escolas normais, seus paroquianos e muitos fieis dentre o povo. Também participaram do ato vários sacerdotes, os irmãos da Ordem Terceira do Carmo, da qual era prior jubilado, o então presidente do estado, Constante Gomes Sodré e o bispo diocesano Dom João Batista Corrêa Nery, que acompanharam o féretro.

Numa demonstração do quanto era querido o pároco naquela cidade, pode-se dizer que toda a população estava presente ao ato de último adeus ao mesmo. E,

> *mais ou menos ás 5 horas da tarde, começou a desfilar o enterro. Nunca a visinha cidade de Espirito Santo presenciou um espetaculo tão dolorosamente triste mas tão imponente. Era um povo todo a desfilar em continencia ao cadaver sagrado de um padre eminente.*[391]

Na matriz de Nossa Senhora do Rosário da Prainha, após as cerimônias fúnebres de corpo presente fez brilhante discurso o bispo Dom João Nery. Discursou ainda, representando os alunos do falecido, a Senhorita Alice Correia, após o que foi sepultado.

> *Neste supremo momento, em que a terra abre o maternal regaço para receber n'um ultimo amplexo o corpo d'aquelle que transpoz o marco final da estrada da vida, a arte da palavra, a arte bella acima de todas as artes, mas nem sempre o agente fiel da verdade, cede o logar a expansão do sentimento e permitte-me vir dar, com singella vehemencia áquelle que foi meu guia seguro nas pugnas da intelligencia o extremo adeus!*
> *Mestre!*
> *Perante vós, que nunca tiveste para mim outras palavras que não fossem de sympathia e benevolencia, outra preoccupação que não fosse a de esclarecer a minha debil e vacillante intelligencia, eu venho, animada da piedosa e consoladora fé cristã dizer-vos: Deus seja convosco e vos conceda paz celeste e a bemaventurança dos crentes.*[392]

Seus alunos da escola normal masculina tomaram luto por quinze dias. As missas celebradas em sufrágio de sua alma foram várias: no dia 3 de dezembro celebrou o monsenhor Eurípedes Pedrinha uma missa com "Libera me"[393].

Houve missa de sétimo dia na matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viana a pedido da sua irmã Adelaide e seu esposo Antônio da Silva Pádua; missa na matriz de Nossa Senhora do Rosário de Vila Velha pelo padre capelão militar Bermude de Oliveira a pedido da filha Dalmácia, de seu esposo Virgílio Vidigal e de João Antunes Barbosa Brandão, primo do finado.[394]

Missa na capela do Rosário, de Vitória celebrada pelo padre Tomás Aristóteles Guizã e na catedral de Vitória a pedido do corpo docente e alunos das Escolas Normais[395]. Também no convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro celebrou o frei João do Amor Divino Costa uma missa com "Libera me".[396]

No dia 2 de dezembro Amâncio Pereira publicou no jornal "Commercio do Espirito Santo" um necrológio, no qual resumiu a vida do memorialista capixaba.[397]

Ele já havia escapado da morte em 1874, ao calçar a botina com um réptil venenoso dentro, não sendo por sorte picado. Basílio Daemon, redator do "O Espirito-Santense" atribuiu o fato à proteção divina que tinha o sacerdote[398]

Mas, enfim, chegou o momento de sua morte, do qual já havia dito:

> *Se morrer, vou na fé, como os antigos patriarchas, do triumpho universal da liberdade do gênero-humano.*
> *Estou sempre prompto. Verdade e franqueza sejão os emblêmas da nossa divisa.*[399]

Está sepultado diante do altar da histórica matriz de Nossa Senhora do Rosário de Vila Velha.

Interior da matriz de Nossa Senhora do Rosário. Foto de Rosane Zanotti, in A Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Prainha do Espírito Santo. 2018, p. 58.

XIX - HOMENAGENS

Algumas homenagens recebeu o Padre Antunes honrando o nome do memorialista capixaba. Entre estas, podemos citar o fato de ser patrono das seguintes cadeiras acadêmicas:

— Cadeira n.º 16 da Academia Espírito-Santense de Letras, hoje ocupada por Luiz Carlos Verzoni Nejar;[400]

— Cadeira n.º 29 da Academia de Letras de Vila Velha ocupada por sua trineta Andra Mara Valladares Sarmento;[401]

— Cadeira n.º 16 da Academia Aracruzense de Letras, ocupada por Geraldo Magela da Silva Araujo.

Também empresta seu nome a uma escola no município de Viana, no Espírito Santo, a "Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antunes Siqueira".

ANTOLOGIA - POEMAS

I - AO DR. AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA

Ilustre governador do estado do Espírito Santo, em seu aniversário natalício.

O. D. C.

Soneto

No dia, em que saudou a natureza
Teu risonho nascer entre os mortais,
O céu te rorejou mananciais
Dos encantos d'alma, na melhor riqueza!

Os teus amenos tratos, a pureza
De tuas concepções, justas, leais,
Provocam o rancor de teus *rivais*...
Elevam-te a cúmulo da grandeza.

Trilha, Afonso Cláudio, sempre ufano,
As veredas da Justiça, da Verdade;
Esmaga a inveja, teu maior *tirano*...

Lá nesse porvir da Humanidade
Hás de ter o aplauso soberano
Do renome à maior posteridade!

Vitória, 2 de agosto de 1890.
Padre Antunes de Siqueira.[402]

II - AO ILMO. E REVMO. SR. PE. ME. LUIZ ANTÔNIO ESCOBAR DE ARAÚJO D. VIGÁRIO DE S. CRISTÓVÃO, E AOS OUTROS REVMOS. SACERDOTES DA IRMANDADE DO PRÍNCIPE DOS APÓSTOLOS S. PEDRO QUE O SECUNDARAM NO VALIOSO E LOUVÁVEL EMPENHO DE SER EU DOTADO DE UMA SUBVENÇÃO ENQUANTO SUSPENSO DO EXERCÍCIO DE MINHAS ORDENS.403

O. D. C.

Minha alma de dores oprimida
Nas lutas d'um sublime pensamento
Debalde buscava um nov'intento
Na classe por tantos fementida...
Sentia agrava-se esta ferida
Ao peso de tão cruel tormento,
Quando sem esperar um linimento
Me veio despertar a luz da vida!
Um amigo fiel, escudo forte,
Um anjo tutelar, por Deus eleito,
Veio suavizar a minha sorte!...
Luiz Escobar! – teu brônzeo peito,
Unido a essa tão – brava coorte –
Te sublima no mais alto conceito.

Cidade da Vitória, 9 de novembro de 1878.
O padre suspenso:
Francisco Antunes de Siqueira

III - A S. EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA O SR. DOM PEDRO MARIA DE LACERDA, BISPO DO RIO DE JANEIRO[404] EM SUA VISITA À CIDADE DA VICTORIA, POR OCASIÃO DE UM MIMO, QUE LHE OFERTA O INFRASCRITO.

Sextilha

Cada ser fala seu modo,
Todos têm su'expressão;
Fala a pomba em seus arrulhos,
Fala a flor na exalação;
E o mimo de um pobre padre
É a voz do coração!

Cidade da Vitória, em 10 de julho de 1880.
Padre Francisco Antunes de Siqueira

RESPOSTA

É a voz do coração
A que mais encantos tem;
Eloquente sem rival
Só expressa o que provém
Do amor sincero e puro
De quem quer deveras bem.

P. M. L.

IV – RELANCEOU O OLHAR SOBRE A MULTIDÃO ALI REUNIDA E AS HASTES DAS BANDEIRAS E PROFERIU ESTE SONETO[405]

Nunca Febo surgiu tão radiante
Nem rubra jamais viu formosa Aurora!
Tão ricos festões mimos de Flora,
Enfloram a Pátria de brilho rutilante

Ó Musas! não sei como decante,
Em doce metro, em tuba bem canora,
O triunfo que o povo comemora,
Em plectro divinal, altissonante!

De guerreiros o bando, forte, bravo,
Em Solano puniu a rebeldia,
Partindo os grilhões a um povo escravo.

Por terra baqueou a tirania,
O vencido sentiu no prélio o travo,
O Brasil provou, enfim, quanto valia!

V – PELO ÊXITO TRIUNFAL DE NOSSAS ARMAS NO PARAGUAI[406,407,408]

Ao Ilmo. Sr. Presidente da Província

Nunca Febo surgiu tão radiante;
Mais rubra nunca vi formosa aurora;
Tão ricos festões mimos de Flora
Altivo pensamento, delirante!

Ó musas, não sei como decante
Em doce metro, em tuba bem canora,
O triunfo da Pátria, hoje senhora,
Q'inveje às nações, q'o mundo espante!
Um bando de bravos defensores
Puniu de Lopez mor ousadia,
Ferocidade brutal, tanto rigores.

O cetro baqueou da tirania
Não mais há da liberdade os opressores
O Brasil provou enfim quanto valia

Padre Antunes

VI - AO EXMO. E REVMO. SR. BISPO DIOCESANO DR. D. JOÃO NERY, PRÍNCIPE DA IGREJA ESPÍRITO-SANTENSE POR OCASIÃO DE SUA POSSE

Bom ministro do Ser Onipotente,
Bem-vindo sejas hoje ao nosso estado,
Para assumir da Igreja o apostolado,
Augúrio de um futuro refulgente!

O povo desta terra reverente
Seus destinos a ti há confiado,
Pois és o seu pastor, predestinado,
A dar-lhe glória imortal, valor ingente!

Prossegue nessas lutas afanosas;
Se foste em S. Paulo laureado,
Prêmio do saber, ações bondosas!

Agora doutras graças adornado,
Tens direito a colher menções honrosas,
Na Vitória deve ser glorificado![409]

VII - AO EXMO. E REVMO. SR. BISPO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, D. JOÃO BATISTA CORRÊA NERY, POR OCASIÃO DE SUA AUSPICIOSA VISITA À CIDADE DO ESPÍRITO SANTO (ANTIGA VILA VELHA)

Senhor, a nossa cidade,
Pobre, pequena, abatida,
Com vossa nobre presença
Ficou hoje engrandecida!

Não temos os ouropéis
Para ornar vossa grandeza;
Apenas vos damos brindes
Desta pobre natureza...

Os mimos do coração
Por si só encantos têm,
Eles vestiram a Jesus
No presepe de Belém!...

Em uma pobre cidade,
De recursos desprovida,
Brilhou a luz da Verdade,
Por todo mundo acolhida.

Suave aroma das flores,
Suas pétalas coloridas,
Cresta o sol por seus ardores,
O tempo as faz consumidas!...

Os votos, que a alma rende
Com sincera profusão,
Tem eterno acolhimento
Num peito de gratidão.

É a humidade virtude,
Dos justos mor galardão,
Pois só ela eleva as almas
Aos páramos da perfeição.

Nesta erma morada,
Voado à indiferença,
Eu tive a sorte ditosa
De sentir vossa presença!...

Nunca na vida gozei
Um momento tão ditoso,
Tão grato e esplendoroso,
Como hoje o experimentei!...

Iluminai esta cidade
Com os raios de vossa luz;
Derrame as vossas graças
Em nome do Bom Jesus.

Sois nosso pai comum,
Deste rebanho pastor,
Aceitai, eu vos suplico,
Afetos do nosso amor!...

Cidade do Espírito Santo, 26 de maio de 1897.
O Vigário, Padre Francisco Antunes de Siqueira.[410]

VIII - AO CONGRESSO PELA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO[411]

O. D. C.

Ode

Onde me transportas, ó ligeira musa?!...
Rápidos voos teus seguir não posso;
Teus fúlgidos clarões, rastos de luz,
O meu estro turgem!...
Sobe tu à morada refulgente,
Onde graças assentam trono augusto;
Copia por mim com vivas cores
Encantos e belezas!
Nos áureos paços, onde ondulam luzes,
Entre colunas de cristal luzente,
Os fados consulta no registro eterno
Das glórias imortais!...
Bateu asas; sublimou-se nas alturas!...
Fugiu-me aos olhos, escapou ao pensamento!...
Julguei-me perdido em vácuo imenso
Sem norte, sem destino!
Escassa luz nem ao menos lobrigava;
Era noite!... O silêncio mais profundo
Incutia terror, delírios, morte
De tétricos fantasmas!...
Voltejavam num *cortejo* horripilante!
Em *longas caudas* revolviam cinzas,
Que vomitava vaporosa a noite
De fétidas entranhas...
Frouxo clarão ao longe descortina
Risos d'aurora ao sussurrar da brisa,
Beijando flores, colorindo as nuvens,
De sua glória trono!

Vomifogos ginetes conduziam o coche,
Preso ao timão de metal luzente...
Era Febo, o criador do dia
Da mais doce surpresa!
Fendeu-se a terra; *imagens agoureiras*
Sumiram-se nos abismos dos infernos,
Para tormento de *Sísifo*, *Tântalo*,
Vítimas do remorso!!!...
Entre ondas de luz aurifulgente
Assoma Palas de garboso aspecto,
Empunhando da justiça o cetro,
Que o mundo rege!
Na esquerda a tábua, que a lei continha
Do pacto fundamental do nosso Estado
Obra dos varões, que o disputaram
Nas limas da pureza!
Em tom angélico fez ser bem ouvidas
À multidão, que saudava pressurosa,
Por entre brados, que ecoavam vozes
Deste povo ditoso!
Ao depois referiu em mago acento
Doces encantos, que no céu gozara,
Quando bebia em sequiosos sorvos
De sua fonte as águas.
Nela embebeu em gotas cristalinas
Os seus ditames de origem pura,
Que ao povo garantiu maior ventura
De um risonho porvir!
Ninfas, anjos tutelares, guias,
De ricos florões entretecidas,
Traziam nas mãos palmas, coroas,
Despojos da vitória,
Quanto impulsa beber inspirações,
Nos eflúvios do saber e da justiça,
Que firmam aliança mais perfeita

Nas ilusões da vida!
Salve, Palas, ó deusa do Empíreo!
Assenta nesta terra o seu governo;
Dirige o povo por veredas retas
Ao marco do progresso!...
Vitória, sê feliz. Está almo dia
Assinala pra ti a nova era,
Que um povo levantou à justa esfera
De sua autonomia!

Vitória, em 2 de abril de 1892
O Padre Francisco Antunes de Siqueira

IX - À MORTE DO INOCENTE MOYSÉS A. DE SIQUEIRA[412]

Às suas irmãs Dalmácia e Petronilha A. de Siqueira

Mote

Busco e não acho o coração no peito.

Desgraça sem igual, tormento novo,
Me azedam, me combatem a existência;
Sobre abismos de horror o passo movo,
Sem constância, e sem experiência!...
Eu mesmo sem saber meu mal promovo;
Inquietando a tranquila consciência,
Com o que sempr'em lágrimas desfeito,
Busco e não acho o coração no peito.

Vitória, 15 de dezembro (4 horas da madrugada) de 1878.
Padre Antunes de Siqueira.

X - ENTRE COLOSSAIS MONTANHAS NEGREJANTES

Soneto

Entre colossais montanhas negrejantes,
Que circundam horizonte majestoso,
Eu diviso assomar rubro, e garboso,
O maior entr'os dias importantes.

Com reflexos de seus brios coruscantes
O universo s'apresenta portentoso;
E revestindo galas, pressuroso,
Ostenta revelar doces instantes.

Ei-los! sobre a pátria feliz já são chegados!
E onde gozaremos tanta glória?
No convento dos heróis, mais decantados...

No d'Assis, ereto na Vitória,
Fruireis gratos instantes, consagrados,
A Benedito o farol da nossa história.

1853[413]

I - RETRATAÇÃO DO PADRE FRANCISCO ANTUNES DE SIQUEIRA, NATURAL DA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO DESTE BISPADO, DEPOSTA NA PRESENÇA DE S. EXª. REVMª. O SR. D. PEDRO MARIA DE LACERDA, ATUAL BISPO DO RIO DE JANEIRO

Convencido de meus erros doutrinais, condenados pelos cânones da Igreja Santa, Católica e Apostólica Romana, arrependido e confessado da minha vida irregular com que tenho ofendido a sociedade dos bons católicos; guiado pelos conselhos caridosos de S. Exª. Revmª. o Senhor Bispo Diocesano, de novo venho pedir perdão a Deus e à sua Igreja, de todas essas faltas, prometendo não reincidir nelas, e fazendo uma solene profissão de fé implícita e explícita a todos os dogmas da Igreja de Jesus Cristo; retratando-me de todos os erros contra a doutrina e disciplina da Igreja Católica Romana, onde existem os verdadeiros fundamentos da fé, esperança e caridade. Renovo por esta ocasião os votos de minha obediência e reverência ao meu digno prelado; sua voz será como a do Sumo Pastor, Jesus Cristo, o eco de minha alma e sua vontade o meu único pensamento.

Rio de Janeiro, em 9 de Janeiro de 1878.
Padre Francisco Antunes de Siqueira[414].

II - RESPOSTA

Meus bons amigos e amáveis patrícios,

Felizes e preciosos são os momentos, em que se provocam os vossos brios, e se põe em prova vossa proverbial generosidade! Acolho vossa benevolência nessa manifestação pública, com que apregoais os pequenos serviços, que prestei à causa da religião, de que sou indigno ministro, e à pátria, minha mãe comum, no empenho de perpetuar nela, que também partilhou os benefícios da redenção, a memória dos episódios soberbos, que se sucederam misteriosamente na Vida, Morte, Paixão e gloriosa Ressurreição de Jesus Cristo, o Nazareno Mártir do Gólgota, Filho desta terra, tudo a ela devo. Dedicando-me aos seus interesses, zelando a crença de nossos pais, eu compro um dever sagrado para com o povo em geral e mui particularmente para convosco, que me abonaste nas críticas circunstâncias da minha vida.

Aceito, confundido na minha obscuridade, o mimo de boas festas, não como paga dos meus serviços, que estão muito aquém do valor, que lhes deste, mas como um estímulo poderoso para elevar-me à altura de vosso merecimento.

Disponde de mim, como vos aprouver; o auxílio é fraco; a força, porém, da vontade, a pureza de minhas intenções acompanharão o desempenho da vossa honra, enquanto me durarem os alentos da vida.

Cidade da Vitória, 17 de abril de 1881.[415]

III – DISCURSO PROFERIDO POR OCASIÃO DO "TE DEUM" EM AÇÃO DE GRAÇAS PELA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA, NO CONVENTO DE S. FRANCISCO, A 14 DO CORRENTE[416]

"Agora podeis matar-me, Senhor, porque meus olhos já viram a redenção dos povos e a glória do povo de Israel".

Deste modo contente se exprimira Simeão, ao ver o Messias com tanta ansiedade esperado!

Parafraseando esse trecho das sagradas letras, não me será permitido hoje no delírio do entusiasmo, exclamar, quando vejo confiado ao povo o decreto da extinção da escravatura no solo brasileiro?

Se ali se saúde a revelação dos povos, é porque essa luz, que cintilava nas trevas, possuía os raios da liberdade, que penetram as profundezas e se elevam até as alturas.

Revelação sem condições de verdade e vida, não era completa. Dia sem sol, noite sem estrelas, movimentos sem atividade produtiva!...

Não podiam ser melhor assinalados os triunfos da civilização, do que por esse rasgo de liberalidade que veio aprimorar os foros da honra e dignidade de uma nação!

Já tínhamo-nos avantajado nos árduos caminhos do progresso.

O comércio, a indústria e artes, depois do curso natural dos acontecimentos, após a nossa emancipação política, tinham estendido suas largas vistas, deixando as práticas das velhas rotinas. À essa tendência dos melhoramentos materiais, devia acompanhar os voos da civilização. O Brasil era já uma nação grande; de hoje em diante será uma potência respeitável. Está consumada a obra da redenção; desempenhou-se a honra do povo brasileiro.

Se outrora tive a honra de falar diante de SS. MM. II. para cantar louvores por sua auspiciosa visita a esta província; se pela terminação da guerra saudei os heróis da campanha do Paraguai, hoje ufano-me, vanglorio-me, por felicitar os obreiros do abolicionismo!

Agora podeis matar-me, Senhor, porque meus olhos já viram a redenção dos cativos, e a glória do povo brasileiro.

A glória de uma nação, e seu renome, assinalam-se nos fastos da história por uma série de acontecimentos, que a dirijam e a elevem ao cúmulo das perfeições. *Le monde marche*, dizia Pelletan. Este axioma político-filosófico é o grande farol, que aponta o porto da viagem do progresso, através das perigosas sirtes no profundo pélago das contrariedades da vida! Solto o rumo, desfralda-

das as velas, o navio singra as ondas, exposto à variedade inconstante dos ventos, e até às forças das correntes oceânicas. O palinuro adestrado e destemido inverte, desvia, sobremonta-as, e bracejando entre céu e mar, à luz do sol e das estrelas, vê um dia, surgir dentre as ondas a terra, para onde determina o termo de sua derrota! O exército, no campo da batalha, encara de frente o inimigo; calcula suas posições, contramarcha à direita e à esquerda, estende os flancos, forma quadrados, e entre essas evoluções militares e com hábil concurso dos estratagemas, levanta fortificações, acabando por escalar muros, assolar campos, pondo em completa debandada as aguerridas fileiras de seus inimigos!...

[...]

O Céu deve aclamar nossa vitória.

Jesus Cristo instituiu a comunhão católica, pela qual confraternizou o universo. Nós, extinguindo a escravatura, estabelecemos a coparticipação civil, sentando-nos todos, como irmãos, na mesa do banquete nacional.

É o mais acrisolado troféu nas lutas da civilização!

Monumento sustentado pela religião, pela filosofia, pela política, retocado pela mão da história, há de atravessar incólume a mais remota posteridade.

Por tão faustoso acontecimento, entoemos o hino de ação de graças

Te Deum Laudamos.

IV - O ABOLICIONISMO

Inveja, ciúmes, desconfianças, guerras, e separações odiosas se repetiam cotidianamente em arriscados encontros. Por um direito de conquista tradicional, uniforme, esses pretos subjugavam os inimigos e os cativavam, condenando a martírios execrandos!

Para exterminá-los de uma vez, estendendo melhor os seus domínios, resolveram trocá-los pelos gêneros de que os portugueses vendiam em suas feitorias, estabelecidas nas costas daquele continente.

Combinaram-se harmoniosamente a *vontade* com os *desejos*!

Eis o pobre preto, objeto de mercadoria, exportado de seu país, arrancado entre as lágrimas da família, atirado à escuridão de um imundo convés, exposto aos tratos grosseiros de famintos aventureiros!...

Para onde levá-los? Para Europa? Não! O espírito civilizador não comportava essa mancha!

O Brasil, novamente descoberto, povoado por sentenciados, espíritos familiarizados com o crime, ainda sem meios de resistir a qualquer tentativa,

devia aceitá-los! "Pobre tutelado, ó meu Brasil, roubaram-te os legados com que te fadou a natureza!".

Seus portos abrigados, suas longas encostas formadas pelas grandes bacias, longe das vistas da civilização europeia, e sobretudo da Inglaterra, favoreceram a venda da carne humana!... Não se lhes podia oferecer um meio mais fácil, para opulentá-los!

O que faziam então os aborígenes do Brasil?... Estavam sendo catequizados pelos jesuítas, instruídos nos sentimentos de honra e dignidade para não sucumbirem ao jugo da escravidão dos portugueses.[417]

[...]

Aguardar[418] uma lei, para desistir do serviço do mísero escravo, é ser surdo ao império da razão, as vozes da consciência, aos impulsos do coração. É querer retardar o movimento propulsor do progresso, sustar as caudais dum grande rio, que despenha catadupas, para cristalizar as águas estagnadas, donde respiram os pútridos miasmas, que perturbaram a vida de um povo generoso e livre, que deseja marchar na vanguarda do progresso e desataviar-se de velhos usos, que não comportam as pompas da civilização. A espontaneidade de uma ação acrisola o presente, que se quer ofertar. Devemos, por nossa dignidade, por um empenho de honra, pelo brio nacional, libertar esses poucos cativos, de que dispomos, para que eles se sentem na grande mesa da comunhão brasileira. Venha esse abraço fraternal reunir todos os brasileiros onde o altar do Deus dos cristãos, antes o supedâneo do trono do império de Pedro II.

Entrelacemos com esses ramos o tronco da liberdade, e ele mais se avigorará para as glórias do nosso futuro.

A emancipação da escravatura é uma nova criação moral, um novo *Fiat Lux*, surgindo do caos dos prejuízos e dos preconceitos, que detiveram na confusão dos elementos opostos, um mundo tão rico de magnificências!

Se quereis ainda que vos afaguem os sentimentos de vossa própria nacionalidade, declaro-vos com a história _ *que os brasileiros não foram motores desse execrando comércio*.

O brasileiro tem um coração dócil, uma alma generosa, grande, como Atlântico, que beija as costas do seu país!

Os vagidos da infância,
Os brincos da puberdade,
Já podem dormir incautos
À sombra da liberdade.

V - DEVERES DOS PAIS E MÃES PARA SEUS FILHOS

Muito se há escrito sobre tão importante assunto, que é o cimento da família e o pedestal da sociedade. Façamos algumas considerações sobre o ponto de vista religioso.

O primeiro e o principal dever dos pais e das mães é dar a seus filhos uma educação cristã. *Pais*, dizia o apóstolo das gentes, *educai vossos filhos, corrigindo-os e educando-os segundo os preceitos do Senhor* (Ef. 6,4). *Tendes vós filhos, instruí-os os e curvai-os desde sua infância* (Eclo 7,25). Dever importante, dizemos nós: _ para os filhos; para os próprios pais; para a sociedade. Desenvolvamos isto.

É da fidelidade dos pais em bem preencher esse dever, que depende o futuro de seus filhos; sua felicidade neste mundo, e sua salvação eterna. Se, como o moço Tobias, vossos filhos aprenderem, desde a infância, a temer a Deus, e abster-se da culpa; se, como a casta Susana, forem instruídos por vossas sábias lições no conhecimento da religião e da lei do Senhor; se, como a mãe dos macabeus, se como Resfa e a mãe de S. Luís tiverdes gravado profundamente em seu coração o amor de Deus, o horror à culpa, vê-lo-eis crescer, como o menino Jesus, em sabedoria, em graça, perante Deus e os homens.

Elevados pelos princípios da religião, vossos filhos contrairão o hábito de uma vida sábia e regular; amando o trabalho, a ordem, a economia, regulados em seus costumes, inimigos de excessos, gozarão de uma saúde forte e vigorosa, passarão uma vida doce e agradável, que lhes proporcionará uma honrosa velhice. Se forem ricos, habituados a guardar ordem em seus negócios, economia em suas despesas, eles manter-se-ão nessa posição seguros. Se pobres, quando o vento da adversidade de rijo soprar-lhes, acharão no trabalho, e em sua conduta os meios de ganhar a vida com honra e dignidade. Tomarão o trabalho, como condição inata o homem; não o desprezarão por vil e ignóbil, porque o trabalho e o ofício não honram, nem degradam ao homem, mas é o homem que os avilta por sua conduta; assim como o hábito não faz o monge, mas sim este que honra aquele. Em circunstância alguma ver-se-á o homem, possuído de tão sãos princípios, transigir com sua consciência, nem se afastar das regras da justiça e da probidade; preferirá uma pobreza honrada à fortuna adquirida pelo preço de um crime, de uma baixeza, e de uma infâmia. Recordar-se-á dos conselhos de Tobias a seu filho: *Nós somos pobres, mas seremos sempre ricos, temendo a Deus, fugindo do pecado, e obrando o bem* (Tb 4,25).

Ao contrário, porém, se vós não cumprirdes esse dever, que a religião e a natureza vos impõe para vossos filhos, se os não formardes na virtude

por vossas lições e exemplos; se não os preservardes do contágio do vício por vossa vigilância e correções tomarão o caminho para o abismo, e o seguirão até a velhice. *"Seus ossos* diz o Espírito Santo *serão cheios dos vícios de sua mocidade, seus maus hábitos descerão com eles ao túmulo*.

É uma verdade na ordem moral, como na ordem física, que não se colhe, senão na proporção do que se há semeado. *Quæ seminaverit homo, hæc et metet* (Gl 6,8). Se, pois, vós, pais e mães cultivardes vossos filhos por uma boa educação; se lançardes em seus, ainda tenros corações, a semente da virtude, esperai serdes recompensados de vossos cuidados; vós reconhecereis o que tiverdes semeado. A boa educação, que lhes tiverdes dado, produzirá seus frutos; as virtudes de vossos filhos serão para vós uma fonte de consolações nessa vida, e de merecimento para Deus. Se pelo contrário desprezardes o campo, confiado a vossos cuidados, se deixardes germinar nele maus hábitos, crescer pensamentos viciosos, colhereis de vossa negligência tristeza, desconsolações, e terrível responsabilidade, perante Deus.

A má educação é uma espada de dois gumes, com os quais os pais ferem a seus filhos, e a si próprios. Dando-lhes uma educação cristã, assegurareis sua felicidade e a vossa. Sereis recompensados; pela satisfação, que experimentareis, à vista de sua ventura; pelas bênçãos celestes que baixarão sobre vós; pela paz e união, que reinará em vossa família; pelas consolações que eles vos darão em vossas penas; pelos cuidados e piedade, de que cercarão vossa velhice; pelo testemunho de vossa consciência na hora da morte. Depois dela: pelas preces, que dirigirão a Deus por vós; pela confiança, com a qual aparecereis, diante de Deus, para entregardes o depósito sagrado, que Ele vos confiou; pela glória de que sereis coroados; por vossa união nos Céus com vossos filhos como preço de vossa educação. Se porém desprezardes esse dever, sereis punidos nesta vida: pela desgraça de vossos filhos, de que fostes causa; pelas desordens cuja vergonha revertera para vós; pela maldição do Céu, que merecestes, e que eles clamaram para vós; pela ingratidão e indocilidade de vossos filhos, que aumentarão vossos pesares; pelo abandono, a que sereis reduzidos em vossa velhice; pelos remorsos, que vos atormentarão na hora da morte.[419]

Preparar[420] os filhos só para a vida natural é instinto dos irracionais; prepará-los ainda para a vida social, é obra dos infiéis; elevá-los para Deus, é o dever do cristão.

A má educação povoa a terra de criminosos e o inferno de réprobos. A boa educação é a fonte perene, de onde constantemente correm as águas límpidas e cristalinas, que serpenteando todo o curso da vida, fazem brotar todas as virtudes. Quando o homem é moço, representa uma planta, tenra,

que ainda flexível, se pode a jeito torcer; é um regato ainda próximo de sua nascente, a quem podemos dar o curso, que quisermos. Um moço entrando neste _ *mare magnun* _ do mundo, sem uma educação cristã, que o premunisse contra seus imensos riscos e perigos, é como um navio, lançado ao mar, sem piloto para dirigir. À mercê de todos os ventos, jogado por todas as ondas, ele irá bater contra os escolhos, e a final soçobrar nos abismos.

Quereis que vossos filhos vos obedeçam? elevai-os pelo temor de Deus. Todas as virtudes que sustentam reciprocamente; como respeitará um filho a seus pais, se ele não respeita a Deus? Um menino, que tem perdido os sentimentos religiosos, acaba por achar ridículos os mais nobres sentimentos, até aqueles mesmos, que a própria natureza sabe inspirar: torna-se filho ingrato, e um menino desnaturado. Da educação depende a felicidade dos indivíduos e a ordem da sociedade.

Padre Antunes de Siqueira – 1876.

VI - MEMÓRIAS DO PASSADO. A VITÓRIA ATRAVÉS DE MEIO SÉCULO[421].

Capítulo 30

Os índios são, ainda hoje, inclinados a crer em feitiços, em duendes e fradinhos-da-mão-furada.[1]

Conheci um velho índio, muito prognóstico, que benzia de malefícios. Fingi-me doente e o fiz vir à minha presença. Pedi-lhe que me benzesse, pois sabia, disse-lhe eu, que ele tinha boas mãos para isso. Enchi-o de elogios e ei-lo em obras. Persignou-se muito mal, colocou-me sobre a cabeça um maço de melão de São Caetano e começou-me a salpicar, em forma de cruz, com água, lançada por um ramo de alecrim. Depois espreguiçou-se, bocejou muito, fazendo horríveis caretas, e resmungou umas palavras incompreensíveis. Colocou-me sobre a cabeça um copo d'água, e disse-me:

> *"Tem olhado muito forte, misturado com sol dentro da cabeça!"*
> Ora eu com o sol dentro da cabeça! E essa! E a casa em que me achava, de palha!… Contive a custo o riso, embora o meu companheiro, Pedro Tabachi, se risse estrondosamente! O índio ameaçou-o, dizendo:
> *Não ride, eu tiro o sol daqui e ponho nas vossas cabeças…*

"Non! Non! N'accord pá," retorquiu-lhe Tabachi.
Instei com o índio para que ele me ensinasse o benzimento. Ele o fez, dizendo-me:
Deus é o sol;
Deus é a lua;
Deus é o centro da verdade.
Sai daqui ventosidade…
Senão te dou!…
Esteira velha, canto molhado,
Vai tá-ré, olhado!…

E… e… fiquei bom!
Hoje custaria caro o tratamento. Era uma pândega!

[1] Diabretes.

VII – DOMINGO DE RAMOS

Dourava o sol com fulgurantes raios os píncaros dos outeiros, que circundam a pequena cidade dos pró-cônsules romanos. Alegres, cristalinas e travessas murmuravam em som brando as torrentes do Cédron. O vale de Josafá, a relva de Jericó, entornavam do cálice de suas flores suaves aromas; o bálsamo, o incenso, a mirra ardiam nos fogos de todos os edifícios, elevando aos céus colunas, que se desdobravam nos espaços, entornando em seu ambiente o olor, misturado de seus perfumes embriagadores. Via-se fugitiva a última miríade dessas estrelas cadentes, que buscavam o ocaso, como envergonhadas de seu escasso brilho à vista de Febo, o rei da criação! O Olivete oferecia virentes ramos de suas frondosas oliveiras, donde pendiam amarelos e azevichados frutos de sua rica e decantada produção.

O Calvário imponente projetava sobre a cidade da Judeia uma sombra medonha, como um espectro de morte, preludiando a catástrofe horrível que se ia suceder! Ninguém assistia esse espetáculo, que a natureza, tão caprichosa em suas produções, descortina aos olhos do curioso observador. A fonte da samaritana, a piscina de Siloé diminuíam suas águas milagrosas.

Os habitantes dessa pequena cidade, ensaiavam no recinto das suas casas os hinos de glória, que, mais tarde deviam externar os pensamentos poéticos, que os preocupavam, e que durante a noite precedente, os embalara em sonhos ridentes e extasiadores!

Fiéis às tradições de seus pais, as famílias dos judeus aguardavam o momento, descrito pelos patriarcas, cantado pelos profetas, saudado pelas trombetas de Sião, em que o Esperado das Nações, o Libertador de Israel, devia fazer sua entrada solene, para desse povo receber as aclamações de mais vivo entusiasmo, e os aplausos de suas vitórias.

Depois de suas matutinas orações, o povo saindo para os primeiros misteres da vida, encontrava-se pressuroso nas ruas e praças, e trocando entre si vozes, acentuavam as suas alegrias.

Era um dia de festa!

Grandes e pequeninos, sábios e ignorantes, fidalgos e plebeus, pobres e ricos, velhos e moços, homens e mulheres, à exceção de um pequeno número de fariseus, a quem a cabala da política dos césares tinha peitado, todos porfiavam no empenho de uma recepção, condigna ao elevado caráter do novo conquistador!

Rasgavam-se os cetins, teciam-se as mais mimosas grinaldas, entretecidas de variegadas flores; levantavam-se nas entradas das ruas arcos triunfais; pelos caminhos entrelaçavam os ramos das frondosas e flexíveis árvores, circulando-os agrestes trepadeiras; festões, colhiam-se palmas e flores para estendê-las e semeá-las pelos lugares, por onde tinha de passar o Redentor do Universo!

Tudo era grande, magnífico, suntuoso e imponente!...

Eram onze horas. O sol quase tocava seu zênite! O povo regurgitava ansioso, entretendo-se em mil comentários acerca dos feitos e da vida do herói, quem pretendia saudar! Os anciães das famílias, tinham suas roçagantes capas romanas em atitude de lançá-las por terra, para serem pisadas pelo Triunfador em reverência e preito de sua humildade e obediência, tal era a ideia, que eles formavam da supremacia de Jesus Cristo!

Os primeiros gritos ouviram-se. Os que não podiam vê-lo, admirá-lo, trepavam os altos sicômoros e figueiras que bordavam a beira das estradas!... As músicas estendiam os seus acentos melodiosos pelas sinuosidades dos vales e das montanhas! Aclamações, vivas, felicitações, acenos, confundiam-se em ruído estridente, como as de um exército em dia de campanha! Uns riam-se, outros choravam, interrogavam-se, abraçavam-se; ao longe dir-se-ia o rumorejar das ondas em dias de tempestade!...

Os pequenos agitavam os seus ramos, as virgens atiravam flores, cantando o hino da liberdade, concebido nas seguintes palavras:

Hosanna in excelsis. Benedictus qui, venit in nomine Domini.
Ó Rex Israel.

Glória a Deus nas alturas. Bem-aventurado seja aquele, que vem em nome do Senhor. Ó Rei de Israel.

A Igreja parafraseou essa saudação no seguinte hino:

Lauda, Sion, Salvatórem,
Lauda ducem et pastórem,
In hymnis et cánticis!

Louva, Sião, o Salvador,
O teu chefe, teu pastor,
Com hinos e cânticos!

Ei-lo! Viva Jesus! gritaram todos.

À proporção, que passava, aquela multidão cobria a calçada com mantos e tapeçaria, a mais rica do Oriente, e de Damasco, e com as palmas verdes das florestas do Líbano, do Cédron e do Olivete!

Montado em um quadrúpede, aureolado pelos fulgores do céu, Jesus Cristo marchava com ar tímido e modesto, com semblante risonho, afagando benevolamente tantas demonstrações dos puros afetos desse povo, a cujos interesses consagrara na pira do amor divino, sua vida de sacrifícios consumados no cruento martírio do Gólgota, onde fechara a longa cadeia de seus sofrimentos.

Durante seu trajeto, curas milagrosas se operaram. Bastava tocar a fímbria de seu vestido, para se restabelecerem os enfermos!

Recolhido ao Cenáculo, onde pretendia Ele celebrar a nova Páscoa, que marcava a Era Cristã, pressagiada pela dos judeus, Jesus Cristo espera até a quinta-feira, a hora em que um surpreendente contraste viria transformar essa cena de alegrias no epílogo de um drama sanguinolento, que rematou a história da morte, a mais revoltante, que o mundo presenciou, cheia de piedosa admiração!

Vitória, 1º de abril de 1882.[422]

VIII - ORDEM E PROGRESSO

A prosperidade pública assoma-se em todos os estados com acentos pujantes. A escolha livre dos mandatários do povo produz sua benéfica influência. O nosso estado progride com rápido avanço, disputando o lugar de honra nas fileiras da vanguarda do progresso, e em breve tocará as ameias da civilização. Todos os elementos vão sendo impulsionados pelas leis de progresso! Nada há entre nós estacionário...

O moço Dr. Muniz Freire, cuja inteligência se expande cada vez mais no seio desses movimentos propulsores, que incutiu com perícia pelos seus atos administrativos, cheio de santo orgulho recebe na capital federal testemunhos pela hombridade e elevação do seu caráter. O Espírito Santo partilha com indizível prazer dessas ovações, que lhe dirigem os apreciadores do seu talento...

Em que tempo o nosso estado levou tanto alto os seus créditos? O nosso presidente espalhando-nos limpidamente pelos raios e revérberos de sua luz intelectual, acredita-nos e abona-nos na opinião de quantos enfrenturem a sua ilustração e honestidade.

E tudo isso não autentica o levantamento moral do nosso estado? Essas deferências sinceras de homens altamente colocados por seu saber e virtudes sociais, não importam, além do valor intrínseco individual, o extrínseco do meio, a que está ele ligado pelos laços do patriotismo?

O nosso peito nada de júbilo ante tão faustoso acontecimento!

Salve, pátria! Caminha ao pináculo da Glória![423]

IX - A CAUSA DOS NOSSOS ERROS

O primeiro desejo, assim como o primeiro bem do homem, é a verdade; sim, verdade na religião, que dando-nos ideias altas e puras da Divindade, nos ensina a prestar-lhe homenagens dignas d'Ele; verdade na moral; que traça seus deveres a todas as condições, sem rigorismos e moleza; verdade na política, que tornando a autoridade mais justa e os governados mais submissos, salva os governos das paixões da multidão, e esta da tirania dos governos; verdade nos tribunais, que faz empalidecer o vício, salva a inocência e eleva o triunfo da justiça; verdade na educação, que pondo em acordo as doutrinas com a conduta, faz que os instituidores não sejam menos os modelos do que mestres da infância e da mocidade; verdade nas letras e nas artes, que preserva do contágio do mau gosto os falsos ornatos e falsos pensamentos; verdade

no comércio da vida, que banindo a fraude e a impostura faz a segurança comum; verdade em tudo, verdade ante tudo; eis aqui o que busca pelos desejos secretos de seu coração o gênero humano todo inteiro.

Com efeito, logo que as verdadeiras doutrinas são universalmente ensinadas, que têm elas penetrado os corações, que animam elas as classes da sociedade, se não destroem todas as desordens, elas, pelo menos, terão a vantagem de preservá-las de um grande número; elas serão fecundas em sentimentos generosos, em ações virtuosas, e compreender-se-á que a verdade é para o corpo social um princípio de vida. Se o erro pelo contrário dominar os espíritos em negócios capitais, e sobretudo naqueles que são os seus guias e modelos, lançá-las-á em falsos caminhos e comparando os pensamentos, os sentimentos e ações, tornar-se-á um princípio de dissolução e de morte.

Há um século mais ou menos, que choque de opiniões opostas entre nós! Que sistemas destruídos por todos os sistemas, que paradoxos revoltantes! A história religiosa, política e literária do Brasil, que outra história é do que o combate de todos os erros contra todas as verdades? Combate sustentado pela pena, pela espada, e que tem sido a destruição da religião e da monarquia?

O que é digno de notar-se é que tanto o sectário como o ortodoxo, o sofista como o filósofo, o ímpio como o cristão, o demagogo como o defensor do trono, todos fazem profissão de marchar pelas veredas da verdade.

Como pode ser, porém, que este amor secreto da verdade, que existe no coração de todos, o erro se tenha preparado e desapontado tanto o sábio, como o povo?

As causas de nossos erros são a fraqueza da razão, a ignorância, o pouco saber, a própria ciência, a falsa aplicação dos diversos princípios da verdade, preocupação, a excessiva curiosidade.[424]

X - MEMÓRIAS DO PASSADO. O CONVENTO DA PENHA

[Capítulo 5]

Mais tarde, depois de ultimadas todas as obras pela doação, que ao convento fez D. Luiza Grinalda, de uma luzida escravatura, de crioulos, edificaram-se umas dez senzalas, cobertas de telhas, com as quais se comunicavam só os familiares do convento por uma escadaria, defendida por um portão, que se fechava depois da reza, que se fazia às oito horas da noite.

Pela manhã, às cinco horas, concorriam à capela homens, mulheres, crianças, velhos, moços e os romeiros, hospedados, e entoavam por vozes

divinas, em perfeitos acordes – a Estrela do Céu (*Stella Cœli Extirpavit*) o Ó Glória das Virgens.

Assistiam depois o Santo Sacrifício da Missa, e a órgão, tocado por mestre Adriano, entoavam ao levantar da hóstia e do cálice o Bendito da Eucaristia.

O final desses versos era com uma estrofe, composta por frei José do Patrocínio, que nunca mais ouvimos cantar. Ei-la:

Prostrados, hoje adoremos
Tão augusto Sacramento;
Dos anjos manjar celeste,
Das almas doce alimento!

Sublime!...

Nas sextas-feiras quaresmais ouvimos cantar em 1843 o *Stabat Mater Dolorosa* todo em latim.

Os escravos eram inteligentes e expeditos.

Faziam-se bonitas lavouras de milho, algodão e café. As mulheres fiavam e teciam pano em teares, e urdiam riquíssimas redes e colchas para seu uso.

O convento dava às mulheres 160 réis por dia e aos homens 320 réis. Distribuía por cada um da colheita das esmolas farinha, feijão e milho. Aos domingos matava uma rês e irmãmente se repartia com todos.

Viviam todos alegres, e mantinham entre si uma lealdade invejável. Tinham dias de folga para buscarem fora outros meios de vida. O convento possuía pedreiros, canteiros, marceneiros, dois organistas: Adriano e José da Penha, que era o sacristão-mor além de Lúcio, ajudante, rapaz talentoso, que lia, e escrevia correntemente.

Afilhado de frei Vitorino, ele ganhou alguma instrução.

Era pernóstico, e tinha a habilidade de arremedar na voz, nos trejeitos, a todos os frades!...

O frei Teotônio de S. Humilana, o frade mais ríspido e turrento, que ali existiu, o diabrete do rapaz representava-o com tanta originalidade, que fazia rir a *bandeiras despregadas!...*

Vê-lo irritado, como o frade, alçando o cordão aos sovacos, segurando a gorda e volumosa barriga com as mãos, rangendo os dentes, gaguejando as palavras, limpando o suor da careca, vociferando... Era uma cena cômica, que dava brados!...[425]

[...]

Os[426] religiosos, disse-me o mesmo frei Teotônio, tinham naquele tempo, segundo o regulamento da casa, 640 réis diários, deduzidos das esmolas de cada missa, qualquer que fosse o valor entregue pelo devoto!... O mais revertia para receita conventual! Que tempos invejáveis!

Se os tempos voltassem... Mas *tempus proeteritum nunquam revertitur*!...

Não é lá para admirar muito, porque em 1828 por um documento, passado a M. P. Rangel e Silva, e que nos foi entregue pelo responsável cidadão, deputado estadual, Antero Coutinho, as missas eram ditas a cruzado. Nós celebramos em 1855 missas, deixadas em testamento pelo major Neves, a 560!...

XI - FESTIVIDADE DE N. S. DA AJUDA EM ARAÇATIBA. IMPRESSÕES DE VIAGEM[427]

Capítulo IX

Pouco acima do *Mamoeiro* existem os esteios e pegões de uma fortíssima ponte, que comunicava com o lado de leste dando franca passagem para os caminhantes, que buscavam os sítios adjacentes, desde *Altamira* até a Barra de Jucu. No tempo do peixe de corso, trocavam-no pelos cereais, e os povos comodamente iam na *Araçatiba* assistir os ofícios divinos.

Percorridas mais umas seis voltas, aproamos ao porto, onde, encostada a canoa, saltamos em terra. Foguetes anunciaram a nossa chegada, os quais foram correspondidos com outros, atirados de diversas partes. Um grupo de velhos e moços, em cujos semblantes transluzia a expressão de um entusiástico prazer, veio ao nosso encontro. Seguimos para a casa do ex-professor Tito, cujas maneiras obsequiosas penhorou-nos sobejamente. Perfeito e distinto cavalheiro tentava todos os meios para agradar-nos. É um coração bem formado, onde quadram perfeitamente os nobres sentimentos de hospitalidade. Conhecia-se na sua fisionomia os empenhos de ser por todos os modos agradável na escolha dos meios, para facilitar-nos as comodidades de um tratamento, que traduzisse a liberalidade de sua alma generosa e amiga.

Eram 7 horas da noite. Subimos a colina, onde se assenta a capela, que fica no meio desse antigo convento, hoje o palacete da família dos Vieira Machado.

Repiques dos sinos, foguetes, e música saudaram a nossa chegada.

Capítulo X

Haviam procedido já sete noites de ladainhas e outras jaculatórias em homenagem da Virgem, Senhora da Ajuda, orago da capela.

É uma imagem bem expressiva; está em atitude de quem ampara o mundo cristão. A mão direita se estende sobre um globo, que o representa, colocado aos seus pés.

Depois de haver descansado da posição forçada, que tomamos durante um tão longo trajeto, fui oficiar nesta oitava noite das *novenas*, e extasiei-me pela harmonia das vozes e instrumentos.

Desempenharam caprichosamente os músicos o *Veni, Sancte Spiritus*, a *ladainha* e o *Sub Tuum Praesidium*.

Interrompido em tempo aquela *sequentia* dissertei sobre a maternidade da Virgem, provando que esse mistério era a síntese de todos os seus títulos; que para a proteção era necessário *querer e poder*; desenvolvida essa tese, justifiquei a fé e a confiança, que nela depositavam. Foi o assunto do panegírico da véspera.

O concurso foi brilhante. Nesta noite o coro aumentou-se, e tomou um impulso mais animado.

O instrumental compôs-se de três flautas, uma clarineta, uma rabeca, um violão, um violoncelo e cavaquinho. As vozes estavam angélicas.

No domingo, dia da festa, dobrou o concurso do povo. A capela, coro, tribunas, estavam apinhadas.

De *Viana*, *Camboapina*, *Itaúnas*, *Jacarandá* e *Tanque*, vieram as principais pessoas.

Preguei ainda ao evangelho, tratando da fé, base de nossas crenças, e necessária para todos os tratos da vida social e doméstica.

‘NOTAS’

1 PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA VITÓRIA; livro de batismo nº 15; folha 48 (conforme certidão existente no processo de habilitação para o sacerdócio ‘De Genere et Moribus’) in MORAES, Paulo Stuck. Tópicos de genealogia capixaba. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de-genealogia-capixaba.html “Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira”. Acesso em 8 de abril de 2020, 00h18 h).
2 O folhetim é assinado por “A... ”, certamente conhecido do padre.
3 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. 46.
4 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. 83.
5 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12; pp. 289; 445 e 488.
6 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
7 MORAES, Paulo Stuck. Tópicos de genealogia capixaba. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de-genealogia-capixaba.html “Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira”. Acesso em 8 de abril de 2020, 00h18).
8 COUTINHO, José Caetano da Silva. O Espírito Santo em princípios do século XIX: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua viagem à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819 (transcrição do original por Maria Clara Medeiros Santos Neves). Vitória: Estação Capixaba e Cultural-ES, 2002; p. 84.
9 Ente administrativo a que era elevado uma localidade quando nela houvesse uma capela para servir de matriz de uma paróquia e na qual pudesse manter um padre. Na freguesia, então, era instalada a paróquia, que compreendia um território e sua população subordinada ao cuidado pastoral de um pároco, que acumulava a função de oficial dos registros de batismo, casamento eclesiástico com efeito civil (o único válido) e óbito, existentes apenas nas freguesias, dentro da Igreja Católica, naquele tempo em que não havia cartórios de registro civil.
10 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12; p. 366.
11 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12; pp. 356-357; 366; 368 e 372.
12 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. 111.
13 MORAES, Paulo Stuck. Tópicos de genealogia capixaba. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de--genealogia-capixaba.html “Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira”. Acesso em 8 de abril de 2020, 00h18).
14 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 7 ago. 1877; nº 94; p. 4.
15 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 23 jun. 1891; nº 2533; p. 1.
16 CLÁUDIO, Afonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do ‘Commercio do Porto’. 1912; p. 218.
17 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito- santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias). Vitória (ES): Imprensa Oficial. 1944; p. 96.
18 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 8 nov. 1884; nº 651; p. 2.
19 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. xx.
20 Diario do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), 16 dez. 1850; nº 8575; p. 4.

21 Natural da cidade do Rio de Janeiro, foi professor, reitor do Seminário Episcopal São Jose, cônego secretário do cabido e inspetor da capela imperial. Posteriormente foi arcebispo da Bahia e primaz do Brasil.
22 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sócios falecidos brasileiros Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo da Bahia, conde de São Salvador. Disponível em https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/MJSilveira.html. Acesso em 5 abr. 2020.
23 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
24 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. xxi.
25 SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Diccionario Bibliographico Brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893; 2º vol. p. 400.
26 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
27 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ), 19 ago. 1853; nº 229; p. 2.
28 Correio Mercantil. Rio de Janeiro (RJ), 14 ago. 1853; nº 226; p. 1
29 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ), 21 ago. 1853; nº 251; p. 2.
30 No calendário litúrgico franciscano, o dia 2 de agosto é dedicado à celebração da Festa de Nossa Senhora dos Anjos, popularmente conhecida como "Nossa Senhora da Porciúncula", cuja antiquíssima capela fica em Assis, na Itália.
31 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 21 abr. 1888; nº 1633; p. 3.
32 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ), 5 jan. 1855; nº 5; p. 4.
33 Revista da Semana. Rio de Janeiro (RJ), 18 nov. 1939; nº 50; p. 15.
34 O barão, também conhecido como Joseph Herman de Tautphoeus, era natural de Ingolstadt, na Bavária. Chegou ao Brasil em 1842 casado com Camilla Casolane Chuereb. Ver: SOARES, Jefferson da Costa. As Contribuições de Joseph Herman para a educação brasileira no período imperial. Hist. Educ. (online). Porto Alegre, jan./abr. 2018, vol. 22, n. 54, p. 318-333. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/66425. Acesso em 22 abr. 2020.
35 SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Diccionario Bibliographico Brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893; 2º vol. p. 400.
Diario do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), 6 abr. 1854; nº 95; p. 1.
36 Ao tempo do Sistema do Padroado, quando o Estado e a Igreja compartilhavam atribuições na administração da vida civil e religiosa, eram aqueles aprovados em concurso e que recebiam a colação no cargo, sendo também funcionários do Estado, responsáveis pelo registro eclesiástico com efeito civil e que, por isso, recebiam como salário a côngrua, paga pelo Governo Imperial.
37 Exposição permanente que se faz do Santíssimo Sacramento para adoração dos fiéis, realizada em comemoração das quarenta horas que esteve no sepulcro o divino corpo de Jesus Cristo, iniciada, no século XVI.
Diario do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), 6 abr. 1854; nº 95; p. 1.
38 Correio Mercantil. Rio de Janeiro (RJ), 26 ago. 1854; nº 235; p. 2.
39 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
40 Informações obtidas no processo "De genere, vita et moribus" do padre Francisco por Fernando Achiamé, conforme estudo introdutório do livro "Memórias do Passado. A Vitória através de meio século", de autoria do Padre Antunes.
41 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. xxi.
42 Igreja de "Santa Efigênia" e Santo Elesbão.
43 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
44 Tratamento dado àquele que, sendo sacerdote, ao mesmo tempo se ocupa também do magistério.
45 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 8 nov. 1884; nº 651; p. 2.
46 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 8 nov. 1884; nº 651; p. 2.
47 Ao tempo do Sistema do Padroado, era aquele com as mesmas funções do pároco colado, porém nomeado provisoriamente, sem concurso e, por isso, sem direito a côngrua.
48 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12; p. 354.
49 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12; p. 371.
50 Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1888; Ano 1855; edição 001; imagem 25; p. 26.

51 Não foi possível ter acesso a um exemplar físico deste livro. O título do mesmo é citado em vários trabalhos ora como "Poemeto descritivo em oito cantos" e ora como "Província do Espírito Santo. Poemeto descritivo em oito cantos".
52 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 8 nov. 1884; nº 651; p. 2. É o próprio Afonso Cláudio que deixa incompleta a frase.
53 SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Diccionario Bibliographico Brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893; 2º vol. p. 400.
54 DAEMON, Basílio Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12; p. 371.
55 Carta datada de 16 de fevereiro de 1857.
56 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO-APEES. "Correspondências recebidas pelo Presidente da Província, de Autoridades Religiosas e Diversos de Santa Cruz [Aracruz] (1840-1920)" pertencente a Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311; p. 120
57 APEES. Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311; p. 126
58 Correio da Victoria. Vitória (ES), 28 fev. 1857; nº 16; p. 2.
59 Carta datada de 6 de março de 1857.
60 APEES. Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311; p. 123.
61 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Org. Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p. 219.
62 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Org. Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p. 219.
63 Professor, pintor e desenhista naturalista francês que esteve em excursão pelo Brasil entre 1858 e 1860. Chegou a Santa Cruz na primeira semana de novembro de 1858.
64 BIARD, Auguste-François. Viagem à província do Espírito Santo. (Deux années au Brésil - III Province d'Espirito Santo, Tradução de José Augusto Carvalho) Vitória: Cultural-ES; Aracruz Celulose; Fundação Jônice Tristão, s/d. pp. 29-31.
65 BIARD, Auguste-François. Viagem à província do Espírito Santo. (Deux années au Brésil - III Province d'Espirito Santo, Tradução de José Augusto Carvalho) Vitória: Cultural-ES; Aracruz Celulose; Fundação Jônice Tristão, s/d. p. 33.
66 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Organização de Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; pp. 219-220.
67 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 11 jan. 1868; nº 378; p.1.
68 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 22 out. 1868; nº 457; p.1.
69 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 8 nov. 1884; nº 651; p. 2.
70 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 8 nov. 1884; nº 651; p. 2.
71 Naquele tempo, e conforme o sistema do padroado, o território da província do Espírito Santo pertencia, relativamente à administração eclesiástica, à diocese do Rio Janeiro.
72 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ), 25 mar. 1859; nº 84; p. 3.
73 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ), 22 mai. 1859; nº 140; p. 1.
74 Juntamente com seu nome constam os de diversos párocos aprovados, incluindo outros da então província do Espírito Santo.
75 O Globo. Rio de Janeiro (RJ), 23 ago. 1859; nº 120; pp. 1-2.
76 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Organização Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p 96.
77 A administração da justiça na Igreja Católica tinha, no Brasil, como instância inferior a "Comarca Eclesiástica", que era composta de uma vara do foro da justiça eclesiástica. Era regida pelo vigário da vara, responsável por diversas questões relativas à administração da justiça no âmbito eclesial na área de sua jurisdição, ajudando dessa forma no governo do bispado. A comarca estava submetida ao Tribunal Eclesiástico da diocese. No caso da comarca eclesiástica de Santa Cruz, ela abrangia os então municípios de Santa Cruz (atual Aracruz), Nova Almeida (atualmente distrito pertencente ao município de Serra) e Linhares. Estava ligada à diocese do Rio de Janeiro, à qual pertencia toda a província do Espírito Santo, que neste período composto de quatro comarcas com sedes em Vitória, Itapemirim, Santa Cruz e São Mateus.
78 Correio da Victoria. Vitória (ES), 25 jun. 1859; nº 50; p. 4.
79 Em 1867 vemos a câmara municipal do então município de Nova Almeida enviar ao vigário capitular do bispado uma solicitação para que fosse o padre Manuel Antônio dos Santos Ribeiro, vigário encomendado daquele município, provido no cargo de vigário da vara com a transferência da sede da mesma para Nova Almeida.

80 Correio da Victoria. Vitória (ES), 24 fev. 1869; nº 16; p. 4.
81 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. xxiii.
82 APEES. Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311; p. 148.
83 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ), 29 mai. 1859; nº 147; p. 3.
84 Apesar de que "D. Pedro II escreveu no seu diário de bolso: 'Te Deum na Igreja do Colégio dos Jesuítas; hoje Palácio, lápide da sepultura de Anchieta na Capela-mor perto dos degraus do altar-mor. Sermão sofrível do Vigário de Santa Cruz (Aldeia Velha)", conforme nos informa Levy Rocha em seu "Viagem de Pedro II ao Espírito Santo".
Correio da Tarde. Rio de Janeiro (RJ), 8 fev. 1860; nº 30; p. 1.
85 ROCHA, Levy. Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. 3. ed. Vitória: Arquivo Público Estadual, 2008. Col. Canaã; v. 7; p. 67.
86 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. xxiv.
87 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Organização de Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014. p 239-240.
88 O Espirito-santense. Vitória (ES), 25 set. 1872; nº 126; p. 1.
89 O Espirito-santense. Vitória (ES), 8 mar. 1873; nº 185; p. 2.; O Espirito-santense. Vitória (ES), 27 set. 1873; nº 270; p. 4.
90 O Espirito-santense. Vitória (ES), 1 jul. 1875; nº 78; p. 2.
91 O Espirito-santense. Vitória (ES), 23 dez. 1885; nº 103; p. 4.
92 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 30 mar. 1887; nº 26; p. 2.
93 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 21 nov. 1889; nº 659; p. 4.
94 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 jan. 1890; nº 2122; p. 4.
95 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 6 mar. 1890; nº 689; p. 2.
96 A nova freguesia de "São Benedito do Riacho" foi criada pela lei nº 25 de 9 de dezembro de 1864.
97 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito- santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias). Vitória (ES): Imprensa Oficial. 1944; p. 64.
98 ARAUJO, Geraldo Magela da Silva. Crônica do Naufrágio em Regência Augusta. Aracruz (ES): Gráfica Help Book. 2022; p. 175.
99 Pietro Tabacchi faleceu em 1874.
100 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pp. 116-117.
101 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 4 jun. 1864; nº 18; p. 2.
102 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 4 jun. 1864; nº 18; p. 2.
Jornal da Victoria. Vitória (ES), 18 jun. 1864; nº 22; p. 1.
103 BICHARA, Terezinha Tristão. História do Poder Legislativo do Estado do Espírito Santo 1835-1889. Vitória. Leoprint, 1984. V. 1.1.1. [??] p. 199.
104 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 21 jun. 1867; nº 321; p.2.
105 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Organização de Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p 184.
106 Relatório com que foi aberta a sessão extraordinária a Assembleia Legislativa Provincial pelo exmo. Sr. dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio presidente da província no ano de 1868. Vitória. Tipografia do Jornal da Vitória. 1868. Anexo C; pp. 7-8
107 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 7 out. 1868; nº 452; p.1.
108 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 5 dez. 1866; nº 265; p.1.
109 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 20 mai. 1868; nº 413; p.1.
110 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 17 abr. 1868; nº 404; p.2.
111 APEES. Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311.
112 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 7 fev. 1869; nº 495, p. 4.
113 E com uma filha recém nascida, como adiante veremos.
114 Correio da Victoria. Vitória (ES), 9 mai. 1869; nº 36, p. 1.
115 BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Anais do Parlamento Brasileiro. Câmara dos

srs. Deputados, primeiro ano da décima quarta legislatura, sessão de 1869, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Velleneuve & C. 1869, tomo 4; p. 48.
116 BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Anais do Parlamento Brasileiro. Câmara dos srs. Deputados, segundo ano da décima quarta legislatura, sessão de 1870, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Velleneuve & C. 1870, tomo 3; p. 244.
117 Correio da Victoria. Vitória (ES), 17 ago. 1870; nº 63; p. 1.
118 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 22 out. 1870; nº 10; p. 2
119 BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Anais do Parlamento Brasileiro. Câmara dos srs. Deputados, terceiro ano da décima quarta legislatura, sessão de 1871, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Velleneuve & C. 1871, tomo 2; p. 25-26.
120 A doença da qual sofria o padre é assim definida pelo dicionário Michaelis: "Doença crônica, tropical, causada por filaríase dos canais linfáticos e caracterizada por inflamação e obstrução dos vasos linfáticos e hipertrofia da pele e dos tecidos subcutâneos".
MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/elefant%C3%ADase/. Acesso em: 6 abr. 2014.
121 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 31 dez. 1871; nº 53; p. 420.
122 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 12 jun. 1873; nº 225; p. 2.
123 CLÁUDIO, Afonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p 226.
124 SIQUEIRA, Francisco Antunes de. Poemeto descritivo em oito cantos. Vitória: Tipografia da Província, 1884.
125 A expressão latina, transcrita no artigo original com erro, certamente do tipógrafo, quer dizer: "tanto rancor na alma dos deuses.
Jornal da Victoria. Vitória (ES), 17 set. 1864; nº 46; p.2.
126 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 7 set. 1867; nº 343; p.3.
127 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Organização de Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p 184.
128 O Espirito-Santense, Vitória(ES), 26 abr. 1879; nº 34, p. 2.
129 Antiga denominação do Tribunal de Justiça.
130 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 29 mai. 1867; nº 314; p. 2.
131 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 12 mai. 1874; nº 367; p. 4.
132 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 17 jul. 1877; nº 85; p. 3.
133 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 out. 1886; nº 81; p. 3.
134 DAEMON, Basílio de Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. 2. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010 [1879]; p. 401.
135 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Org. Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p. 225.
136 DAEMON, Basílio de Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. 2. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010 [1879]; pp. 412-413.
137 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 11 set. 1869; nº 548; p. 1.
138 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 15 nov. 1869; nº 573; pp. 1 e 2.
139 PIROLA, André Luiz Bis. Lutas, leis e livros: professores de história na história do ensino no Espírito Santo (1850 - 1950). 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013; p. 138.
140 PIROLA, André Luiz Bis. Lutas, leis e livros: professores de história na história do ensino no Espírito Santo (1850 - 1950). 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013; p. 138.
141 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 7 dez. 1875; nº 146; p. 3.
142 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 18 dez. 1877; nº 151; p. 2.
O Espirito-Santense. Vitória (ES), 3 jan. 1878; nº 2; p. 1.
143 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 20 jul. 1884; nº 107; p. 4.
O Espirito-Santense. Vitória (ES), 24 jul. 1884; nº 58; p. 3.
144 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 7 mai. 1892; nº 2726; p. 1.
145 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 5 fev. 1897; nº 29; p. 2.
146 Natural de Vitória, nascido em 18/12/1849, foi professor, funcionário público, deputado provincial e estadual.
O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 ago. 1871; nº 63; p. 1.

147 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 4 out. 1871; nº 71, p. 1.
148 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 19 out. 1871; nº 74, p. 2.
149 O ofício de 9 de janeiro de 1872 é o primeiro no códice com a assinatura do Padre Antunes, em Conceição da Barra (APEES. Vitória. Série Accioly; livro nº 187). Ver Achiamé em: SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pág. xxiv.
150 A Republica. Rio de Janeiro (RJ), 25 fev. 1872; nº 277, p. 1.
151 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999. pág. xxiv.
152 A festa é descrita em seus livros "Esboço Histórico", no capítulo "Festa na Barra de São Mateus" e "A Vitória através de meio século", no capítulo 19.
153 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias). Vitória (ES): Imprensa Oficial. 1944; pp. 83-84.
SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pág. 85.
154 Aos 28 de setembro de 1871.
155 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 28 abr. 1888, p. 3.
156 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 28 ago. 1872; nº 118; p. 4.
157 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pág. xxiv.
158 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 6 jan. 1874; nº 313; p. 1.
159 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 10 abr. 1873; nº 199; p. 4.
160 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 27 mai. 1873; nº 218; p. 3.
161 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 21 mar.1885; nº 23; p. 2.
162 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 2 nov. 1873; nº 44; p. 4.
163 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 13 jan. 1874; nº 316; p. 1.
164 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 25 jan. 1877; n. 11; p 1.
165 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 17 fev. 1874; nº 331; p. 1.
166 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 7 dez. 1881; nº 98; p. 2.
167 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 10 jan. 1884; nº 54; p. 2.
A Folha da Victoria. Vitória (ES), 17 jan. 1884; nº 56; p. 4.
168 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 28 mar. 1885; nº 25; p. 2.
169 Dom Lacerda foi nomeado bispo do Rio de Janeiro em 1868 substituindo Dom Manuel do Monte
170 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 8 abr. 1875; nº 42; p. 3.
171 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 30 jan. 1874; nº 12; p. 4.
172 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 22 ago. 1874; nº 411; p. 4.
173 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 4 fev. 1875; nº 26; p. 2.
174 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 28 set. 1876; nº 117; p. 1.
175 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 31 set. 1876; nº 131; p. 4.
176 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 26 out. 1876; nº 129; pp. 1-2.
177 O dispositivo legal que regia tal assunto é o decreto 1911 de 28 de março de 1857.
178 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 nov. 1876; nº 135; pp. 1-2.
179 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 19 dez. 1876; nº 152; p. 1.
Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1891. Ano 1877; edição 007; imagem 101; p. 116.
180 Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1892. Ano 1877; edição 007; imagem 102; p. 117.
181Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1893. Ano 1877; edição 007; imagem 104; p. 119.
182 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 4 jan. 1877; nº 2; p. 4.
183 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 jan. 1877; nº 4; p. 3.
184 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 13 jan. 1877; nº 6; p. 3.
185 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 4 jan. 1877; nº 2; p. 4.

186 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 29 mai. 1877; nº 64; p. 4.
187 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 26 jun. 1877; nº 76; p. 1.
188 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 21 ago. 1877; nº 100; p. 3.
189 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 13 dez. 1877; nº 149; p. 4.
190 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 29 dez. 1877; nº 156; p. 2.
191 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 27 fev. 1878; nº 22; p. 3.
192 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 6 abr. 1878; nº 33; p. 4.
193 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 17 abr. 1878; nº 36; p. 3.
194 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 27 abr. 1878; nº 39; p. 3.
195 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 14 ago. 1878; nº 70; p. 3.
196 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 31 ago. 1878; nº 75; p. 4.
197 A Actualidade. Vitória (ES), 13 set. 1878; nº 73; p. 2.
198 A Actualidade. Vitória (ES), 4 out. 1878; nº 82; p. 1.
199 Sete de Setembro. Vitória (ES), 10 nov. 1878; nº 10; p. 3. O soneto segue transcrito na seção "Antologia - Poemas" da presente obra.
200 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 8 set. 1878; nº 102; p. 3.
201 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 28 dez. 1878; nº 109; p. 3.
202 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 31 jan. 1879; nº 14; p. 4.
203 A retratação feita pelo Padre Antunes segue transcrita na seção "Antologia – Prosas" da presente obra.
204 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 10 jan. 1879; nº 5; p. 1.
205 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 12 jan. 1879; nº 6; p. 2.
206 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 25 jan. 1879; nº 8; p. 4.
207 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 28 dez. 1879; nº 150; p. 2.
208 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 11 jun. 1880; nº 64; p. 1.
209 O Espirito-santense. Vitória (ES), 5 jun. 1880; nº 2; p. 2.
210 O Espirito-Santense. Vitória (ES), nº 11, 7 jul. 1880, p. 2.
211 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 14 jul. 1880; nº 13, p. 4. Seguem transcritas na seção "Antologia - Poemas" da presente obra.
212 O Espirito-Santense. Vitória (ES), nº 27, 2 abr. 1881. Noticiário, p. 2.
213 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 10 abr. 1881; nº 40; p. 1.
214 O Espirito-Santense. Vitória (ES), nº 27, 2 abr. 1881, p. 2.
215 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 22 nov. 1890; nº 2371; p. 2.
216 O EspIrito-Santense. Vitória (ES), 21 dez. 1881; nº 102; p. 3.
217 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 19 jul. 1877; nº 86; p. 3.
218 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pp. xxv-xxvi.
219 FRAGA, Christiano Woelffel. Maçonaria no Espírito Santo. Loja União e Progresso. Vitória. Gráfica Ita Ltda. [1995?]; p. 241.
220 Transferindo-se para Vitória, foi deputado provincial, secretário do governo, provedor da Santa Casa de Misericórdia, além de ocupar diversos outros cargos públicos.
221 MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz. Organização de Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014; p. 65.
222 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 19 jan. 1889; nº 6, p. 2.
223 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 18 jul. 1889; nº 622; p. 2.
224 Escrito em Vitória, aos 13 de março de 1890.
225 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 16 mar. 1890; nº 692; p. 3.
226 Vale consignar que já referido Aristides Freire, católico, era também maçom.
227 MORAES, Paulo Stuck. Catálogo de Associados do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Vitória. Edição do autor. 2022; p. 71.
228 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 16 mar. 1890; nº 692; pp. 1-2.
229 CLÁUDIO, Afonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p 214.
230 Em 4 de novembro de 1885 o vigário e arcipreste José Gomes de Azambuja Meirelles esclarece que a provisão de ordens passada ao Padre Antunes, "impõe a clausula de coadjuvar o parocho em todo o serviço de egreja; para mais tarde corroborar esta cláusula, acrescenta: _ E com esta provisão se apresentará á seu revd. Parocho para lhe ministrar os ornamentos necessarios á celebração do Culto Divino; se quizer

novas provisões, nos apresentará um attestado de seu parocho, no qual afirmará o cumprimeito de todas as clausulas, exaradas nesta provisão"
231 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 5 nov. 1885; nº 221; p. 4.
232 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 11 set. 1869; nº 548; p. 3
233 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 25 fev. 1873; nº 180; p. 4
234 Ramo composto pelo grupo de membros leigos dos Carmelitas da Antiga Observância ou Ordem dos Carmelitas Calçados, cujos frades fundaram o convento do Carmo, ainda hoje existente em Vitória apesar das várias reformas que muito o descaracterizou.
235 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 13 out. 1886; nº 316; p. 4.
236 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 19 out. 1887; nº 84; p. 3.
237 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 23 mar. 1890, nº 694. p. 3.
238 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 15 jul. 1891; nº 2549. p. 3.
239 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 22 jul. 1891; nº 2549; p. 3.
240 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 18 abr. 1886; nº 266; p. 4.
241 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 24 abr. 1887; nº 381; p. 4.
242 A antiquíssima Irmandade de São Benedito, única existente na capital, foi dividida em duas após rusgas envolvendo os irmãos e o então guardião do convento, frei Manuel de Santa Úrsula, culminando com a retirada da imagem de São Benedito da igreja do convento a 23 de setembro de 1833, quando era guardião frei Antônio de São Joaquim. A imagem foi levada para a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e ali fundada nova irmandade.
243 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pp. 70-72.
244 O Espirito-santense. Vitória (ES), 17 mai. 1883; nº 39; p. 2.
245 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 2 out. 1887; nº 436; p. 4.
246 Tal irmandade "deixou de existir ainda na primeira metade do século XX. Os seus devotos mantiveram a devoção através de missas anuais, e se uniram em torno da devoção a São Benedito do Rosário. BONICENHA, Walace. Devoção e Caridade. As Irmandades Religiosas na Cidade de Vitória – ES. Vitória. Ed. Multiplicidade. 2004; p. 155
247 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 8 jul. 1885; nº 835; p. 4.
248 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 15 jun. 1881; nº 48; p. 1.
249 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 29 mar. 1883; nº 25; p. 1.
250 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 24 dez. 1868; nº 480; pp.3 e 4.
251 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 1 mai. 1873; nº 207; p. 2
252 Referência a grandes oradores sacros do passado: Jacques-Bénigne Bossuet; Jean-Baptiste Massillon; Louis Bourdaloue; François Fénelon e Francisco do Monte Alverne.
253 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 18 ago. 1874; nº 409, p. 2.
254 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 jan. 1877; nº 4; p. 4.
255 O folhetim é anônimo, assinado apenas por "A...".
256 O Espirito-Santense. Vitória (ES), nº 152, 21 dez. 1875. pp. 1-2.
257 A Actualidade. Vitória (ES), 20 nov. 1878; nº 102; p. 4.
258 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 20 nov. 1878; nº 98; p. 4.
259 DAEMON, Basílio de Carvalho. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. 2. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010 [1879]. P. 510-512.
260 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 20 abr. 1881; nº 32; pp. 2 e 3. A "Resposta" do Padre Antunes aos amigos segue transcrita na seção "Antologia – Prosas" da presente obra.
261 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 17 jan. 1884; nº 56; p. 2.
262 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 27 dez. 1883; nº 50; p. 3.
263 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 26 mai. 1886; nº 42; p. 3.
264 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 12 mai. 1887; nº 386; p. 2.
265 Este asilo funcionou "com a ajuda dos Cofres Provinciais e de donativos de particulares. Por problemas financeiros e falta de pessoal para atendimento apropriado, foram os internos transferidos para o Sanatório do Rio de Janeiro, 10 anos depois de ter sido inaugurado".
BONICENHA, Walace. Devoção e Caridade. As Irmandades Religiosas na Cidade de Vitória – ES. Vitória. Ed. Multiplicidade. 2004; p. 126.
266 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 19 ago. 1886; nº 300; p. 3.
267 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 31 mar. 1869; nº 506; p. 4.

268 Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1890. Ano 1870; edição 001; imagem 62 – anexo C.
269 Correio da Victoria. Vitória (ES), 20 nov. 1869; nº 91; p. 4.
270 O Espirito-Santense. Vitória (ES) 1 ago. 1874; nº 402; p. 2.
271 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 28 ago. 1872; nº 118; p. 4.
272 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 27 mai. 1875; nº 63; p. 1.
273 Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1890. Ano 1875; edição 002; imagem 18; p. 15.
274 Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1891. Ano 1877; edição 007; imagens 68 e 69. pp. 70 e 71.
275 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 dez. 1897; nº 281; p. 1.
276 CLAUDIO, Affonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p 213.
277 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 29 mar. 1883; nº 25; p. 2.
278 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 27 nov. 1877; nº 142; p. 1.
279 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 6 dez. 1885; nº 230; p. 2.
280 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 21 fev. 1886; nº 251; p. 2.
281 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 21 abr. 1886; nº 380; p. 2.
282 Amigo do Padre Antunes, o médico Manoel Goulart de Souza residia no Espírito Santo, era membro da Irmandade da Misericórdia, trabalhava na Santa Casa e foi também inspetor de Portos, além de professor. A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 11 mar. 1886; nº 1030; p. 3.
283 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 8 jan. 1888; nº 462; p. 1.
284 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 15 jan. 1893; nº 2975; p. 2.
285 Estado do Espírito Santo. Vitória (ES), 28 abr. 1894; nº 3430; p. 2.
286 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 28 mar. 1888; nº 25; p. 1.
287 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 26 jan. 1890. nº 678; p. 4.
288 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 20 jul. 1892; nº 2798; p. 2.
289 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 8 mar. 1891; nº 2451; p. 2.
290 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 5 jul. 1896; nº 4253; p. 1.
291 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 5 abr. 1892; nº 2697; p. 2.
292 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; pág. 121.
293 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 5 jan. 1875; nº 2; pp. 2-3.
294 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 19 ago. 1875; nº 99, p. 4.
295 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 23 mai. 1876; nº 62, p. 3.
296 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 23 mai. 1876; nº 62, p. 1.
297 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 23 mai. 1876; nº 62, p. 3.
298 O Espirito-santense. Vitória (ES), 23 mai. 1876; nº 62, p. 3.
299 SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999; p. 121.
300 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 24 abr. 1884; nº 82; p. 2.
301 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 1 mai. 1884; nº 84; p. 2.
302 PEREIRA, Amâncio. Homens e Cousas Espírito-santenses. 2ª ed. Vitória (ES), Secretaria Municipal de Cultura. 2020; p. 135.
303 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 20 abr. 1888; nº 1640; p. 3.
304 A publicação do estudo parece ter sido interrompida com a iminente chegada do momento próprio da abolição, pois o padre finaliza o último artigo encontrado, no jornal de 28 de abril, com a palavra "Continua", porém, não são encontradas outras publicações de sua autoria sobre o assunto até o dia 18 de maio, quando encontramos o discurso proferido pelo Padre Antunes por ocasião das festas em comemoração à extinção da escravidão realizadas em Vitória.
305 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 13 mai. 1888; nº 496; p. 2.
306 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 16 mai. 1888; nº 39; p. 3.
307 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 8 abril 1888; nº 486; p. 2. Um recorte desse discurso segue transcrito na seção "Antologia – Prosas" da presente obra.
308 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 12 abril 1888; nº 487; p. 2.

309 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 6 mai. 1894; nº 125; p. 2.
310 CLAUDIO, Affonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p 232. Segue na seção "Antologia – Poemas" da presente obra.
311 CLAUDIO, Affonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p 232.
312 Correio da Victoria. Vitória (ES), 6 abr. 1870; nº 27; p. 3. Segue também na seção "Antologia – Poemas" da presente obra.
313 O Estandarte. Cachoeiro de Itapemirim (ES), 24 abr. 1870; nº 47; p. 3.
314 ELTON, Elmo. Velhos Templos de Vitória e Outros Temas Capixabas. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987. P. 89.
315 APEES. Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311; pp. 146 e 155.
316 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 3 jul. 1890; nº 2258; p. 2.
317 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 5 ago. 1890; nº 2285; p. 2.
318 CALAZANS, João. "Noticia breve sôbre o Padre Antunes" in SIQUEIRA, Francisco Antunes. Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-Santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias). Vitória (ES): Imprensa Oficial. 1944; p. 11.
319 Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-Santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias).
320 Gazeta de Itapemirim. Itapemirim (ES), 28 mai. 1882; nº 1; p. 2.
321 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 7 jun. 1888; nº 503; p. 2.
322 O Cachoeirano. Cachoeiro de Itapemirim (ES), 30 set. 1888; nº 40; p. 2.
323 O Cachoeirano. Cachoeiro de Itapemirim (ES), 18 jun. 1893; nº 21; p. 3.
324 A Folha da Victoria. Vitória (ES), 19 set. 1889; nº 640; p. 3.
325 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 6 jan. 1895; nº 3758; p. 1.
326 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 7 jul. 1894; nº 186; p. 2.
327 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 19 jun. 1892; nº 529; p. 2.
328 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 22 ago. 1884; nº 587; p. 2.
329 CLAUDIO, Affonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p 231.
330 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 4 set. 1888; nº 1742; p. 2. Uma das associações literárias capixabas que antecederam a criação da Academia Espírito-santense de Letras.
331 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 mai. 1896; nº 4198; p. 3.
332 FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. rev. Global Editora. São Paulo. 2006; p. 508.
333 Composto em 1859; dedicado ao presidente da província Pedro Leão Veloso, a quem o autor solicitou a apresentação do livro ao bispo para aprovação, publicação e adoção nas escolas públicas da província.
334 Com que o Padre Antunes presenteou os editores do "O Apostolo".
335 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 26 jun. 1870; nº 27; p. 216.
336 Este "livro" foi publicado em artigos no jornal "O Espirito-Santense".
337 Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999.
338 Organização: Geraldo Magela da Silva Araujo. Vitória (ES). Editora Garcia (Juiz de Fora-MG). 2022.
339 Poemeto em três cantos, originalmente publicado no jornal 'A Provincia do Espirito-Santo', Vitória (ES), 4 out. 1887; p. 3. Anexo à obra Crônica do Naufrágio em Regência Augusta: em que se aborda o trágico sinistro do cruzador 'Imperial Marinheiro' da Marinha de Guerra Brasileira na foz do majestoso rio Doce no dia da Independência no ano de 1887, sob a ótica do envolvimento de Caboclo Bernardo, Major Basílio e Padre-Mestre Antunes, três altruístas personagens da história capixaba, ligados ao município de Aracruz, do estado do Espírito Santo. Aracruz (ES): Gráfica Help Book. 2022.
340 1ª ed. Rio de Janeiro (RJ). Typographia G Leuzinger & Filhos. 1893. E outra edição: 2ª ed. Vitória (ES). Imprensa Oficial. 1944.
341 SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Diccionario Bibliographico Brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893; 2º vol. p. 402.
342 ELTON, Elmo. Velhos Templos de Vitória e Outros Temas Capixabas. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987; p. 89.
343 Pensamos ser Dalmácia nascida antes da irmã Petronilha. Sutilmente é citada em primeiro lugar, na dedicatória que faz às filhas, da obra "Poemeto" e em todas as demais citações de ambas por nós encontradas.
344 MORAES, Paulo Stuck. Tópicos de genealogia capixaba. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de-genealogia-capixaba.html "Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira". Acesso em 8 de

abril de 2020, 00:18 h).
345 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 jun. 1874; nº 379; p. 2.
346 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 20 jun. 1874; nº 384; p. 2.
347 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 4 ago. 1874; nº 403; p. 1.
348 MORAES, Paulo Stuck. Tópicos de genealogia capixaba. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de-genealogia-capixaba.html "Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira". Acesso em 8 de abril de 2020, 00h18).
349 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 22 jun. 1875; nº 74; p. 2.
350 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 15 jul. 1875; nº 84; p. 1.
351 MORAES, Paulo Stuck. Tópicos de genealogia capixaba. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de-genealogia-capixaba.html "Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira". Acesso em 8 de abril de 2020, 00h18).
352 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 18 dez. 1878; nº 106, p. 4.
353 Jornal da Victoria. Vitória (ES), 27 abr. 1867; nº 305; p.2.
354 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 26 jul. 1891; nº 2556; p. 2.
355 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 12 out. 1892; nº 2882; p. 1. Nas publicações de 15 e 20 de outubro também.
356 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 23 ago. 1894; nº 233; p. 1.
357 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 15 ago. 1894; nº 3538; p. 1.
358 A primeira diocese do estado do Espírito Santo é hoje a "Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo".
359 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 30 set. 1892; nº 2870; p. 2.
360 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 27 jan. 1895; nº 3779; p. 2.
361 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 28 jan. 1895; nº 3780; p. 1.
362 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 12 dez. 1895; nº 4082; p. 2.
363 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 16 abr. 1895; nº 105; p. 1.
364 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 14 mai. 1896; nº 114; p. 2.
365 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 3 mai. 1896; nº 4200; p. 2.
366 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 29 maio 1896. nº 4221. p. 1.
367 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 18 ago. 1896; nº 196; p. 2.
368 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 30 abr. 1897; nº 100; p. 4.
369 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 31 mar. 1897; nº 75; p. 2.
370 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 abr. 1897; nº 77; p. 2.
371 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 4 abr. 1897; nº 79; p. 2.
372 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 abr. 1897; nº 78; p. 2.
373 As críticas seguem no número 82 de 6 de abril.
374 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 19 mai. 1897; nº 115; p. 1. O soneto segue transcrito na seção "Antologia - Poemas" da presente obra.
375 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 22 mai. 1897; nº 115; p. 2.
376 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 28 mai. 1897; nº 123; p. 1.
377 O poema de saudação a Dom Nery segue transcrito no anexo "Antologia – Poemas" da presente obra.
378 Pela segunda vez Constante Gomes Sodré administra o Espírito Santo. Certamente o Padre Antunes com ele confabulou acerca do seu pedido de aposentadoria, apresentado ao governo.
379 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 28 ago. 1897; nº 200; p. 1.
380 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 31 ago. 1897; nº 203; p. 1.
381 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 16 nov. 1897; nº 268; p. 2.
382 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 7 set. 1897; nº 209; p. 2.
383 NERY, Dom João Baptista Corrêa. Carta Pastoral de D. João Baptista Corrêa Nery despedindo-se da diocese do Espírito Santo seguida de algumas noticias sobre a mesma diocese. Campinas (SP). Typ. a Vapor - Livro Azul – Castro Mendes & Irmão. 1901; p. 20.
384 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 23 nov. 1897; nº 274; pp. 1 e 2.
385 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 30 nov. 1897; nº 280; p. 2.
386 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 30 nov. 1897; nº 280; p. 2.
387 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES); 30 nov. 1897; nº 280; p. 1.
388 Nery, Dom João Baptista Corrêa. Carta Pastoral de D. João Baptista Corrêa Nery despedindo-se da diocese do Espírito Santo seguida de algumas noticias sobre a mesma diocese. Campinas (SP). Typ. a

Vapor - Livro Azul – Castro Mendes & Irmão. 1901; p. 21.
389 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 dez. 1897; nº 281; p. 2.
390 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 dez. 1897; nº 281; p. 1.
391 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 dez. 1897; nº 281; p. 2.
392 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 dez. 1897; nº 281; p. 1.
393 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 1 dez. 1897; nº 281; p. 2.
394 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 4 dez. 1897; nº 284; p. 2.
395 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 5 dez. 1897; nº 285; pp. 2-3.
396 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 14 dez. 1897; nº 292; p. 2.
397 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 2 dez. 1897; nº 282; p. 2.
398 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 15 ago. 1874; nº 408; p. 2.
399 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 4 jan. 1877; nº 2; p. 4.
400 ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. Disponível em https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos /cadeira_16.html. Acesso em 15 de junho de 2023. 00h30.
401 VALLADARES, Andra. [Sobre a Academia de Letras de Vila Velha]. Whatsapp: [Andra Valladares] 28 set. 2023. 12h37. 1. Mensagem do whatsapp.
402 O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 5 ago. 1890; nº 2285; p. 2.
403 Sete de Setembro. Vitória (ES), 10 nov. 1878; nº 10; p. 3.
404 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 14 jul. 1880; nº 13; p. 4.
405 Assim descreve Afonso Cláudio o momento em que, de improviso, Padre Antunes recitou pela primeira vez este soneto. Foi transcrito aqui com as palavras usadas por Afonso Cláudio em seu livro. Ver: CLÁUDIO, Afonso. Historia da Litteratura Espirito-Santense. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912; p. 232.
406 Correio da Victoria. Vitória, 6 abr. 1870; nº 27; p. 3. Dias depois, ao ser publicado na imprensa, o soneto foi dedicado ao então presidente da província, Antônio Dias Paes Leme e grafado desta forma.
407 Publicado novamente no "O Espirito-Santense", de Vitória (ES), em 24 de abril de 1870.
408 Publicado ainda no "O Estandarte", de Cachoeiro de Itapemirim (ES), em 24 abr. 1870; nº 47; p. 3.
409 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 19 mai. 1897; nº 115; p. 1.
410 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 28 mai. 1897; nº 119; p. 2.
411 O Estado do Espirito Santo, 5 mai. 1892; nº 2724; pp. 1 e 2.
412 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 21 dez. 1878; nº 107; p. 1.
413 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 17 mai. 1883; nº 39; p. 2. Em 1853, então com 21 anos, o Padre Antunes compôs este soneto em homenagem a São Benedito à época muito venerado pelo povo de Vitória.
414 O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ), 10 jan. 1879; nº 5; p. 1.
415 Padre Antunes aqui responde a uma "Manifestação" de um grupo de amigos e fiéis da paróquia de Vitória, em agradecimento pela disponibilidade com que ele celebrou na cidade todos os atos da Semana Santa no ano de 1881. O Espirito-Santense. Vitória (ES), 20 abr. 1881; nº 32; p.2.
416 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 18 mai. 1888; nº 1654; pp. 2-3.
417 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 26 abr. 1888; nº 1637; pp. 2-3.
418 A Provincia do Espirito Santo. Vitória (ES), 21 abr. 1888; nº 1633; p. 3.
419 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 9 mai. 1876; nº 56; p. 2. A primeira parte do texto aqui reproduzido foi publicado na edição nº 56.
420 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 13 mai. 1876; nº 58; p. 3. A sequência deste texto foi publicada na edição nº 58.
421 O texto traz a veia cômica do Padre Antunes ao descrever a cena de Tabacchi rindo "estrondosamente", mas calando-se diante da ameaça do índio, de colocar o sol dentro da sua cabeça. SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/ Florecultura, 1999. pp. 116-117.
422 O Espirito-santense. Vitória (ES), 2 abr. 1882; nº 26; pp. 3-4
423 Estado do Espirito Santo. Vitória (ES), 17 jul. 1894; nº 3509; p. 1.
424 O Espirito-Santense. Vitória (ES), 17 abr. 1878; nº 36; pp. 3-4. Esta é a primeira parte do artigo filosófico "A causa dos nossos erros".
425 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 8 abr. 1894; nº 97; p. 2.
426 Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES), 11 abr. 1894; nº 100; p. 2.
427 A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES), 17 out. 1885; nº 919; pp. 2-3.

REFERÊNCIAS

OBRAS

ACHIAMÉ, Fernando Antônio de Morais. **Estudo sobre a autoria da obra "Memórias do passado: a Vitória através de meio século"**. Ver: SIQUEIRA, Francisco Antunes. Memórias do passado: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/ Florecultura, 1999.

ARAUJO, Geraldo Magela da Silva. **Crônica do naufrágio em Regência Augusta**: em que se aborda o trágico sinistro do cruzador 'Imperial Marinheiro' da Marinha de Guerra Brasileira na foz do majestoso rio Doce no dia da Independência no ano de 1887, sob a ótica do envolvimento de Caboclo Bernardo, Major Basílio e Padre-Mestre Antunes, três altruístas personagens da história capixaba, ligados ao município de Aracruz, do estado do Espírito Santo. Aracruz (ES): Gráfica Help Book. 2022.

BIARD, Auguste-François. **Viagem à província do Espírito Santo**. (Deux années au Brésil - III Province d'Espirito Santo, Tradução de José Augusto Carvalho) Vitória: Cultural-ES; Aracruz Celulose; Fundação Jônice Tristão, s/d.

BICHARA, Terezinha Tristão. **História do Poder Legislativo do Estado do Espírito Santo 1835-1889**. Vitória. Leoprint, 1984.

BONICENHA, Walace. **Devoção e Caridade. As Irmandades Religiosas na Cidade de Vitória – ES**. Vitória. Ed. Multiplicidade. 2004.

CALAZANS, João. "**Noticia breve sôbre o Padre Antunes**". Ver: SIQUEIRA, Francisco Antunes. Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-Santense (desde os tempos coloniais até os nossos dias). Vitória (ES): Imprensa Oficial. 1944.

CARVALHO, José Antonio. **O colégio e as Residências dos Jesuítas no Espírito Santo**. 2ª ed. Vitória: EDUFES, 2019.

CLÁUDIO, Afonso. **Historia da Litteratura Espirito-Santense**. Porto. Officinas do 'Commercio do Porto'. 1912.

COELHO, José. **Estado do Espírito Santo. República dos E. U. do Brasil. Obra de Propaganda Geral.** Rio de Janeiro (RJ): Pap. Venus - Henrique Velho e Comp. 1924[?].

COUTINHO, José Caetano da Silva. **O Espírito Santo em princípios do século XIX**: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua viagem à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819 (transcrição do original por Maria Clara Medeiros Santos Neves). Vitória: Estação Capixaba e Cultural-ES, 2002.

DAEMON, Basílio Carvalho. **Província do Espírito Santo**: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. 2.ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Coleção Canaã, v.12.

ELTON, Elmo. **Velhos Templos de Vitória e Outros Temas Capixabas**. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987.

FRAGA, Christiano Woelffel. **Maçonaria no Espírito Santo. Loja União e Progresso**. Vitória. Gráfica Ita Ltda. [1995?]; p. 241.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. rev. Global Editora. São Paulo. 2006.

MARTINUZZO, José Antônio. ZANOTTI, Rosane Vasconcelos. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Prainha do Espírito Santo**. Vitória (ES). Governo do Estado do Espírito Santo/ Instituto Sincades. 2018.

LIMA JÚNIOR, Carlos Benevides. **O Álbum de Vitória. A memória da cidade nos cartões--postais**. Vitória (ES). Multiplicidade. 2012.

MELO JÚNIOR, Antônio Machado Bittencourt. **Estudos históricos sobre a vila de Santa Cruz**. Org. Geraldo Magela da Silva Araújo. Vitoria: IHGES, 2014.
MORAES, Paulo Stuck. **Catálogo de Associados do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**. Vitória. Edição do autor. 2022.
NERY, Dom João Baptista Corrêa. **Carta Pastoral de D. João Baptista Corrêa Nery despedindo-se da diocese do Espírito Santo seguida de algumas noticias sobre a mesma diocese**. Campinas (SP). Typ. a Vapor - Livro Azul – Castro Mendes & Irmão. 1901.
PEREIRA, Amâncio. **Homens e Cousas Espírito-santenses**. 2ª ed. Vitória (ES), Secretaria Municipal de Cultura. 2020.
ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 3. ed. Vitória: Arquivo Público Estadual, 2008. Col. Canaã; v. 7.
SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. **Diccionario Bibliographico Brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893; 2º vol.
SIQUEIRA, Francisco Antunes de. **Breve Memória sobre a Independência do Brasil.** 1884. Organização: Geraldo Magela da Silva Araujo. Vitória (ES). Editora Garcia (Juiz de Fora-MG). 2022.
SIQUEIRA, Francisco Antunes. **Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-santense** (desde os tempos coloniais até os nossos dias). Vitória (ES): Imprensa Oficial. 1944.
SIQUEIRA, Francisco Antunes de. **Poemeto descritivo em oito cantos**. Vitória: Tipografia da Província, 1884.
SIQUEIRA, Francisco Antunes. **Memórias do passado**: a Vitória através de meio século: folhetim publicado no jornal a província do Espírito Santo em 1883. Edição de texto, estudo e notas Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Florecultura, 1999.
SIQUEIRA, Francisco Antunes de. **Monumento de patriótica gratidão em honra do Caboclo Bernardo** o salvador das vidas no naufrágio do cruzador "Imperial Marinheiro". 1887 Poemeto em três cantos, originalmente publicado no jornal 'A Provincia do Espirito-Santo', Vitória (ES). Ver: "Crônica do naufrágio em Regência Augusta", de Geraldo Magela da Silva Araujo.

FONTES

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO-APEES. "**Correspondências recebidas pelo Presidente da Província, de Autoridades Religiosas e Diversos de Santa Cruz [Aracruz] (1840-1920)**" pertencente a Série Accioly do Fundo Documental Governadoria. Livro 311.
BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Anais do Parlamento Brasileiro**. Câmara dos srs. Deputados, primeiro ano da décima quarta legislatura, sessão de 1869, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Velleneuve & C. 1869, tomo 4.
BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Anais do Parlamento Brasileiro**. Câmara dos srs. Deputados, segundo ano da décima quarta legislatura, sessão de 1870, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Velleneuve & C. 1870, tomo 3.
BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Anais do Parlamento Brasileiro**. Câmara dos srs. Deputados, terceiro ano da décima quarta legislatura, sessão de 1871, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Velleneuve & C. 1871, tomo 2.
ESPÍRITO SANTO (Estado). **Processo de tombamento.** Vitória, Conselho Estadual de Cultura, Secretaria de Estado da Cultura, nº 23, 1985.
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA VITÓRIA. **Livro de batismo nº 15**; folha 48 (conforme certidão existente no processo de habilitação para o sacerdócio 'De Genere et Moribus'). Ver: MORAES, Paulo Stuck. **Tópicos de genealogia capixaba**. Vitória.
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Superintendência do Espírito Santo. **Coleção Eutychio d'Oliver.** Conceição da Barra - Vitória - Vila Velha - Aracruz/ES. 1907.

Relatório com que foi aberta a sessão extraordinária a Assembleia Legislativa Provincial pelo exmo. Sr. dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio presidente da província no ano de 1868. Vitória. Tipografia do Jornal da Vitória. 1868. Anexo C.
Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1888; Ano 1855; edição 001; imagem 25.
Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1890. Ano 1870; edição 001; imagem 62 – anexo C.
Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1890. Ano 1875; edição 002; imagem 18.
Relatórios e Falas dos presidentes da província do Espírito Santo 1833 a 1892. Ano 1877; edição 007; imagem 102.

TESE E DISSERTAÇÃO

PIROLA, André Luiz Bis. **Lutas, leis e livros: professores de história na história do ensino no Espírito Santo (1850 - 1950)**. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOARES, Jefferson da Costa. **As Contribuições de Joseph Herman para a educação brasileira no período imperial**. Hist. Educ. (online). Porto Alegre, jan./abr. 2018, vol. 22, n. 54, p. 318-333. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/66425. Acesso em 22 abr. 2020.

SÍTIOS DA INTERNET E WHATSAPP

Academia Espírito-santense de Letras. Disponível em https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos /cadeira_16.html. Acesso em 15 de junho de 2023. 00h30.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível em https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/MJSilveira.html. Acesso em 15 de junho de 2023. 02h30.

Estação Capixaba. Disponível em www.estacaocapixaba.com.br; acesso em 23 de agosto de 2023.

MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/elefant%C3%ADase/. Acesso em: 6 abr. 2014.

MORAES, Paulo Stuck. **Tópicos de genealogia capixaba**. Vitória. Ed. do autor. 2012 (ampliada e atualizada para publicação on line disponível em https://docplayer.com.br/9998356-Paulo-stuck-moraes-topicos-de-genealogia-capixaba.html "Notas genealógicas da família Antunes de Siqueira". Acesso em 8 de abril de 2020, 00h18 h).

VALLADARES, Andra. [Sobre a Academia de Letras de Vila Velha]. Whatsapp: [Andra Valladares]; 28 de setembro de 2023. 11h44.

CONVENTO DA PENHA. Disponível em https://conventodapenha.org.br. Acesso em 15 de setembro de 2023. 19h50.

PERIÓDICOS E JORNAIS OITOCENTISTAS DA HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL

Diversas edições dos seguintes periódicos e jornais do Espírito Santo e do Rio de Janeiro:

A Actualidade. Vitória (ES).
A Folha da Victoria. Vitória (ES).
A Provincia do Espirito-Santo. Vitória (ES).
A Republica. Rio de Janeiro (RJ).
Commercio do Espirito Santo. Vitória (ES).
Correio da Tarde. Rio de Janeiro (RJ).
Correio da Victoria. Vitória (ES).
Correio Mercantil. Rio de Janeiro (RJ).
Diario do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ).
Estado do Espirito Santo. Vitória (ES).
Gazeta de Itapemirim. Itapemirim (ES).
Jornal da Victoria. Vitória (ES).
Jornal do Commercio. Rio de Janeiro (RJ).
O Apostolo. Rio de Janeiro (RJ).
O Cachoeirano. Cachoeiro de Itapemirim (ES).
O Espirito-Santense. Vitória (ES).
O Estado do Espirito Santo. Vitória (ES).
O Estandarte. Cachoeiro de Itapemirim (ES).
O Globo. Rio de Janeiro (RJ).
Revista da Semana. Rio de Janeiro (RJ).
Sete de Setembro. Vitória (ES).

Geraldo Magela da Silva Araujo

Natural de Caratinga-MG, iniciou os estudos no Grupo Escolar Menino Jesus de Praga, na terra natal, e cursou o bacharelado em Direito no Espírito Santo. É cidadão honorário do município de Aracruz-ES, onde reside e advoga. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, membro correspondente da Academia Caratinguense de Letras e ocupante da cadeira nº 16 da Academia Aracruzense de Letras. Participou das coletâneas "Encontro de Escritores" (2013); "Rabiscos Confinados" (2021) e "1001 Poetas" (2022). Organizou para o IHGES: "Estudos Históricos sobre a Vila de Santa Cruz" (2014), "Santa Isabel, a primeira comunidade evangélica alemã no estado do Espírito Santo, Brasil" (2014); organizou também "Breve Memória Sobre a Independência do Brasil" de autoria de Antunes de Siqueira (2022). Suas crônicas foram premiadas em concursos da Academia Marataizense de Letras e da Academia Cariaciquense de Letras; sua poesia foi premiada pela Lura Editorial e inclusa em antologia lançada na Bienal do Livro do Rio de Janeiro 2023. Publicou: "São José Operário copadroeiro da Igreja Matriz Imaculada Conceição" (2015), "Sá Antônia, Monsenhor Rocha e o diabo" (2021) e "Crônica do Naufrágio em Regência Augusta" (2022).

Agradecimentos

Aos acadêmicos da Academia Espírito-santense de Letras, especialmente aos escritores Francisco Aurélio Ribeiro e Ester Abreu Vieira de Oliveira. Ainda ao Tiago de Matos Alves – APEES; Paulo Stuck Moraes – IHGES; Antônio Carlos Mosquito – IPHAN e Andra Valladares – ALVV – Fábio Pirajá.